

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

EVELYN DA SILVA

**A FORÇA ARGUMENTATIVA DA EMOÇÃO EM CARTAS DE
AUTOAPRESENTAÇÃO PARA NOVAS AMIZADES**

CURITIBA

2023

EVELYN DA SILVA

**A FORÇA ARGUMENTATIVA DA EMOÇÃO EM CARTAS DE
AUTOAPRESENTAÇÃO PARA NOVAS AMIZADES**

**The argumentative strength of emotion in self-introduction letters for new
friends**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do título de Mestre em Estudos de
Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR).

Orientador: Dr. Evandro De Melo Catelan

CURITIBA-PR

2023



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus Curitiba**



EVELYN DA SILVA

**A FORÇA ARGUMENTATIVA DA EMOÇÃO EM CARTAS DE AUTOAPRESENTAÇÃO PARA NOVAS
AMIZADES**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Estudos De Linguagens da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Área de concentração: Linguagem E Tecnologia.

Data de aprovação: 28 de Agosto de 2023

Dr. Evandro De Melo Catelan, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Maria De Lourdes Rossi Remenche, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Dra. Tatiane Valeria Rogerio De Carvalho, Doutorado - Seed - Secretaria Estadual de Educação do Paraná

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 23/09/2023.

Dedico este trabalho àqueles que estiveram comigo,
que sonharam meus sonhos, que acreditaram em
meu potencial quando eu mesma desacreditei.

AGRADECIMENTOS

Sim, cheguei até aqui! E confesso publicamente que não foi fácil, mas foi prazeroso. Todas as conquistas que a vida acadêmica me proporcionou - e continua proporcionando - foram alcançadas também por mérito das pessoas que encontrei durante a minha jornada.

Por isso, em primeiro lugar, agradeço ao meu atencioso e compreensível orientador Prof. Dr. Evandro Catelão, com quem sempre pude contar nos momentos de alegria ou de ansiedade e insegurança.

Em segundo lugar, agradeço à minha coordenadora no trabalho como analista de comunicação, Liège Cintra Mazanek de Lima e Silva, por me apoiar em todas as minhas tentativas de progredir.

Por fim, porém não menos importante, agradeço à minha querida mãe, Elisabete Antonia da Silva, por sempre ter exigido de mim um real e profundo compromisso com a educação ainda nos primeiros anos escolares.

Agradeço, ainda, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram comigo em pensamentos e boas vibrações. Acima de tudo, agradeço a Deus, por guiar cada um dos meus passos, agora e sempre!

A argumentação se sustenta tanto pelo que diz
com todas as letras quanto por aquilo que leva a
entender.
(AMOSSY, 2018).

RESUMO

A autoapresentação é um tipo de ação discursiva que permite que os sujeitos possam falar sobre si, desde características físicas até suas preferências particulares, como valores, histórico pessoal e outras informações. Como gênero do discurso, a carta de autoapresentação possibilitou, e ainda possibilita, em alguns casos, mesmo que raros no contexto contemporâneo, visto o alcance das plataformas digitais, a interação entre interlocutores, em determinados contextos de interação, como nas seções de cartas do leitor e/ou correspondência, particularmente presentes nos anos 70 e 80 nas revistas femininas. Com interesse nesse tipo de interação, este estudo tem o objetivo de analisar o emprego da emoção como recurso argumentativo no gênero carta de “autoapresentação para novas amizades”. Nesses limites, interessa-nos, particularmente, observar marcas do discurso patêmico (discurso emocionado), principalmente embasados nos estudos da retórica e da nova retórica. O chamado discurso emocionado ou de modalidade patêmica parece ser a modalidade argumentativa que mais se destaca no quesito pluralidade, visto que o ser humano, em algum momento da vida, já foi guiado por sentimentos e emoções, elementos que podem ser suscitados como recurso argumentativo na adesão à tese e, por essa distinção, é o cerne para a análise desta pesquisa. Ao considerar a concepção aristotélica de que as relações humanas se fundamentam na e pela linguagem, é coerente inferir que as interações sociodiscursivas e suas formas intencionais de agir sobre o outro sejam relevantes objetos de estudo. Para esta pesquisa, o foco será o emprego de recursos argumentativos na exposição de emoções em cartas de autoapresentação pessoal para o cumprimento de uma ação visada. Este estudo terá como ponto de partida as teorias delineadoras da Análise Textual Discursiva (ATD) e da Teoria da Argumentação no Discurso (TAD), de acordo com as concepções de Adam (2019); Amossy (2018); Cavalcante *et al* (2022); Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). A partir dessas considerações, a modalidade patêmica da argumentação terá como pontos direcionadores os estudos de Breton (1999); Charaudeau (2017); Plantin (2008). A construção do ethos discursivo de cada autora incrementarão a base científica da análise da presente dissertação, com foco nos conceitos defendidos por Amossy (2018). O corpus compreende uma amostra de seis cartas de autoapresentação, todas escritas por mulheres, retiradas de uma coletânea de 324 correspondências, remetidas em resposta a um anúncio publicado na seção Cantinho da Amizade da revista Capricho, em 4 de julho de 1973.

Palavras-chave: argumentação, emoção, gênero carta de autoapresentação, interações sociodiscursivas.

ABSTRACT

Self-presentation is a type of discursive action that allows subjects to talk about themselves, from physical characteristics to their particular preferences, such as values, personal history and other information. As a speech genre, the self-introduction letter enabled, and still enables, in some cases, even if rare in the contemporary context, given the reach of digital platforms, interaction between interlocutors, in certain interaction contexts, such as in the letters sections of the reader and/or correspondence, particularly present in the 70s and 80s in women's magazines. With an interest in this type of interaction, this study aims to analyze the use of emotion as an argumentative resource in the "self-introduction letter for new friendships" genre. Within these limits, we are particularly interested in observing marks of pathetic speech (emotional speech), mainly based on studies of rhetoric and new rhetoric. The so-called emotional or pathetic speech seems to be the argumentative modality that stands out most in terms of plurality, since human beings, at some point in their lives, have already been guided by feelings and emotions, elements that can be raised as an argumentative resource in adherence to the thesis and, due to this distinction, it is the core of the analysis of this research. When considering the Aristotelian conception that human relationships are based on and through language, it is coherent to infer that socio-discursive interactions and their intentional ways of acting on others are relevant objects of study. For this research, the focus will be on the use of argumentative resources in the exposure of emotions in personal self-introduction letters to carry out a targeted action. This study will have as its starting point the outlining theories of Discursive Textual Analysis (ATD) and the Theory of Argumentation in Discourse (TAD), according to the concepts of Adam (2019); Amossy (2018); Cavalcante et al (2022); Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996). Based on these considerations, the pathetic modality of argumentation will have as its guiding points the studies of Breton (1999); Charaudeau (2017); Plantin (2008). The construction of each author's discursive ethos will increase the scientific basis of the analysis of this dissertation, focusing on the concepts defended by Amossy (2018). The corpus comprises a sample of six self-introduction letters, all written by women, taken from a collection of 324 correspondence, sent in response to an advertisement published in the Cantinho da Amizade section of Capricho magazine, on July 4, 1973.

Keywords: argumentation, emotion, self-introduction letter genre, socio-discursive interactions

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Valores e ideologias aplicados nesta pesquisa	21
QUADRO 2 - As dimensões do discurso	27
QUADRO 3 - Objetos do real e do preferível	30
QUADRO 4 - Modalidades argumentativas	35
QUADRO 5 - Determinações da emoção	36
QUADRO 6 - Classificação metodológica desta dissertação	48
QUADRO 7 - Coletâneas de cartas enviadas em resposta ao anúncio	50
QUADRO 8 - Características positivas e negativas	90

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Trecho da carta escrita por Carlos Drummond de Andrade	26
FIGURA 2 - Seção Cantinho da Amizade	29
FIGURA 3 - Página 1 da carta T261	73
FIGURA 4 - Trecho da carta T146	80
FIGURA 5 - Um dos trechos da carta T259	87
FIGURA 6 - Trecho da carta T128	89
FIGURA 7 - Início da carta T167	93
FIGURA 8 - Trecho da carta T64	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TECNOLOGIA E ESCRITA: <i>VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT</i>	16
2.1 A técnica da ideologia e da valoração	19
2.2 O gênero carta como recurso tecnológico	23
2.2.1 Um exemplo de interação via carta: O Cantinho da Amizade	28
3 A ARGUMENTAÇÃO E AS SUAS INTERFACES COM AS TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	32
3.1 A argumentação segundo diferentes perspectivas	33
3.1.1 A noção de acordo	37
3.1.2 A modalidade argumentativa patêmica e a emoção na argumentação	43
3.1.3 Noção do <i>ethos</i> discursivo	48
4 MATERIAL E A MÉTODOS	51
4.1 Procedimentos de seleção do corpus	53
4.2 Procedimentos de análise das cartas	66
4.3 Descrição do corpus	67
4.4 Descrição do contexto de produção do corpus	68
5 ANÁLISE DAS CARTAS DE AUTOAPRESENTAÇÃO	72
5.1 Carta 1 - Proposta de adesão à tese de amizade	72
5.1.1 O <i>ethos</i> discursivo	73
5.1.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada	77
5.1.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa	79
5.2 Carta 2 - Proposta de adesão à tese de relacionamento amoroso	80
5.2.1 O <i>ethos</i> discursivo	82
5.2.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada	84
5.2.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa	87
5.2.4 Análise dos trechos complementares	88
5.3 Carta 3 - Proposta de adesão à tese de outros interesses	91
5.3.1 O <i>ethos</i> discursivo	94
5.3.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada	98
5.3.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa	99
5.3.4 Análise do trecho complementar	101
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

REFERÊNCIAS.....	108
ANEXO A - CARTA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.....	111
ANEXO B - CARTA T261 (AMIZADE)	113
ANEXO C - CARTA T146 (RELACIONAMENTO AMOROSO).....	117
ANEXO D - CARTA T167 (OUTROS INTERESSES).....	119

1 INTRODUÇÃO

Usamos a argumentação em diferentes interações sociais, desde um breve comentário - para o qual queremos concordância - até uma apresentação pessoal para propor novas amizades. Empregamos a argumentação em nossos discursos, criando conexões com os interlocutores no sentido de conquistar adesão às proposições apresentadas em nossos textos e motivar novas formas de interação. Ao considerar o papel da argumentação nesses diferentes contextos, também é possível visualizar as diferentes formas de se argumentar e que implicam, por outro lado, considerar em parte os objetivos ou ações visadas. Dentre as possibilidades já identificadas em teorias que tratam da argumentação, o chamado discurso emocionado ou de modalidade patêmica parece ser a que mais se destaca no quesito pluralidade, visto que o ser humano, em algum momento da vida, já foi guiado por sentimentos e emoções, elementos que podem ser suscitados como recurso argumentativo na adesão à tese.

Entre as teorias que tratam do assunto, autores como Breton (1999) e Plantin (2008) trazem o peso do uso da razão e da emoção nos discursos. Argumentar a emoção, num primeiro momento, pode soar como contraintuitivo. Isso porque, na maioria dos discursos, a argumentação parece residir no campo racional, concreto, enquanto a emoção toma uma posição que não se justifica pela razão, sendo marcada pela subjetividade. No entanto, os estudos da nova retórica, que partem dos fundamentos aristotélicos e os complementam, dando ênfase e protagonismo do orador e da consideração do auditório, sugerem uma abordagem que aproxima essas duas pontas - razão e afetividade -, criando formas de investigação para as emoções. Nos textos, a argumentação pela emoção, nesses limites retóricos, está presente em gêneros de discurso como as cartas de amor, cartas entre amigos, e outros tipos correlacionados, como a carta de autoapresentação, objeto deste estudo, que foi muito utilizada por revistas na década de 1970.

É dentro desse contexto que, para esta investigação, propomos analisar o emprego da emoção como recurso argumentativo no gênero carta de “autoapresentação feminina para novas amizades”, em um *corpus* composto de seis cartas, relativas às categorias estabelecidas conforme a ação visada do discurso presente na correspondência: amizade (1 carta para ser analisada integralmente), relacionamento amoroso (1 carta para ser analisada integralmente e 2 trechos de

outras cartas para análise complementar) e outros interesses (1 carta para ser analisada integralmente e 1 trecho de outra carta para análise complementar). A pesquisa pretende também, de modo específico, i) identificar as cartas da coletânea com base na característica predominante do seu conteúdo; ii) descrever o papel do texto escrito enquanto modelo de tecnologia disponível à sociedade iii) categorizar formas de argumentação emocionada no gênero em questão e tendo em vista a noção de modalidade argumentativa patêmica, iv) analisar a construção do *ethos* discursivo em relação ao discurso emocionado.

Para a proposição do estudo, consideramos que a emoção, segundo o tipo de interação e ação visada, é também um tipo de recurso argumentativo. Com essa observação, trazemos a seguinte questão-problema: quando dizemos algo sobre nós, quando nos autoapresentamos a alguém com a intenção de conquistar a simpatia e a admiração dessa pessoa, recorremos a aspectos valorativos para empregar a emoção em nosso discurso? O que se entende por valor na esfera argumentativa é uma técnica utilizada para esse fim (argumentar)?

Para responder a essas perguntas norteadoras, como dito, o gênero carta foi o escolhido como objeto de análise por ter sido um meio muito empregado para interações e troca de informação com grande possibilidade de alcance e de arquivamento. Historicamente, o gênero, por essas características, registrou e ainda registra parte importante da nossa história, compondo um cenário bastante vasto de conteúdos que foram argumentados de inúmeros modos. As cartas selecionadas para o estudo fazem parte de uma coletânea datada de 1973, que abrange manuscritos produzidos por mulheres residentes do Brasil e no exterior em resposta a um anúncio publicado na seção “Cantinho da Amizade”, da revista *Capricho*¹. De uma maneira geral, as cartas dessa seção tinham o objetivo de despertar o interesse do anunciante para, assim, iniciar a troca de correspondências, com vistas à formação de um novo vínculo de amizade (ou de matrimônio, quando assim o próprio anúncio explicitava).

Como fundamentos teóricos, o estudo conta principalmente com o que vem sendo discutido por Amossy (2018), para a teoria da argumentação no discurso (TAD), segundo a qual a argumentação se fundamenta na tentativa de, via linguagem, promover a adesão do auditório a uma tese, considerando a questão das modalidades

¹ A *Capricho* foi uma famosa revista impressa, que circulou entre os anos de 1952 e 2015, permanecendo até os dias atuais somente no ambiente on-line. Foi a primeira revista do Grupo Abril e a primeira feminina no Brasil.

argumentativas, em particular o uso da patêmica. Além do que apresenta a autora, o recorte também seguirá por noções apresentadas pela nova retórica, no que compreende a noção de acordo e emprego de técnicas argumentativas. De modo adicional ao defendido por Amossy (2018), as contribuições de Cavalcante (2019; 2020; 2022) sobre a argumentação no texto também serão empregadas de modo a favorecer o entendimento do discurso argumentativo em sua materialidade textual, que é o dispositivo do corpus desta pesquisa.

No que se refere à emoção e/ou discurso patêmico, serão empregadas as premissas de Plantin (1998; 2010). Para o autor, a argumentação tem a intenção de fazer com que o interlocutor mude de opinião, ou tenha a sua opinião reforçada, e, com isso, possa também mudar uma atitude, agindo de modo consonante ao discurso do orador. Já a emoção, amplia a atuação do orador sobre o interlocutor, uma vez que além de conhecer e de fazer, este interlocutor agora passa a experienciar, sendo impactado pela argumentação das emoções, como os sentimentos, as atitudes, as experiências e as questões afetivas.

O estudo pauta-se ainda em pressuposto da linguística de texto, principalmente no que se refere à análise textual dos discursos (ATD) proposta por Adam (2011; 2019), como também o que vem sendo discutido em linguística textual no Brasil como as propostas do Grupo Prottexto, Cavalcante *et al* (2022). Entende-se o texto como a materialização da interação social, o que dá forma à fala de acordo com uma intenção semiótica incluída em determinado contexto social e histórico. Coadunamos também com Cavalcante *et al* (2022), para quem o texto é um evento comunicativo em que os sujeitos envolvidos no processo buscam alcançar um determinado propósito de comunicação. O texto, em qualquer modelo de gênero, para os autores, seria elaborado segundo recursos tecnológicos exigidos para ação e, especialmente, pretendendo gerar uma interatividade. Ainda considerando as noções de Adam (2019) sobre o texto, as formas narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais são exemplos dessa materialização. A carta, como um gênero de discurso, possibilita, na perspectiva do autor, diferentes observações nos limites de uma análise textual e discursiva. Em retorno às discussões acerca do discurso argumentativo, o autor defende que este se apoia em outros, de modo que a informação principal fique sustentada por dados, razões, entre outros pilares, tornando-se, desse modo, aceitável, suficientemente capaz de fazer com o que o interlocutor tenha suas atitudes ou comportamentos modificados. Além disso, nesta

pesquisa, ao se considerar que as interações sociodiscursivas compõem a base das relações humanas, é relevante avaliar, também, de que modo a materialização do discurso, neste caso, o texto, enquanto fruto da tecnologia, tem influência no campo da interação e aproximação de pessoas.

Ao refletir sobre todas as possibilidades de sentido que o gênero carta de autoapresentação pode possibilitar, acreditamos que o trabalho possa contribuir a outros estudos em linguística textual, particularmente, às análises que tenham como ponto de partida o trabalho com as noções e contexto e/ou outras relações com o campo de argumentação. A pesquisa também se justifica pela dimensão que a argumentação e a emoção representam nas relações humanas, principalmente nas interações que se valem do gênero epistolar para se efetivarem. É a partir do estudo da ocorrência da argumentação emocionada nesse gênero discursivo que se torna possível compreender a gênese de um relacionamento (de amizade ou amoroso) que se inicia na contramão dos inícios habituais e tradicionais. Em geral, esse laço social é fruto de um momento de convivência, de proximidade e de apresentação por terceiros. O relacionamento, nesse caso, é uma consequência. Quando se inicia por uma carta, ele (relacionamento) passa a ser causa, e a aproximação torna-se consequência.

Nesse sentido, em uma primeira concepção, é possível construir um paralelo entre as características das cartas de amizade e o texto argumentativo: assim como o discurso materializado na correspondência traz uma ação visada de estabelecer um novo vínculo, o texto argumentativo é a materialidade do que, primeiramente, foi a intenção de aproximação e de consequente ação sobre o interlocutor.

Com a intenção de favorecer o entendimento linear e cadenciado desses temas, este estudo está estruturado em quatro seções. Na primeira, contextualizamos o processo de aquisição e aplicação da linguagem escrita como fenômeno tecnológico, utilizando a língua para a concretude e perpetuação da cultura - fatores cruciais (língua e cultura) para o entendimento de diferentes contextos de produção e, por consequência, para o estudo da análise textual discursiva. Na segunda, apresentamos o percurso da argumentação para a análise do discurso, contextualizando as características da retórica aristotélica e as iniciativas da chamada nova retórica. Além disso, trazemos os conceitos do gênero epistolar e a relação deste com as revistas que publicavam anúncios para fomentar a troca de cartas entre os leitores, promovendo a criação de novos vínculos e relacionamentos. Na terceira

seção, são descritos os métodos utilizados para a presente investigação e os procedimentos empregados para a geração do corpus e sua análise. A quarta seção exhibe a análise do corpus desta dissertação. Por fim, a quinta e última seção compreende as considerações finais, referências e anexos.

2 TECNOLOGIA E ESCRITA: *VERBA VOLANT, SCRIPTA MANENT*

A década de 1970, assim como as anteriores e posteriores, foi um período marcado pelo uso da tecnologia desenvolvida até então. Embora saibamos que os últimos anos pareçam mais tecnológicos do que o passado já foi, é importante conceituar aqui o que vem a ser tecnologia no sentido mais amplo da palavra.

O provérbio em latim inserido do título deste capítulo, também por vezes encontrado como de referência romana (FARACO, 2012), é o ponto de partida para melhor compreendermos a importância da escrita na vida em sociedade. Com a tradução "As palavras voam, os escritos permanecem", ainda que seja de data incerta, esse provérbio manteve-se coerente ao longo da história da humanidade. E, possivelmente, se ele não estivesse registrado de alguma forma que não apenas na memória dos viventes àquela época, também teria voado, afastando da possibilidade de ainda fazer parte do conhecimento atual.

Nesse sentido, é plausível concordar que, antes da escrita, todo o conhecimento se valia do registro em memória para ser concebido e compartilhando, o que exigia, por exemplo, a necessidade da presença física de todos os envolvidos quando na ocorrência de um discurso. Se hoje temos a possibilidade de resgatar informações do passado, e transmitir as atuais ao futuro, é mérito principal da escrita e de tudo o que pôde ser criado a partir dela. O extenso caminho entre os primeiros registros escritos até os atuais teve o seu início com a concepção de criptogramas, conforme explica Cagliari (2009):

No começo, eram os pictogramas. A escrita era feita com o desenho das coisas, representando palavras usadas para designar essas coisas. A palavra 'olho' podia ser @., 'casa' podia ser -. Os nomes dos caracteres eram os nomes das próprias coisas. (CAGLIARI, 2009, p.1)

De ideográfica a silabária (fonográfica), e de silabária a alfabética, a jornada de concepção da escrita foi longa, e a variedade de formas e modelos também. (Cagliari, 2009). No entanto, essa possibilidade de extensão da memória, permitindo que o conhecimento e a cultura pudessem ser transmitidos de geração para geração, permaneceu unânime em todas elas. Conforme Coulmas (2014, p. 160), "a escrita atravessou um longo caminho desde sua invenção, mas, apesar das muitas mudanças que sofreu, ela ainda é reconhecidamente a mesma: a geração e o registro de significado no modo visual".

A partir disso, foi possível ultrapassar as barreiras do tempo e do espaço. Os seres humanos puderam armazenar e compartilhar muito mais conhecimento, de modo mais duradouro e com mais alcance. E dispendo desse novo recurso, em que a informação ficará disponível enquanto o seu aparato (folha, madeira, pedra, entre outros) permanecer, todas as próximas grandes invenções puderam ser projetadas e executadas, contando com a escrita para cada uma dessas etapas. "Não à toa, portanto, que se diz ter sido a invenção da escrita a maior realização tecnológica da humanidade". (FARACO, 2012, p.50)

A autora e doutora em linguística Amalia Gnanadesikan corrobora esse conceito e vai além: para ela, a permanência da língua de determinada cultura em diferentes gerações depende não só de sua prática fala, mas também de seu registro, via escrita. Sendo considerada, também pela autora, como a primeira revolução da tecnologia da informação, ela possibilita um legado, uma permanência de significado, favorecendo o acesso ao longo do tempo, por diferentes pessoas. (Gnanadesikan, 2009)

Já compreendemos que, enquanto tecnologia, a escrita foi, e é, fundamental para o progresso da sociedade. Para além do quesito evolutivo do intelecto, a escrita também tem influência profunda no contexto social, na interação entre as pessoas e suas formas de se relacionar com o mundo. Mais do que codificar e decodificar sinais no momento da escrita e da leitura, esse é um recurso que pode conferir distinção, e até algum grau de benefício, sobre aqueles que não o sabem fazer.

O domínio da língua escrita, mais do que uma mera habilidade técnica, sempre foi e continua sendo um marcador de distinção social. A língua escrita é um atributo de poder, escrever é potencialmente um meio de empoderamento. (COULMAS, 2014, p.134)

A partir dessa concepção, do atributo de poder conferido pelo domínio da escrita, é possível inferir que a pessoa que domina esta tecnologia (a escrita) tem uma oportunidade ímpar de participar mais ativamente dos processos comunicacionais em que o meio de linguagem empregado seja esse. Isso significa mais possibilidades de interação, mais benefícios a serem conquistados, mais alcance.

O tempo passou, e hoje, ainda que o processo de escrever pareça mais simples, ou intuitivo, ou mecanizado, a técnica de utilizar as letras - que são códigos abstratos para exprimir uma ideia - continua sendo uma realidade tecnológica,

conforme defende Alberto Cupani ao estudar crítica e filosoficamente o que vem a ser tecnologia:

O homem pode exprimir-se mediante o alfabeto, pintando (com um pincel ou uma pena) palavras sobre um pergaminho, ou pode fazê-lo utilizando o teclado de um computador e enviando sua mensagem pela rede mundial: aparentemente, em ambos os casos ele recorre a meios técnicos (secundários) para transmitir o que formula nessa técnica simbólica básica que é a linguagem. (CUPANI, 2016, p.16)

E a esses meios técnicos que o autor cita, compreendemos que a carta seria um exemplo dentre muitos os aparatos utilizados, no passado e hoje, para registrar a mensagem a ser compartilhada, publicada (tornada pública). É importante destacar nesse ponto o que, para o presente estudo, compreendemos como técnica e tecnologia. A técnica será empregada no sentido do saber, do conhecimento. Assim, a “técnica simbólica” explicada por Cupani (2016), que é a linguagem, reside na esfera desse conhecimento, desse saber que os seres humanos dispõem para a sua evolução e vida em sociedade.

Já o termo tecnologia será aplicada como a forma de se colocar a técnica em prática, considerando seus fundamentos teóricos e suas possibilidades de produção e reprodução. “A princípio ela é uma simples disciplina pela qual se estudam e se sistematizam os processos técnicos”. (VARGAS, 2001, p. 15). Esse conceito inicial do que é tecnologia foi amadurecido ao longo do tempo (Vargas, 2001) e tomou mais robustez, indo ao encontro do que propomos nesta pesquisa quando afirmamos que a tecnologia da escrita é uma forma de poder e alcance de mais oportunidades.

A tecnologia não é mais o simples saber como-fazer da técnica. Ela exige, por parte de seus agentes, um profundo conhecimento do porquê e do como seus objetivos são alcançados. (VARGAS, 2001, p.16)

Essa tecnologia, que assume um caráter mais exigente dos envolvidos, é o que fundamenta a matéria-prima do corpus desta pesquisa: o texto e os processos de produção de sentido possibilitados pela escrita. Lembramos, nesse sentido, a observação da Cavalcante *et al* (2022, p. 16) “de que um texto, em qualquer modelo de gênero, é elaborado por locutores com recursos tecnológicos em algum momento envolvidos nas relações humanas”. E como a escrita é comum a todas as cartas que serão analisadas, ou seja, aqui a tecnologia parece ser a mesma em todas as produções, é de natural relevância que tenhamos a necessidade de voltar o olhar principalmente para a técnica empregada em cada correspondência para, desse

modo, identificar a aplicação de saberes específicos para o atingimento de determinado objetivo. E para alinharmos o entendimento do que vem a ser a técnica aplicada ao discurso, a próxima seção abordará os eixos principais pelos quais ela se sustenta: a ideologia e a valoração.

2.1 A técnica da ideologia e da valoração

A discussão fomentada por Mikhail Bakhtin e seu Círculo a respeito dos valores e, principalmente, dos valores ideológicos, mostra-se muito aderente a uma possibilidade de técnica empregada para o aspecto argumentativo no corpus em questão, uma vez que a noção de valoração que trazemos para a pesquisa é a que se refere aos valores ideológicos identificados no ano de 1973, mencionados, direta ou indiretamente, no texto das autoras das cartas. Recorrer aos valores do interlocutor como uma forma de aproximação e argumentação pelo discurso (algo que explicaremos detalhadamente mais adiante) indica ter a sua gênese na força influenciável que os valores presentes num determinado grupo de pessoas demonstram ter.

Para Bakhtin e o Círculo, a ideologia e os valores são construídos nos momentos em que há a troca, há interação pela palavra. Assim, a ideologia e os valores também são heterogêneos e multifacetados, correspondentes ao momento de construção em que estão inseridos.

Bakhtin e seus companheiros do Círculo não trabalham, portanto, a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos [...] (MIOTELLO, 2012, p. 168)

O signo, de acordo com o que Ponzio (2008) interpreta dos estudos de Bakhtin, é caracterizado pela sua forma ideológica. (PONZIO, 2008). E para que ele venha a se tornar existente, é necessário que, antes, ele esteja incorporado a um objeto material ou a um fenômeno da realidade objetiva, que passarão a adquirir uma função ideológica. Isto é, um objeto ou fenômeno que se diferencia dos demais por trazer uma representação sógnica diferente do que é. Essa explicação de Ponzio (2008) pode ser exemplificada ao retomarmos à memória o objeto foice, que além de ser um instrumento comum na atividade agrícola, passa a compor o símbolo de uma ideologia de classes sociais ao representar a força do trabalho no campo.

Para além da existência de um objeto material ou fenômeno relacionado, um signo sempre está inserido num contexto social no momento da sua concepção, mas, também, os vínculos sociais podem vir a ser estabelecidos a partir da comunhão de signos ideológicos comuns.

Há duas características presentes no signo que o diferenciam do objeto, ou fenômeno natural, e de um instrumento, seja um instrumento de produção ou um bem de consumo: ele faz parte de um processo de interação social e reflete a realidade de um ponto de vista ideológico; além do que a existência de um signo ideológico, como também sua recepção-interpretação, “pressupõe a existência de vínculos sociais”. (PONZIO, 2008, p. 114)

A partir dessas duas observações de Ponzio (2008) sobre o estudo do Círculo de Bakhtin a respeito dos signos ideológicos, podemos compreender a relevância do ponto de vista no processo de constituição de um signo para determinado grupo e a respectiva comunhão que dele se originará, sendo que sua identificação e sentido valorativo é proporcional a esse ponto de vista compartilhado.

[...] existe ainda a presença de um terceiro fator, que podemos indicar como o “ponto de vista”. O signo representa (e organiza) a realidade (sínica e não sínica) a partir de um determinado ponto de vista valorativo, segundo uma determinada posição, por meio de um contexto situacional dado, por determinados parâmetros de valoração, determinado plano de ação e uma determinada perspectiva nas práxis. Nesse sentido, o signo, como tal, é sempre ideológico. Onde está presente um signo está também a ideologia. (PONZIO, 2008, p. 112)

Com o entendimento de que todo signo traz consigo uma ideologia e um ponto de vista valorativo, uma vez que a noção de valoração é de base ideológica, e que o que difere um simples objeto - ou um fenômeno de realidade objetiva - dos demais é a representação sínica que tal objeto - ou fenômeno de realidade objetiva - tem, aproximamo-nos do entendimento de Bakhtin acerca da relação encadeada entre signo e ideologia.

Para Bakhtin (VOLOCHÍNOV, 2006), “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si. Em outros termos, tudo o que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia”. (VOLOCHÍNOV, 2006, pg. 29). A partir dessas afirmações, entendemos a correlação entre signo e ideologia e, a partir disso, adotamos o entendimento de que a ideologia se expressa pelos signos e estes, dotados de significados para determinado grupo, carregam valores ideológicos.

Um exemplo de signo essencialmente ideológico é a língua, a palavra, que é empregada cotidianamente para representar algo que está fora dela mesma. Para Bakhtin:

[...] a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia: a ideologia é uma superestrutura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula. A palavra serve como indicador das mudanças. (VOLOCHÍNOV, 2006, pg. 18)

A superestrutura citada por Bakhtin pode ser compreendida também pela explicação que Ponzio (2008) compartilha. O estudioso do Círculo nos mostra que a ideologia indica algumas formas de manifestação da cultura, sendo: “a arte, o direito, a religião, a ética, o conhecimento científico etc. (a ideologia oficial)”, (PONZIO, 2008, p. 115) e outras demonstrações não oficiais, como “substratos da consciência individual, desde os que coincidem com a “ideologia oficial” aos da “ideologia não oficial”, aos substratos do inconsciente, do discurso censurado”. (PONZIO, 2008, p. 115). Ou seja, segundo Ponzio (2008), para Bakhtin, além de ser uma expressão presente (via signos) nos grupos sociais para representar algo, a ideologia também sinaliza a organização desses grupos.

É partindo desse entendimento de ideologia, tendo em vista que cada signo ideológico tem em sua gênese uma posição valorativa (Ponzio, 2008), a presente análise propõe visualizar os valores ideológicos presentes no corpus também sob o aspecto de técnica: um saber pelo qual se torna possível criar, ou recorrer, a alguns recursos para um fim desejado. Ainda é válido ressaltar que a palavra, conforme constatamos, ocupa um lugar de privilégio em relação aos demais signos quando o assunto é ideologia, pois ela “registra as menores variações das relações sociais” (VOLOCHÍNOV, 2006, p.17) e, por essa razão, é causa e também efeito das práticas sociointeracionistas.

Por haver um vasto referencial de termos e signos que remetem aos valores ideológicos, para a presente análise, faremos um recorte com vistas a corresponder ao que é presente nas cartas de autoapresentação. Como o corpus desta análise é composto de correspondências emitidas diretamente a uma única pessoa, o que em retórica é o equivalente ao auditório particular (Perelman, 1999), é relevante compreender a mobilização dos valores ideológicos e a recorrência a eles para obter aceitação do que está sendo argumentado.

Quando o auditório é constituído por apenas um ouvinte - identificando-se esse ouvinte, na deliberação íntima, com o próprio orador -, é essencial saber quais são as opiniões e os valores aos quais ele adere com mais intensidade e nos quais o orador pode basear o seu discurso, de modo que este último tenha uma ascendência garantida sobre a personalidade de seu ouvinte (PERELMAN, 1999, p. 181)

É nesse sentido que, para a análise, os valores ideológicos trazidos serão os relativos a sentimentos e relacionamentos, com alta valoração afetiva para o grupo de pessoas residentes no Brasil na década de 1970. Os valores, bem como as ideologias, foram delineados considerando o descrito nos meios de comunicação e grande alcance da época, denominados meios de comunicação de massa (*mass media*), conforme explica Morin (1997), da qual as revistas femininas fazem parte. Nesses veículos, valores e ideologias retratavam, e também normatizavam, os comportamentos femininos.

A mulher modelo desenvolvida pela cultura de massa tem a aparência da boneca do amor. As publicidades, os conselhos estão orientados de modo bastante preciso para os caracteres sexuais secundários (cabelos, peitos, boca, olhos), para os atributos erógenos (roupas de baixo, vestidos, enfeites), para um ideal de beleza delgado, esbelto, quadris, ancas, pernas. A boca perpetuamente sangrenta, o rosto pintado seguindo um ritual são um convite permanente a esse delírio sagrado de amor que embora, evidentemente, a multiplicidade quotidiana do estímulo. (MORIN, 1997, p. 141)

Ao considerar as características citadas por Morin (1997), importantes para melhor compreendermos o estereótipo feminino da época, aliados aos exemplos de textos exibidos na revista *Capricho* (1973), no que se refere às práxis feminina, o quadro abaixo traz um recorte do que será utilizado para esta investigação em termos de valores ideológicos. As informações exibidas no quadro a seguir foram identificadas no conteúdo da edição 330 da revista *Capricho* (matérias, imagens, campanhas e editoriais) comprovando os itens citados por Morin (1997) como principais nos meios de comunicação de massa, do qual as revistas femininas faziam parte. Tais características serão utilizadas para melhor compreender o contexto de produção em que as cartas foram escritas, considerando o que era valorado na época e as ideologias presentes até aquele momento. Como consequência, os valores ideológicos serão utilizados para, também, favorecer o processo de construção do discurso de autoapresentação.

Quadro 1 - Valores e ideologias aplicados nesta pesquisa

Características valoradas na época	Ideologias
Boa aparência (baixo peso, pele clara)	<ul style="list-style-type: none"> - Casar e formar família (ter marido e filhos) - O papel da mulher no casamento, como ser boa esposa e mãe - Ideal da mulher: ser esposa e mãe - Casamento é o destino final, natural às mulheres
Jovialidade (idade inferior a 30 anos)	
Autocuidado (cabelos hidratados e com cortes modernos, maquiagem, vestimentas atuais, pele sem manchas)	<ul style="list-style-type: none"> - Viver um amor para ser feliz - Marido ideal homem alto, de pele clara, com alto poder aquisitivo, romântico e apaixonado (ideia do príncipe encantado)
Educação doméstica (ser prezada: saber cozinhar, cuidar da casa, costurar, ter/aspirar uma profissão)	
Bom comportamento (ter bom humor, estar bem informada, mostrar-se interessada na vida do cônjuge)	<ul style="list-style-type: none"> - Ser dona de casa - Ter uma casa confortável (poder adotar novidades em termos de decoração e eletrodomésticos)

Fonte: baseado no conteúdo da revista Capricho, edição 330, e elaborado pela autora

O quadro acima é uma síntese dos valores ideológicos mais recorrentes à década de 1970, no Brasil. As informações serão utilizadas para melhor compreensão do contexto de produção das cartas a serem analisadas.

2.2 O gênero carta como recurso tecnológico

O primeiro documento escrito em solo brasileiro foi uma carta, que registrou o descobrimento - ou achamento - do Brasil, datada de 1º de maio de 1500, pelo escrivão Pero Vaz de Caminha. “Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500. Pero Vaz de Caminha” (CAMINHA, 1500, apud CAMINHA, 2019). Esse exemplo demarca a importância que o gênero tem em nossa sociedade, sendo característico para várias situações de produção.

Bazerman (2020), na obra *Gêneros textuais, Tipificação e Interação*, exemplifica todos os subgêneros textuais que derivam do gênero epistolar, considerando a carta como um “gênero fundador” (p. 18). O estudioso cita alguns exemplos presentes no final do século XX, como cartas comerciais, cartas aos

acionistas, cartas literárias e ficcionais, entre muitas outras expressões, ponderando que “a introdução da impressão multiplicou cópias de textos para audiências amplas e desconhecidas.” (BAZERMAN, 2020, p. 143). Isso sugere que, desde a época do descobrimento/achamento do Brasil, até os períodos mais atuais, a carta tem desempenhado papel fundamental no contexto sócio-histórico da sociedade. E, ainda retomando os estudos de Bazerman (2020) a respeito da influência da carta como base para subgêneros textuais, o autor compartilha que:

À medida que continuei a pensar na ideia de cartas tendo um papel especial na formação de gêneros, muitos outros exemplos de gêneros com ligações fortes com a correspondência me chamaram a atenção, incluindo jornais e outros periódicos, instrumentos financeiros, tais como letras de câmbio e cartas de crédito, livros do novo testamento, encíclicas papais e romances. A carta, com sua comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver - tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções. (BAZERMAN, 2020, p. 127-128)

Essa completa descrição de Bazerman (2020) a respeito das diversas aplicações sociais que derivam da carta, corrobora com o que encontramos em um dos exemplos citados pelo autor: jornais e demais periódicos. Aqui, com um olhar específico sobre a revista, que é o meio pelo qual o corpus da presente análise foi originado, há uma série de serviços e interações que se dão exclusivamente pela troca de correspondências. Datada de 4 de julho de 1973, a edição 330 da revista *Capricho* contempla diferentes possibilidades de interação nessa tríade composta por: 1) Leitor da revista (autor da correspondência para determinada seção) - 2) revista - 3) destinatário da carta (que pode ser o profissional responsável pela seção da revista, ou um comerciante/empresário, ou ainda um outro leitor da revista, com que o primeiro leitor deseja obter ou manter algum tipo de diálogo ou aproximação.

Dentre as possibilidades de interação observadas nesta edição do periódico, estão: *Júri do Leitor*: espaço no qual os leitores expressam a sua opinião sobre a revista, em geral ou em relação a algum conteúdo específico; *Serviço Especial*: seção exclusiva para envio de perguntas sobre os mais variados temas (moda, culinária, beleza, decoração e trabalhos manuais), sendo que as respostas eram publicadas também na seção; *Cantinho da Amizade*: espaço para promover a interação entre os leitores da revista, uma vez que os interessados em amizade, romance, ou outras formas de relacionamento publicavam anúncios, exibindo seus dados pessoais para

receber cartas de possíveis interessados(as); Em Nome da Lei e Consultório Médico: voltados a responder dúvidas voltadas a questões legais e/ou médicas, para as quais se fazia necessária a análise de um profissional da área (advogado ou médico); Supermercado: seção na qual era exibida uma lista de produtos/serviços oferecidos e os respectivos canais de contato (endereço ou caixa postal) do anunciante para fechamento da venda; Telegramas Íntimos: espaço reservado para o envio de declarações, geralmente de cunho afetivo, para alguém específico, geralmente referenciado por pseudônimo ou iniciais; O Coração Pergunta: exibição de perguntas enviadas por leitores, relativas a questões emocionais, e respostas dadas por uma profissional da revista.

Além dessas seções periódicas da revista, todas publicadas sob a editoria Bate-papo, havia ainda uma série de propagandas sobre ensino por correspondência, bastante comum na década de 1970. De corte e costura a mecânica geral, e de secretariado moderno a lições sobre televisão a cores, era possível estudar e receber o respectivo certificado sem sair de casa. Outro anúncio comum à revista Capricho nesta época eram os relativos à compra de roupas, ou produtos de beleza, higiene, limpeza, mediante recorte, preenchimento e envio do cupom presente na página do anúncio. De todas essas possibilidades de interação mediante o envio e recebimento de cartas, vamos nos ater à seção Cantinho da Amizade, de onde deriva o corpus desta dissertação.

Independentemente de sua aplicação, conforme as variadas possibilidades que expusemos há pouco, a carta, enquanto meio de comunicação composto por arranjos textuais, trata-se de um escrito com características bem definidas e de fácil reconhecimento. De acordo com Adam (2019), o plano de texto retórico clássico da carta é marcado pela: “abertura (vocativo e indicações de tempo e lugar), exórdio, corpo da carta (zona de forte variação), peroração, fechamento (despedida e assinatura)” (ADAM, 2019, p.59). Esse plano reflete o que historicamente temos marcado para o gênero em seus diferentes tipos: cartas de amor, de amigo, de reclamação, etc.

Para exemplificar cada uma das partes que compõem uma carta, de acordo com o entendimento de Adam (2019), apresentamos o exemplo a seguir. Trata-se de uma correspondência escrita por Carlos Drummond de Andrade e endereçada à Rachel de Queiroz, em reconhecimento ao romance publicado pela autora: O Galo de

Ouro, um retrato da vida cotidiana da vida dos moradores da Ilha do Governador, no Estado do Rio de Janeiro.

A carta utilizada como exemplo da estrutura do gênero epistolar foi extraída de um site do Instituto Moreira Sales, endereçado em correio.ims.com.br. Essa é uma plataforma que reúne diversas cartas emitidas e enviadas ao longo da história nacional, revelando aspectos importantes das relações entre os indivíduos durante suas trajetórias pessoais e profissionais.

Plano da carta	Texto
Abertura - indicação de tempo e lugar	<i>Rio, 8 de dezembro de 1985.</i>
Abertura – vocativo	<i>Querida Rachel:</i>
Exórdio	<i>Não quero terminar o ano sem limpar-me de um pecado de omissão cometido contra O galo de ouro.</i>
Corpo da carta	<i>O volume ficou perdido numa pilha de outros que se acumulava a um canto do escritório – esse escritório mal organizado de um sujeito que se afirma ser organizadíssimo – e só há pouco o recuperei. O resto, você adivinha: li o romance como da primeira vez, nas páginas do Cruzeiro, encantado e pedindo mais. Que retrato vivo do Rio de época recente, entretanto longínqua pela fúria do chamado progresso!</i>
Peroração	<i>Você salvou a Ilha [do Governador], na memória literária, do opróbrio dos novos tempos. E fez um livro para sempre.</i>
Fechamento - despedida	<i>Obrigado, num carinhoso abraço do seu velho e fiel amigo</i>
Fechamento - assinatura	<i>Carlos</i>

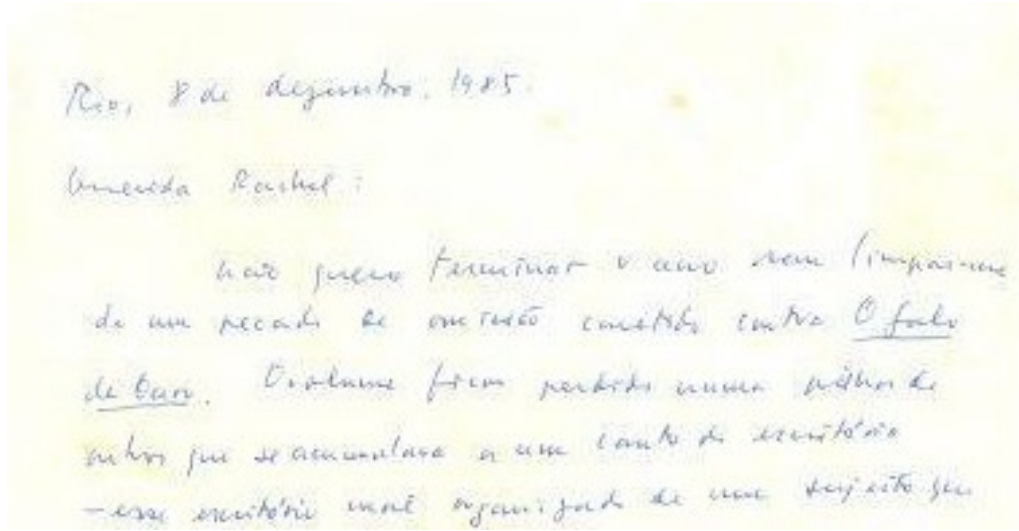


Figura 1 - Trecho da carta escrita por Carlos Drummond de Andrade

Essa correspondência, segundo explicação registrada no site do Instituto Moreira Sales, trata-se de uma reação (exposta como tardia) de Carlos Drummond de Andrade sobre a obra de Rachel de Queiroz - *O Galo de Ouro* - que, em 1950, foi publicado em fascículos e, somente em 1985, editado em livro, sendo o único romance de Raquel ambientado em outro Estado que não o Ceará. A mensagem remetida à Raquel apresenta os elementos citados por Adam (2019) para a concepção de um texto condizente ao gênero epistolar.

As cartas pessoais, aquelas escritas de uma pessoa para outra, costumam apresentar a intenção de estabelecer um diálogo entre quem está escrevendo e quem lerá. Essa relação dialogal pode ser melhor entendida pela explicação de Marcuschi, que conceitua a conversa como sendo uma:

[...] prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Os textos contidos em cartas, elaborados para serem compartilhados desta forma, geralmente exprimem uma estrutura composicional bem explícita: há um formato comumente categorizado em saudação, contextualização e despedida. No entanto, apesar desse gênero textual se assemelhar a um diálogo oral, ele carrega uma característica bastante peculiar: a relação indireta entre os atores.

Quando nos voltamos para os diálogos escritos, tais como as cartas, vemos que realmente a diferença crucial não é tanto o uso de um meio escrito em vez de um falado, mas a situação de elocução alterada. A escrita separa drasticamente a situação de produção da de recepção e introduz um vácuo

entre o emissor e o receptor, entre o tempo e o espaço da escrita, e o tempo e o espaço da leitura. (VIOLI, 2009, p.47)

Por criar um contexto de comunicação ímpar, em que as pessoas que dialogam estão contidas em diferentes espaços e tempos, a carta pode ser considerada como um meio democrático de comunicação, que independe dos contextos sociais de proximidade física para ocorrer, aliando longo alcance geográfico a baixo custo. Seu único fator de existência e efetividade é a possibilidade de codificação e decodificação de determinada mensagem, para que ela seja remetida pelo enunciador e compreendida pelo destinatário.

2.2.1 Um exemplo de interação via carta: O Cantinho da Amizade

A comunicação, quando intermediada pelo artefato da carta, pode se tornar parte da composição de outros meios de comunicação, nesse caso, meios de comunicação de massa, como programas de rádio, de televisão, revistas e jornais. São inúmeras as recordações de atrações televisivas dos anos 70, 80 e 90 do século XX pelas quais era possível interagir com os apresentadores enviando uma carta para que eles fizessem a leitura durante o programa, ampliando ainda mais o conteúdo da mensagem.

Dentre as muitas práticas dessa natureza comum à época, e conforme já exemplificado pela editoria Bate-papo da revista Capricho nos anos 1970, uma delas carece de ser abordada com mais destaque por promover uma espécie do que talvez possa ser chamado de tripla interação: a troca de cartas entre pessoas - que eram leitoras da mesma revista - e a revista. O que acontecia nesse formato de comunicação se dava por três etapas cronológicas e complementares, sendo que:

- 1) O leitor enviava uma carta para a revista, solicitando publicação.
- 2) Os leitores que acompanhavam a revista tinham contato com o texto da carta original, publicada conforme o pedido do leitor/autor.
- 3) Os leitores que desejavam interagir, enviavam cartas diretamente para o leitor/autor, não dependendo mais do intermédio da revista.

Um exemplo pertinente desta tríade interacionista foi a seção “Cantinho da Amizade”, da revista Capricho, criada pela Editora Abril em 1952. A Capricho foi a segunda publicação da editora e, embora atualmente seja veiculada somente em meio

digital, ainda traz alguns resquícios das primeiras edições, tendo uma relevante variação na faixa etária do público ao longo dos anos.

Seu conteúdo era constituído de fotonovelas, dirigidas a um público mais adulto. Ainda nesse ano, a revista foi ampliada e passou a abordar os seguintes temas: moda, beleza, comportamento, contos e variedades; contemplando assuntos como: técnicas de conquista, namoro e virgindade. No ano de 1956, a Capricho atingiu a, até então, maior tiragem de uma revista da América Latina, rompendo a marca dos quinhentos mil exemplares. Este sucesso perdurou ao longo dos anos 1960 e estava relacionado, especialmente, às fotonovelas por ela publicadas. (MIGUEL, 2009, p.19)

O “Cantinho da Amizade” foi uma seção publicada na Capricho entre os anos 1972 e 1973. Nela, as pessoas que desejavam criar um novo vínculo de amizade, enviavam uma descrição básica sobre si mesmas, como idade, altura, profissão, e também compartilhavam uma forma de contato, fosse o endereço completo (logradouro, número, bairro, cidade e Estado) ou o número da caixa postal. Algo que chama a atenção nesses anúncios é justamente o teor de cada um deles, pois, embora o nome da seção fizesse uma referência direta à amizade, é possível identificar diferentes interesses, visto que, por vezes, o interlocutor deve ter características bem específicas, além do que o objetivo também fica bem explícito no complemento da frase “deseja se corresponder com”: “rapazes com situação definida para futuro compromisso”, “jovens de ambos os sexos para troca de ideias sobre qualquer assunto”, “garotas de treze a dezoito para curtir uma grande amizade”, “moças para fins matrimoniais”, “jovens, mineiros ou paulistas, de ambos os sexos”.

Bate-papo

Indicações

NOVELA



O DISCO: *Novela*

Compacto duplo, Cr\$ 12,00. Aqui estão reunidos os temas das novelas mais badaladas do momento. *Meu Pei Oxala*, com Toquinho e Vinícius, de *O Bem-Amado*, *Iron Horse*, com o Conjunto Excelsior, de *Cavalo de Aço*. E mais duas músicas de *Vitoria Bonelli*: *Se o Amor Pudesse*, com Merilina Medalha, e *L'Ultimo Romantico*, com Pino Donaggio.



O FILME: *Frenesi*

O mestre do suspense, Alfred Hitchcock, está de volta num filme de arrepiar os cabelos. A história se passa em Londres, onde um frio e calculista assassino estrangula suas vítimas com uma gravata de seda. Nos papéis principais, John Fich, Barry Foster, Barbara Leigh-Hunt e Anna Massey. Colorido.

CANTINHO DA AMIZADE

Se você quiser publicar um anúncio, escreva carta com seus dados pessoais, nome e endereço completos e bem legíveis, autorizando a publicação dos mesmos, e mande para CAPRICHÔ. **Importante:** os leitores que não autorizarem a publicação do nome e endereço terão suas cartas inutilizadas.

Solteira, 22 anos, 1,68 m, 65 quilos, culta, deseja corresponder-se com rapazes com situação definida para futuro compromisso. Luciana Del Rio, rua Nossa Senhora de Fátima, 488, Bebedouro, SP.

Branco, 25 anos, 1,75 m, cabelos e olhos castanhos, empregado estadual, quer se corresponder com jovens brasileiras para fins de amizade ou futuro compromisso. Antônio Fernandes Baileira, caixa postal 12, Dondo, Moçambique, África Portuguesa.

Estudante, dezoito anos, 1,65 m, olhos e cabelos castanhos, quer se corresponder com jovens de ambos os sexos para fins de amizade. Heloisa Alves, rua Boa Nova, 193, Itapetinga, BA.

Engenheiro alemão, solteiro, 31 anos, 1,81 m, deseja corresponder-se com jovens para fins de amizade e pede foto na primeira carta. Karl Sommer, rua Barão de Paranapanema, 304, Campinas, SP.

Estudante, dezoito anos, 1,60 m, gostaria de corresponder-se com jovens de ambos os sexos para troca de idéias sobre qualquer assunto. Katia Tung, caixa postal 2888, São Paulo, SP.

Moreno claro, estudante, 1,73 m, 61 quilos, cabelos e olhos pretos, quer se corresponder com garotas de quinze a vinte anos para fins de amizade e pede foto na primeira carta. Oscar da Rocha, caixa postal 2, Itaporã, MT.

Estudante, 22 anos, 1,56 m, olhos e cabelos castanhos, gostaria de corresponder-se com jovens de todo o Brasil. Maria dos Santos, rua Rui Barbosa, 1102, Cametá, PA.

Maranhense, 26 anos, 1,58 m, estudante de filosofia, deseja corresponder-se com jovens mineiros ou paulistas, de ambos os sexos. Antônio Ramos, av. Franklin Roosevelt, 194, apto. 804, Castelo, Rio, GB.

Loira, dezessete anos, 1,67 m, 54 quilos, quer se corresponder com rapazes de 25 a trinta anos para fins de amizade ou futuro compromisso. Helena Barbosa, rua Recife, 26, Astorga, PR.

Estudante de medicina, dezenove anos, 1,85 m, olhos e cabelos castanhos, quer se corresponder com garotas de treze a dezoito para curtir uma grande amizade. Antônio Reis, rua Cel. Antônio Félix, 171, Senhor do Bonfim, BA.

Estudante, 22 anos, 1,56 m, 47 quilos, gostaria de corresponder-se com rapazes para fins de amizade sincera. Maria de Fátima Santos, rua Manoel Barata, 1515, Belém, PA.

Português, 27 anos, 1,70 m, gostaria de corresponder-se com jovens do Brasil ou do exterior para fins de amizade. Jacinto Marques, Buco, Zau, Cabinda, Angola, África Portuguesa.

Loira, dezesséis anos, 1,72 m, 68 quilos, olhos verdes, deseja corresponder-se com jovens para troca de postais e fins de amizade. Beatriz Cassias, rua São Paulo, 1509, Cascavel, PR.

Loiro, olhos azuis, 26 anos, 1,75 m, universitário, quer se corresponder com moças para fins matrimoniais. Joarez Guebert, rua Bráulio Guedes de Silva, 163, Sorocaba, SP.

Morena, 24 anos, 1,70 m, olhos verdes, deseja corresponder-se com rapazes para fins de amizade. Pade Lucia Silva, rua General João de Almeida, 66, Luanda, Angola, África Portuguesa.

Estudante de arquitetura, dezenove anos, 1,80 m, olhos verdes, cabelos castanhos, quer se corresponder com garotas de catorze a dezoito anos para fins de amizade. Newton Menezes, pça. Nova Congresso, 94, Senhor do Bonfim, BA.

Portuguesa, dezoito anos, morena clara, 1,66 m, gostaria de corresponder-se com jovens brasileiros de ambos os sexos para fins de amizade. Guida Silva, caixa postal 120, Malanje, Angola, África Portuguesa.

Figura 2 – Cantinho da Amizade da edição 330 da revista Capricho

À época, a revista também contava com outros serviços de recebimento de cartas, com a intenção de responder aos questionamentos manifestados pelos leitores, como “Consultório médico” e “Em nome da lei”.

As temáticas da revista Capricho seguiram a tendência dos conteúdos produzidos na época ao público feminino. Edgar Morin (1997), na obra *Cultura de Massas no Século XX (O Espírito do Tempo)*, destaca quais eram as características da chamada imprensa feminina e de qual modo elas influenciavam nas atividades diárias desse público.

Os dois grandes temas da imprensa feminina, de um lado a casa, o bem-estar, de outro, a sedução, amor, são, de fato, os dois grandes temas identificadores da cultura de massa, mas é na imprensa feminina que esses temas se comunicam estreitamente com a vida prática: conselhos, receitas, figurinos-modelos, bons endereços, correio sentimental, orientam e guiam o saber-viver cotidiano. (MORIN, 1997, p.141)

O alinhamento entre a linha editorial da revista e o que parece ter sido um retrato da década de 1970 tende a se mostrar como o principal ingrediente para a existência da Capricho após quase 70 anos de criação, resistindo às mudanças políticas, culturais, midiáticas e tantas outras.

Ao apresentar todas essas características da revista Capricho e da seção Cantinho da Amizade, o presente estudo favorece o entendimento sobre a forma de interação propiciada pela revista e sua importância para a interação das pessoas, na primeira metade da década de 1970, que estavam geograficamente distantes e sem outras formas de alcance e acesso.

Para concluir esta etapa de apresentação da técnica e da tecnologia, o presente capítulo retomou pontos relevantes a respeito da importância da tecnologia da escrita para a vida em sociedade e de que forma a técnica da ideologia e da valoração, proposta nesta dissertação, contribui para uma análise mais assertiva a respeito dos pilares utilizados para a argumentação, tópico que será detalhado no próximo capítulo.

3 A ARGUMENTAÇÃO E AS SUAS INTERFACES COM AS TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

A temática da argumentação e suas formas de aplicação nos mais variados discursos e contextos de interação há tempos desperta o interesse de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Seja para compreender de que modo os recursos argumentativos foram historicamente empregados, ou para conhecer novas abordagens adotadas, os estudos acerca do tema foram – e continuam sendo – fundamentais para o melhor entendimento das relações humanas. Esse capítulo pretende explicar a trajetória de algumas vertentes que tratam do tema. Partiremos da visão aristotélica, seguiremos em direção à forma como ela é apresentada na nova retórica e, por fim, teremos como destino a visão desenvolvida por Amossy (2018) que, de certa maneira, contempla parte das anteriores.

Para este estudo, adotaremos a concepção de Amossy (2018) acerca do entendimento da autora sobre a argumentação, que recebe uma perspectiva de análise também discursiva. De acordo com a autora, a característica argumentativa está inserida no discurso daquele locutor/enunciador que deseja obter adesão à sua tese, em todas as suas aplicações e formas de manifestação. Isso significa que, ao observar essa condição na materialidade textual, por exemplo, seria plausível afirmar, conforme Cavalcante, *et al* (2022) propõe, que todo texto carrega um viés argumentativo. Ainda de acordo com os estudos de Amossy (2018), Cavalcante, *et al* (2022) afirma que: “[...] independentemente da sequência composicional pela qual um texto se estrutura, haverá sempre argumentatividade em todos eles”. (CAVALCANTE, *et al*, 2022, p. 97)

A sequência composicional citada por Cavalcante, *et al* (2022) é parte fundamental para abordarmos a materialidade de uma das formas possíveis de exercer a argumentação: o texto escrito. Para essa análise, as noções de texto empregadas serão as de Jean-Michel Adam (2019), para quem: “Todo texto visa (explicitamente ou não) agir sobre representações, crenças e/ou comportamentos de um destinatário (individual ou coletivo)”. (ADAM, 2019, p. 39)

Seria nesse sentido que consideramos, para este trabalho, o conceito de argumentação de Amossy (2018).

[...] toma-se como objeto a ‘argumentação’ com a seguinte definição: os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus

alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema. (AMOSSY, 2018, p.47)

Nesta pesquisa, essa será a noção que norteará a forma de como pretendemos analisar o gênero proposto no *corpus*. Acreditamos que essa visão, alinhada à visão de texto como materialização do discurso, possa contribuir aos estudos do texto e do discurso. É válido ressaltar aqui que, de acordo com as escolhas terminológicas de Adam (2019) para a obra *Textos - Tipos e Protótipos* (parte do referencial bibliográfico desta dissertação), o texto é a concretude das possibilidades de interação social, sendo, por esse motivo, uma representação das relações discursivas. “Todo texto é traço linguageiro de uma interação social, a materialização semiótica de uma ação sócio-histórica de fala.” (ADAM, 2019, p. 33)

3.1 A argumentação segundo diferentes perspectivas

Os modos pelos quais a atividade argumentativa se apresenta são, há muito tempo, objetos de análise. A partir dos estudos da retórica, que surgiram ainda na antiguidade, é que foi possível compreender as estratégias do emprego da palavra para produzir os efeitos desejados no campo da persuasão. Conforme Fiorin (2015), Aristóteles considerava a argumentação como uma estratégia de persuasão. Então, de modo bastante resumido, pelo olhar da retórica, argumentar era o mesmo que persuadir.

Com a concepção da nova retórica, introduzida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a argumentação passa a ser compreendida como um recurso para possíveis acordos, não mais assumindo uma postura de persuasão a qualquer custo. Nesse novo encadeamento de possíveis intenções do discurso, tem-se um anseio em se propor o acordo, gerar adesão com o público ao qual o discurso se dirige.

A argumentação, considerada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) como sinônimo da retórica, é abordada tanto como uma espécie de estrutura da discussão como também como uma medida de resolução de conflitos. Outros teóricos complementam esse conceito adotando a concepção de que a argumentação tem o objetivo de aprofundar a compreensão da racionalidade e do raciocínio, determinando aos seus estudos a missão de identificar a sua lógica e a sua respectiva validade, favorecendo, com isso, o pensamento crítico.

O novo sentido trazido por Perelman e Olbrechts-Tyteca à argumentação, que pode ser denominada como nova retórica, segundo Amossy (2018), revela-se como uma possibilidade de encontrar o caminho para os desacordos e à violência que deles se origina. Nesse entendimento, a proposta de estabelecer um acordo a partir do diálogo entre ambas as partes se mostra um recurso para o aceite ao que é razoável a uma maioria. O acordo seria, para os autores, “uma comunhão dos espíritos construída sobre valores e hierarquias comuns”. (AMOSSY, 2018, p.23)

Essa é uma noção próxima ao que é também apresentado por Fiorin (2002), segundo a nova retórica. A persuasão e desejo de ação sobre os demais reforçam esse entendimento, uma vez que, para o autor, a intenção de um orador é fazer com o que o seu auditório acredite na informação que está sendo transmitida, empregando, para isso, recursos argumentativos (técnicas, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1996). Desse modo, a noção de acordo torna-se importante para compreender como um auditório vai aderir a uma tese.

Os objetivos dos estudos argumentativos são também considerados por alguns autores, como Cavalcante *et. al.* (2020), para quem a argumentação é integrante de todo texto e, de acordo com o que menciona a linguística textual, a argumentação é constituinte tanto no nível do discurso quanto na própria estrutura do texto. Nessa mesma linha defendida pela autora, demais estudiosos contemporâneos, como Amossy (2018), sustentam que a argumentação precisa ser estudada sob o aspecto funcional, incluindo o linguajar, a capacidade de compreensão e a relação social e política.

Diferentemente do entendimento sobre servir de referência para estruturas de discussões ou para a resolução de conflitos, essa visão mais analítica apresenta um viés direcionado a ampliar a visão de mundo, observando e detalhando todo o cenário das relações discursivas, porém concretas, como a imprensa, a ficção, o discurso jurídico, político, entre outros.

Os diferentes entendimentos sobre o que vem a ser a argumentação perpassam, ainda, por alguns dilemas e, até mesmo, por contrariedades. Isso porque, ao considerar um direcionamento focado na disciplina, como sendo um ponto de referência e de estrutura a ser seguido, há um distanciamento natural de uma concepção que se baseia na promoção do raciocínio.

Somadas a essas abordagens já explicadas, é ainda válido ressaltar que a retórica também é numerosamente percebida em sua forma mais restrita: na

elocução. Isso significa que, na *elocutio*, a retórica tem como essência a estética, e não a sua aplicação figurativa, como as figuras de linguagem que compõem o campo da estilística.

Essas diferentes interpretações sobre o que vem a ser retórica e a argumentação foram também apresentadas e questionadas por Michel Meyer (2009 *apud* AMOSSY, 2018). Nela, o autor problematiza a relação entre os dois ditos termos. Para ele, a retórica pode ser definida, em determinados aspectos, como uma disciplina que também inclui a argumentação. Por outro lado, e de modo opositor, também defende o entendimento de que a argumentação nasce a partir da discordância de respostas para, na sequência, analisar uma questão, enquanto a retórica desconsidera qualquer possibilidade de divergência de ideias, assumindo a certeza, ainda que mascarada, de aceitabilidade. Em resumo, essa dicotomia seria o entendimento da retórica como a manipulação, e a argumentação como o encontro e a troca de ideias, com base na palavra e na razão.

Todas essas diferentes perspectivas a respeito da argumentação e da retórica são aglutinadas por Perelman e Olbrechts-Tyteca, segundo Amossy (2018), que não fazem distinção sobre os dois termos em questão. Para eles, são duas formas que contemplam o objetivo de promover a adesão a uma tese. Na prática social da fala, tanto a argumentação quanto a retórica são muito próximas e, até mesmo, indissociáveis.

A chamada teoria da argumentação no discurso (TAD), como aponta Amossy (2018), foi concebida tendo em vista parte do que é apresentado pela retórica e nova retórica, saindo da dimensão comunicacional proposta por Perelman e alinhando o campo da argumentação à análise do discurso. De modo sucinto, trata-se de uma abordagem que explica o processo argumentativo como uma “tentativa de modificar, de reorientar, ou, mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas [...]” (AMOSSY, 2011, p. 130). Uma abordagem que toma o sujeito como um estrategista de seu discurso, com viés intencional.

Quando essa intenção é fundamentada na premissa de fazer o público mudar de opinião, aderindo a uma tese, constitui-se a chamada visada argumentativa. Há, ainda, uma segunda abordagem sobre o impacto que o discurso pretende alcançar, que ocorre quando há o objetivo de modificar as formas de ver e/ou de sentir. Ou seja, não há uma grande ruptura ou mudança de percepção ou atuação, apenas uma nova orientação. Neste caso, trata-se de um discurso de dimensão argumentativa.

Por esse motivo, a teoria da argumentação no discurso (TAD) engloba essas duas frentes, considerando a visada e a dimensão argumentativa e abrangendo os discursos que obtêm a adesão à tese e os que apenas prestam uma orientação sob determinado objetivo. De acordo com a TAD, a fala efetiva não seria apenas a que apresenta propriedades de persuasão, mas também aquela que inspira o compartilhamento de raciocínio.

A partir dessas considerações, a análise retórica e a análise argumentativa passam a ser concebidas como uma disciplina que estuda as diversas modalidades de interação. E com esse propósito, a TAD ganha espaço dentro dos campos de estudo da comunicação e também da linguística, na Análise do Discurso (AD).

Os conceitos do que vem a ser a nova retórica constituem o fator de aproximação da teoria da argumentação à análise da argumentação no discurso proposto por Amossy (2008). Os trabalhos de Anscombe e de Ducrot sobre os estudos argumentativos também assimilam algumas concepções a respeito do tema, mas fazem uma distinção entre a argumentação retórica e argumentação linguística, ressaltando que ambas se constituem na língua, não na razão ou nas evidências (logos), contudo, não abordaremos neste trabalho. Para além da “argumentação na língua”, a abordagem desta pesquisa se dará em limites próximos aos apresentados pela autora, com explorações em conceitos provenientes da retórica e nova retórica, considerando que a argumentação é parte integrante do discurso.

Em meio a essa discussão, elaboramos um quadro (quadro 1) pelo qual é possível exemplificar os componentes do discurso e suas características, segundo Amossy (2018). Para a autora, todo discurso apresenta as seguintes dimensões constitutivas:

Quadro 2 - As dimensões do discurso

Não há discurso sem	
Enunciação	O discurso é o efeito da utilização da linguagem em situação
Dialogismo	A palavra é sempre, como diz Bakhtin, uma reação à palavra do outro

Apresentação de si	Toda fala constrói uma imagem verbal do locutor
“Argumentatividade” ou orientação (mais ou menos marcada no enunciado)	que convida o outro a compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir

Fonte: baseado em Amossy (2018, p.12) e elaborado pela autora

A composição deste quadro mostra-se relevante a este estudo porque, com base nele, podemos exemplificar o quão fortemente a argumentação está presente na composição do discurso e, por isso, merecidamente, ganha o seu espaço nos estudos da análise do discurso. Acreditamos que é nesse sentido que a autora apresenta, como expusemos anteriormente, sobre a necessidade de todo discurso procurar produzir um impacto sobre um público e, para tanto, traz as noções de visada e dimensão argumentativa.

Para Amossy (2018), a chamada visada argumentativa é aquela em que o texto oral ou escrito assume a intenção de persuadir, mantendo explicitamente o desejo de influenciar o alocutário. Já a dimensão argumentativa é o discurso materializado no texto - oral ou escrito - que sugere, implicitamente, uma determinada direção ao alocutário. “Enfim, a noção de dimensão argumentativa estendida ao conjunto do discurso permite explorar os múltiplos procedimentos aos quais pode recorrer a empreitada persuasiva”. (AMOSSY, 2018, p. 277)

Os múltiplos procedimentos que a autora cita são os relativos às diferentes formas implícitas empregadas para adesão à tese, seja pelo uso de técnicas clássicas, como figuras de estilo e analogias, ou pela admissão de técnicas particulares, como o ponto de vista. E para alcançar o objetivo que esta pesquisa propõe, a análise será fundamentada na teoria da argumentação no discurso (TAD), por considerar que o gênero do corpus em questão (carta de autoapresentação) apresenta a visada argumentativa.

3.1.1 A noção de acordo

Pelo o que conceitua a nova retórica a respeito da argumentação, é possível dar início ao entendimento do que vem a ser o acordo e como ele se constrói a partir da natureza das suas premissas. Ainda tendo em parte uma concepção aristotélica, a afirmação de Fiorin (2015), a respeito do surgimento da argumentação, passa pelo

princípio de que o uso da palavra com a intenção de persuasão veio em substituição à força física, uma vez que a convivência entre as pessoas mostrou que somente o quesito de domínio corporal não seria suficiente para convencer alguém a fazer algo.

Em consequência do início dessa prática de persuasão pela palavra estão relacionados os primeiros movimentos democráticos, pelos quais os cidadãos precisavam resolver problemas relativos às cidades em que viviam. Essa é a circunstância que marca o surgimento “dos primeiros tratados de argumentação”. (FIORIN, 2015, p.14).

Ainda sobre o ato de argumentar, o autor afirma que:

Todo discurso tem uma dimensão argumentativa. Alguns se apresentam como explicitamente argumentativos (por exemplo, o discurso político, o discurso publicitário), enquanto outros não se apresentam como tal (por exemplo, o discurso didático, o discurso romanesco, o discurso lírico). No entanto, todos são argumentativos [...] (FIORIN, 2015, p.14)

A dimensão argumentativa, trazida por Fiorin (2015), aproxima-se, até certo ponto, do que conceitua Amossy (2018). No entanto, diferentemente da autora, Fiorin compreende a dimensão argumentativa como a construção discursiva que tem a finalidade de convencimento, não diferenciando as escolhas textuais mais explícitas (visada argumentativa) das menos explícitas (dimensão argumentativa).

A convicção de que a argumentatividade é pertencente à linguagem humana e é característica básica do discurso resulta do entendimento de que o enunciado é sempre de natureza argumentativa. Ducrot e Anscombe *apud* Fiorin (2015), defendem uma abordagem que conceitua a argumentação como um conjunto de enunciados que se sustentam e levam à admissão de outros enunciados, direcionando a uma conclusão:

Assim, quando a mãe diz ao filho que se prepara para sair *O sol está muito forte*, esse enunciado orienta para conclusões tais como *Não saia agora, vá mais tarde, Leve um guarda-sol para se proteger*, mas não orienta na direção de conclusões como *Não leve nenhuma proteção contra o sol, As condições climáticas estão ótimas para andar pelas ruas*. (FIORIN, 2015, p.17)

Esses conceitos e exemplos demonstram que o texto argumentativo não se vale de um raciocínio pronto, mas sim constrói um caminho para que esse raciocínio desejado (adesão à tese) seja alcançado. A explicação de Fiorin (2015), a respeito do raciocínio, tem como base a divisão feita por Aristóteles: raciocínios necessários e

raciocínios preferíveis. Como necessários são compreendidos aqueles que resultam diretamente das premissas estabelecidas, o que se entende por silogismo. A partir de proposições verdadeiras, haverá uma conclusão verdadeira. Já como preferíveis são identificados aqueles raciocínios que são prováveis, possíveis, plausíveis, mas não necessariamente verdadeiros, pois as premissas que os sustentam não são de natureza lógica verdadeira, mas sim relativas a valores, à visão de mundo, às posições religiosas, aos sentimentos e a outras características subjetivas. Nesses casos, as conclusões serão relativas a crenças e valores do auditório.

Os raciocínios necessários pertencem ao domínio da lógica e servem para demonstrar determinadas verdades. Os preferíveis são estudados pela retórica e destinam-se a persuadir alguém de que uma determinada tese deve ser aceita, por que ela é mais justa, mais adequada, mais benéfica, mais conveniente e assim por diante. (FIORIN, 2015, p.18)

Essas noções do autor partem do que é apresentado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para a nova retórica. Assim como faz Amossy (2018) para a TAD, Fiorin (2015) também empresta parte dos conceitos para suas análises. As explicações do autor a respeito dos raciocínios necessários e preferíveis muito se aproximam das noções de acordo real e preferível propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Isso porque, acreditamos que tanto o raciocínio necessário quanto o acordo real fazem referência às premissas ou proposições que residem no campo da verdade, dos fatos e dos objetivos, enquanto o raciocínio preferível e o acordo preferível correspondem ao campo do subjetivo, do particular, das diferentes e mutáveis preferências de um determinado contexto sócio-histórica.

[...] a própria escolha das premissas e sua formulação, com os arranjos que comportam, raramente estão isentas de valor argumentativo: trata-se de uma preparação para o raciocínio que, mais do que uma introdução dos elementos, já constitui um primeiro passo para a sua utilização persuasiva. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 73)

Essa convergência de concepções pode ser melhor compreendida a partir da análise detalhada sobre a noção de acordo, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Para eles, o acordo seria o conjunto de premissas expostas para promover a adesão da tese frente a um auditório. Essa perspectiva ainda sustenta que, ao acordo, são passíveis duas classificações (como apresentamos anteriormente): uma delas, o acordo com o real, referente aos fatos, às verdades e às presunções de verdade, voltada a um contexto de auditório comum. Já a outra classe, o acordo com o

preferível, está associada aos valores, às hierarquias e aos lugares do preferível, inclinada ao contexto de auditório particular (CATELÃO, 2013).

Conforme Catelão (2013), a diferença entre o auditório comum e o auditório particular corresponde à proporção de indivíduos que constituem o auditório.

Como dito anteriormente, os acordos manifestos pelos fatos, verdades e presunções são orientados ao auditório universal e caracterizados segundo o princípio de atender a um número expressivo de indivíduos. Por outro lado, os acordos sobre o preferível - valores, hierarquias e lugares do preferível - expressam seus conceitos com base em um auditório particular, caracterizados por sua individualidade e especificidade. (CATELÃO, 2013, p. 84)

A partir da elucidação das classificações do auditório (comum e particular) e do acordo (real e preferível), o quadro a seguir demonstra alguns exemplos das premissas que constituem os acordos e se relacionam com os auditórios. Os objetos que são organizados para motivar a adesão à tese podem ser exemplificados assim:

Quadro 3 - Objetos do real e do preferível

Objetos do acordo real	Objetos do acordo preferível
Concebidos como dados que remetem à noção do concreto, sem abertura a dúvidas, baseados na realidade objetiva. Auditório comum (referente a um grande número de pessoas)	São relativos a noções mais subjetivas e compatíveis a um determinado contexto sócio-histórico. Auditório particular (referente a um grupo de pessoas reduzido)
Fatos: resultantes da observação, da suposição, da possibilidade, da convenção	Valores: podem ser abstratos ou concretos, sendo que o último grupo estão vinculados a seres vivos
Verdades: sistema de ligação entre os fatos que é creditado como verdade	Hierarquias: as possibilidades de superioridade de um ser sobre outro (concreta) ou uma ideia sobre outra (abstrata). As hierarquias são definidas com base nos valores
Presunções de verdade: uma verdade que não apresenta uma razão objetiva. Pode ser entendida como sinônimo de verossímil, que pode ser admitido até que se prove o contrário	Lugares do preferível: são posições tomadas como certas ou corretas de acordo com os valores que são compatíveis àquele auditório. Os lugares podem ser: da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência e da pessoa

Fonte: baseado em Catelão (2013, p 82-86) e elaborado pela autora

Por mérito do entendimento acerca das perspectivas do acordo e da sua relevância para o campo da argumentação, exploraremos, particularmente neste trabalho, o objeto valor, que representa as crenças e as convicções - o acordo com o preferível -, habitualmente muito particularizadas a um determinado grupo e/ou época e que na maioria dos estudos acaba por circular a noção de valor. É nesse sentido que uma observação mais aprofundada sobre os valores, sejam eles concretos ou abstratos, será selecionada aqui na tentativa de retratar parte da vasta variação de pensamentos e comportamentos ao longo da história da humanidade e o seu desenvolvimento em termos axiológicos.

Além disso, para este estudo, que se propõe a investigar o uso da emoção como recurso argumentativo para obter a adesão do auditório à tese, o objeto valor será exposto com destaque e detalhamento uma vez que, assim como apresentado em estudo de Cortez e Catelão (2022), visualizamos uma relação entre a noção de emoção e de valor no interior da argumentação nas cartas de autoapresentação.

Dentro dessa perspectiva, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), no que se refere ao acordo com o preferível, os valores (quadro 2) representam as crenças ou as convicções capazes de resultar em uma ação que, por sua vez, desencadeia outra ação, geralmente oposta. O exemplo de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) para essa correlação (*'Não percebo isso'*, o que equivale a dizer *'percebo outra coisa'*) (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 85) evidencia a característica do valor em impedir sua total e completa rejeição, pois “a crença na honestidade, por exemplo, implica também reconhecer a desonestidade” (CATELÃO, 2019, p. 49). É nesse sentido que, ao se rejeitar um valor, logo outro estará sendo adotado.

Ainda na vertente dos valores, há mais uma concepção relevante para esta análise: eles podem ser classificados como abstratos ou concretos. Para Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), na esfera abstrata, as crenças e os julgamentos são exemplos de valores nos quais os grupos sociais se apoiam para validar, ou não, uma tese. Já no âmbito concreto, os valores estão orientados diretamente ao indivíduo, a um determinado grupo, como as relações de amizade. Embora haja essa diferenciação, ambos se embasam mutuamente: valores concretos passam a ser utilizados para criar valores abstratos, e valores abstratos são, por vezes, empregados para dar início a um novo valor concreto.

A argumentação se baseia, conforme as circunstâncias, ora nos valores abstratos, ora nos valores concretos; às vezes, é difícil perceber o papel representado por uns e outros. (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 88)

Na mesma direção dos objetos do acordo preferível, as hierarquias também podem ser relacionadas aos valores, uma vez que, embora também apresentem uma classificação de concreta (um indivíduo sendo superior a outros indivíduos ou a outro ser vivo) ou de abstrata (uma ideia sendo superior a outra), elas são manifestadas pelos valores e pelo grau de intensidade com que esses são considerados pelo auditório. Esse entendimento vai ao encontro do que Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996) sustentam: “hierarquias de valores são, decerto, mais importantes do ponto de vista da estrutura de uma argumentação do que os próprios valores” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 88).

Por fim, nesse mesmo campo de objetos para o acordo preferível, há o lugar comum, que se refere aos valores comumente repetidos e consagrados. O lugar comum, também chamado de “lugar dos valores” e “tópico” (Catelão, 2019), são as proposições que historicamente se apresentam como argumento, perpassando gerações. Como exemplos desse objeto, há algumas concepções conhecidas pela grande maioria das pessoas, como: “não há nada melhor do que um dia depois do outro”, “o bem triunfa sobre o mal”, “a gente colhe o que planta”. (CATELÃO, 2019, p.50)

Para esse estudo, ao adotar o posicionamento de Amossy (2018) a respeito da relação entre valor e emoção, que a presente pesquisa se sustenta, concordamos que “[...] as emoções, que têm origem em crenças e julgamentos, estão, por sua vez, abertas à argumentação” (AMOSSY, 2018, p.207), sendo passíveis, portanto, de uma análise à luz da teoria da argumentação, suas características enquanto valor abstrato e suas trajetórias rumo ao acordo preferível.

Ainda nessa mesma linha de raciocínio, Charaudeau (2007) defende que, não só as crenças e as emoções estão intimamente relacionadas como, também, ao se alterar uma delas, conseqüentemente a outra também será afetada.

[...] emoções e crenças estão indissolúvelmente ligadas: qualquer modificação de uma crença leva a uma modificação de emoção (por exemplo, a humilhação); qualquer modificação de emoção leva a um deslocamento da crença (por exemplo, a indignação); e podemos apostar que qualquer desaparecimento de emoção em uma circunstância socialmente esperada leva a uma modificação das crenças. (CHARAUDEAU, 2007, p. 19)

Essas noções da implicação da emoção enquanto valor para a concepção do discurso argumentativo e seu consequente - e desejável - estabelecimento do acordo (preferível) serão descritas no próximo tópico em relação à modalidade patêmica e a emoção na argumentação.

3.1.2 A modalidade argumentativa patêmica e a emoção na argumentação

O termo patêmico provém de *pathos*, “a capacidade de despertar emoções no auditório” (AMOSSY, 2017, p. 19). O *pathos* é um dos vértices da tríade aristotélica para a retórica, sendo os outros dois pontos o *logos*, “a fala como discurso e razão” (AMOSSY, 2017, p. 19) e o *ethos*, “a imagem de si do orador” (AMOSSY, 2017, p. 19). Aristóteles debruçou-se sobre a questão do *pathos*, dedicando um livro inteiro sobre o tema com a intenção de avaliar como as emoções se dão a partir de quem as compartilha, a quem elas se dirigem e por quais razões. Amossy (2018) explica as aspirações aristotélicas quanto aos estudos da emoção:

Examinar suas características e consequências significa, para Aristóteles, ver o que pode tocar a afetividade, conhecer a natureza das emoções e o que as suscita, perguntar-se a quais sentimentos o alocutário é suscetível em virtude de seu status, de sua idade... (AMOSSY, 2018, p. 197)

A inclinação ao *pathos*, como uma escolha que se refere à possibilidade de argumentação, pode estar inserida em diferentes contextos em que haja a visada ou a dimensão argumentativa. No entanto, conforme explica Cavalcante *et al* (2020) a opção pelo parâmetro patêmico pode, por vezes, apresentar-se também como uma estratégia argumentativa, não tendo todo o seu discurso atribuído a uma única modalidade.

Apesar de ser traço imprescindível para a constituição de uma modalidade – a modalidade patêmica -, o apelo ao *pathos*, em uma complexidade de situações enunciativas, nem sempre corresponderá a uma modalidade argumentativa, mas a uma estratégia argumentativa como outras. (CAVALCANTE *et al*, 2020, p. 15)

As outras estratégias argumentativas apresentadas por Cavalcante *et al* (2020) são as outras duas formas de persuasão aristotélica, *logos* e *ethos*, também de grande relevância para os estudos argumentativos. No entanto, em respeito ao foco da presente análise, além do predomínio do *pathos*, somente o *ethos* também

receberá uma investigação mais aprofundada, tendo em vista a “apresentação de si” e a “imagem verbal do locutor” (AMOSSY, 2018, p. 12) como parte de todo discurso.

A partir da compreensão de que a modalidade patêmica é, então, relativa ao emprego da emoção no discurso, outras modalidades argumentativas também serão apresentadas, mas serão utilizadas com menos destaque na presente análise por não estarem diretamente relacionadas ao objetivo que se pretende alcançar. As modalidades argumentativas são apresentadas por Amossy (2008) e procuram identificar, no texto, as maneiras pelas quais a argumentação se faz presente no discurso. A autora apresenta seis modalidades argumentativas: demonstrativa, patética, pedagógica, de co-construção, negociada e polêmica. Essas modalidades se relacionam, por sua vez, a determinados gêneros de discurso. Exemplos de cada uma delas são apresentadas por Cavalcante (2020) em duas frentes: uma relativa ao consenso (que contempla a demonstrativa, a patética, a pedagógica, a de co-construção e a negociada) e outra ao dissenso (relativa à polêmica).

No demonstrativa, estão produções que se apresentam sob os modelos de artigo científico e de artigo de opinião, por exemplo. Já a modalidade patética pode ser mais encontrada em peças de campanha publicitária, como em outdoor, vídeos, panfletos, entre outros desdobramentos. A pedagógica é facilmente reconhecida em situações que unem explicação e ensinamentos, como as que envolvem lições e questões que precisam ser resolvidas após a apresentação do contexto. As duas modalidades que se direcionam ao consenso (co-construção e negociada) se assemelham em suas dinâmicas por buscarem um ponto comum entre os envolvidos, diferenciando-se pelo fato de que, a co-construção busca a criação de um resultado partilhado, enquanto que a negociada busca um trato entre os que detêm pontos de vista opostos em relação ao mesmo tema. Uma síntese das modalidades pode ser descrita no quadro abaixo.

Quadro 4 - Modalidades argumentativas

Modalidade	Características
Modalidade demonstrativa	Obter a adesão do auditório à tese utilizando a demonstração racional, articulando o raciocínio a partir de provas

Modalidade patética (patêmica)²	Obter a adesão do auditório à tese utilizando a comoção
Modalidade pedagógica	Obter a adesão do auditório à tese utilizando uma condição de superioridade para levar à reflexão e posicionando o auditório a um posto de aprendiz
Modalidade de co-construção	Obter a adesão do auditório à tese por meio da interação concreta entre os participantes
Modalidade negociada	Obter uma solução comum, resultado do esforço dos participantes em estabelecer um compromisso para resolver o problema que os fazem ter posições diferentes
Modalidade polêmica	Obter a adesão do auditório à tese, quando este apresenta uma visão oposta à apresentada. A via utilizada é o ataque às teses contrárias para desacreditar o oponente

Fonte: baseado em Amossy (2008, p 232-237) e elaborado pela autora

Para Amossy (2008), cada uma dessas modalidades desempenha papéis diferentes em prol da inserção da argumentação no discurso:

Assim, a modalidade demonstrativa usa as vias do raciocínio partilhado, a modalidade patética a via do sentimento; a modalidade pedagógica a de uma interação suscetível de gerar um conhecimento; o modo interacional a da colaboração; o modo negociado busca ultrapassar as divergências pela negociação, enquanto o modo polêmico se serve do choque das teses antagônicas e da violência verbal. (AMOSSY, 2008, p. 237-238)

Na vertente da emocional, os conceitos de Plantin (2010) incrementam e aprofundam a visão de Amossy em relação à conexão entre argumentação e emoção. Para o estudioso, “há argumentação de uma emoção quando o discurso justifica a atribuição de um experienciado a uma pessoa” (PLANTIN, 2010, p.58). Uma interpretação possível para essa afirmação seria a de conceber que as experiências emocionais vividas e sentidas pelo orador podem ser, discursivamente, justificadas ao auditório.

No sentido estrito, há argumentação de uma emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como

² Originalmente, a tradução da obra de Amossy (2018) para língua portuguesa sugere o termo “Patética”. No entanto, para este estudo, a modalidade será referenciada como patêmica, a exemplo dos demais materiais bibliográficos consultados, como Cavalcante *et al* (2020).

consequência, os discursos que são construídos pelas respostas visam a legitimar uma emoção. (PLANTIN, 2010, p. 60)

Nessa direção, o autor propõe um método para analisar os discursos que argumentam uma emoção. Para tanto, Plantin (2010) sugere uma investigação em duas frentes: a intenção do discurso e a estrutura do discurso. A intenção é relativa à conclusão que determinado discurso pretende obter, é a sua visada. A estrutura é o que dará suporte à conclusão por meio de um "enunciado de emoção" que utiliza um "termo de emoção" dirigido a uma pessoa específica ou a um "lugar psicológico", que é o ponto (em geral, seres humanos) ao qual as experiências serão atribuídas (pode ser uma pessoa em posição de sujeito ou de objeto).

O termo de emoção, que embasa o enunciado de emoção, é analisado, segundo Plantin (1998), de acordo com o quadro a seguir. Para averiguar se determinado termo pode ser considerado um termo de emoção, as etapas de investigação se darão conforme a Determinação de Emoções Ditas. A partir dessa análise, é possível atribuir a cada emoção dita um lugar psicológico. O quadro abaixo demonstra as formas de categorização.

Quadro 5 - Determinações da emoção

Determinação	Características
Designação direta da emoção	substantivos de sentimento/emoção verbos de sentimento vocabulário
Designação indireta, reconstrução sobre a base de índices linguísticos	termos de cores verbos que selecionam uma emoção (metáforas emocionais)
Designação indireta, reconstrução sobre a base de lugares comuns situacionais e atitudinais	atitudes que remetem a uma determinada emoção conforme a cultura em que o sujeito (que a experiencia) está inserido
Enunciados psicológicos e enunciados de emoção	diferenciação entre termos cognitivos e emotivos (psicológicos ou de sentimentos)

Fonte: baseado em Plantin (2010, p. 61 - 64) e elaborado pela autora

Em linhas gerais, a Designação Direta da Emoção é composta de três possibilidades: 1) substantivos de sentimento/emoção (exemplo: ódio); 2) Verbos de

sentimento (exemplo: odiar); e 3) vocabulário, que são todos os termos possíveis que possam constar no campo semântico da afetividade (exemplo: ódio, amor, tristeza...). Como a sua própria denominação, a designação da emoção dita ocorre diretamente, ou seja, há uma relação mais evidente entre o termo e a emoção ao qual ele se refere.

A Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Índices Linguísticos também apresenta uma divisão interna, compreendendo duas vertentes: 1) Termos de cores (exemplo: ficou enrubescido/vermelho) e 2) Verbos que selecionam uma emoção (exemplo: consumir/se consumir de...). Nesses casos de designação indireta, o discurso torna-se mais sensível para ser analisado, uma vez que tais descrições podem, ou não, representar uma emoção. Os termos de cores, por exemplo, podem ter relação à temperatura corporal, ou mesmo do ambiente, sem que isso gere/cause emoção. Da mesma forma, os verbos que suscitam algum outro termo de emoção não exibem com clareza a qual sentimento se referem. Pode-se estar consumido de paixão, de ódio, de ciúme e de muitas outras emoções.

A Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Lugares Comuns Situacionais e Atitudinais, embora, como a anterior, também se utilize de uma análise indireta, atua num campo mais provável e segmentado, pois considera principalmente a cultura na qual o sujeito orador está inserido. Por exemplo: a descrição de uma atitude como a de baixar a cabeça está convencionada para determinada cultura que corresponde à emoção de preocupação, perplexidade e/ou sentimentos semelhantes.

Por fim, os Enunciados Psicológicos e Enunciados da Emoção detalham a importância de identificar os termos que são do campo cognitivo e os que são do campo da emoção. Exemplo: refletir não é uma emoção. No entanto, assim como outros termos psicológicos, esse também pode causar confusão. Há muitos vocábulos com características polissêmicas.

Com o entendimento da categorização das emoções ditas, a compreensão do discurso que argumenta uma emoção exige também, segundo Plantin (2010), a identificação do lugar psicológico, que é o sujeito, ou o objeto ao qual a experiência é atribuída. “De uma maneira geral, os lugares psicológicos potenciais são, inicialmente, os humanos, sem excluir os animais, pelo menos os superiores” (PLANTIN, 2010, p. 61)

A etapa de análise e classificação das emoções ditas, bem como as suas indicações aos respectivos lugares psicológicos, é fator determinante para a

conclusão do enunciado de emoção. É esse enunciado que estrutura a intenção do discurso emocionado.

Todo esse percurso derivado do *pathos* é fundamental para o desenvolvimento do presente estudo, pois dele parte o conhecimento do emprego da emoção como uma forma de percorrer as instâncias da argumentatividade. No entanto, outro ponto fundamental para a constituição do discurso, reafirmando a premissa de Amossy (2018) de que todo discurso é argumentativo, o *ethos*, ou seja, o fator da construção do locutor/enunciador, também é de essencial abordagem nesta pesquisa.

3.1.3 Noção do *ethos* discursivo

O *ethos* citado na retórica aristotélica, o qual denominamos *ethos* aristotélico, designava “a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório”. (AMOSSY, 2011, p. 10). Na perspectiva da nova retórica, que é corrente teórica desta presente análise, o *ethos* passa a ser co-construído na relação entre orador e auditório, pois tanto o auditório constrói uma imagem do orador quanto o próprio orador constrói a imagem deste auditório quando se adapta a ele na intenção de estabelecer um acordo. Essa abordagem defendida por Perelman acompanha a característica principal da chamada nova retórica, também trazida por ele, na qual o auditório recebe uma posição fundamental no processo argumentativo.

A importância atribuída ao auditório acarreta naturalmente a insistência no conjunto de valores, de evidências, de crenças, fora dos quais todo diálogo se revelaria impossível; em outras palavras, conduz a uma doxa comum. É mediante um trabalho sobre a doxa que o orador tenta fazer seu interlocutor partilhar seus pontos de vista. (AMOSSY, 2011, p. 123-124)

A doxa é o que permite a interação efetiva entre o orador e o auditório e, para melhor identificá-la nas práticas sociais, Amossy (2018) explica que a doxa é a “opinião comum” (p. 54) e que ela, “como fundamento da comunicação argumentativa, se traduz em diversas formas verbais” (p. 107). Ainda ao retomarmos a explicação de Amossy (2018) sobre a doxa, podemos analisar o percurso que esse tema percorreu ao longo do desenvolvimento dos estudos sobre os pontos em que o discurso argumentativo se apoia. No entanto, a visão que traremos sobre a doxa para esta análise é a contemporânea, pela qual podemos melhor observar como ela (a doxa)

retrata as opiniões, crenças e valores de um determinado grupo, em determinada época, por meio de convicções partilhadas e comuns a esse grupo.

É nesse sentido que Amossy (2018), ao fazer uma detalhada explicação sobre o tópico, afirma que não há apenas uma doxa, mas sim um conjunto de possibilidades que vão se relacionando e se substituindo de acordo com os mecanismos pelos quais se legitimam. Assim, mais do que a opinião comum, que se traduz em diferentes formas verbais, a doxa é [...] feita de camadas ligadas a estatutos diferentes, na medida em que dependem de uma doutrina articulada, ou de uma tradição, ou de um conjunto impreciso de posições difundidas por boatos ou pelas mídias. (AMOSSY, 2018, p. 113)

Isso significa que, ao recorrer à doxa para se aproximar dos valores e crenças do seu auditório (valores e crenças que esse orador supõe que o auditório compartilhe), ele está modulando a sua imagem, criando o seu *ethos* discursivo, para se adequar àquele público. Ainda se apoiando nas convicções de Perelman, Amossy (2011) ressalta que “o auditório é sempre uma construção do orador” (p. 124) e que “o orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório” (p. 124). Ou seja, é uma construção mútua, que se baseia na doxa, tanto por parte do orador em relação ao auditório, quanto por parte do auditório em relação ao orador.

Para a construção do *ethos* discursivo, a doxa pode ser entendida como o “saber prévio que o auditório possui sobre o orador”. (AMOSSY, 2011, p. 124). Para denominar essa etapa prévia da construção da imagem do orador, Amossy (2011) utiliza um termo que também será empregado nesta análise, o *ethos* prévio. O *ethos* prévio nada mais é do que a figura, o estereótipo que esse orador já carrega, seja por meio de sua profissão, sua etnia ou sua posição política. Nesse sentido, a autora explica que:

A estereotipagem, lembremos, é a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade, avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica. (AMOSSY, 2011, p. 125-126)

A estereotipagem também está presente tanto na figura do orador, quando seu auditório detém um conhecimento prévio sobre este orador, como também está presente no próprio auditório, quando o orador mobiliza seu discurso conforme o

estereótipo deste grupo. Amossy (2011) nos dá um exemplo sobre a estratégia do orador ao reconhecer o estereótipo do seu auditório.

É desnecessário dizer que não irei me valer do mesmo discurso para influenciar uma plateia composta por militantes do partido comunista ou por burgueses do elegante bairro do Morumbi em São Paulo, por mulheres muçulmanas que usam xador ou por feministas americanas. Procuraremos atingir o socialista ou o comunista com base em premissas éticas e políticas às quais ele é suscetível de aderir de pronto. Isso quer dizer que a construção do auditório passa necessariamente por um processo de estereotipagem. (AMOSSY, 2011, p. 126)

Em suma, com esse completo exemplo apresentado por Amossy (2011), compreendemos que a estereotipagem (o ethos prévio), assim como a doxa, são pilares presentes na sustentação do processo de criação do ethos discursivo, da imagem de si que este orador cria ao interagir argumentativamente junto ao seu auditório.

Para esta pesquisa, a noção do ethos discursivo se mostra relevante por ser considerada uma estratégia argumentativa, uma vez que o orador (neste caso, a autora de cada carta) cria a sua imagem (seu ethos discursivo) de acordo com o ethos prévio de seu auditório (o destinatário da carta), considerando, para isso, a estereotipagem e a doxa, com a finalidade de obter a adesão à tese, o estabelecimento do acordo.

Os conceitos apresentados neste capítulo são os que nos nortearão em relação à argumentação no discurso e no texto, bem como, em especial, à modalidade patêmica.

4 MATERIAL E A MÉTODOS

A análise proposta por esta pesquisa é composta por uma metodologia de estudo de caráter descritivo e interpretativo. Isso porque há a intenção de analisar a ocorrência da emoção enquanto valor argumentativo e interpretá-la no corpus em questão, identificando como as modalidades argumentativas patêmicas são mobilizadas quando o enunciado tem como base a autoapresentação, de acordo com o entendimento que o locutor/orador tem sobre si (seu *ethos* discursivo), num contexto de produção que inclui o objetivo de convencer o interlocutor/auditório a um convite: o aceite de uma nova amizade, ou de um relacionamento afetivo, ou de algum outro interesse particular.

De acordo com o que sustenta o referencial bibliográfico, a emoção, enquanto valor/objeto do acordo preferível - por ter em sua gênese crenças e julgamentos (Amossy, 2018) - pode ser empregada como recurso argumentativo para tornar o auditório mais suscetível a aderir a uma tese. Isso nos leva a um prolongamento da discussão em relação à recorrência também de ideologias, ou de valores presentes no contexto sócio histórico da produção da carta.

Ainda sobre o detalhamento do caráter científico desta pesquisa, em sua fase mais concreta de concepção, o método de abordagem para o desenvolvimento deste estudo compreende o qualitativo, uma vez que ele se propõe a analisar textual e discursivamente cada uma das seis cartas de autoapresentação que compõem o corpus, considerando o contexto de produção, social e histórico do material. A pesquisa de abordagem qualitativa, segundo Guerra (2014, p. 76), pode ser conceituada da seguinte forma:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda - ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seus ambientes ou contexto social - interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação [...] (GUERRA, 2014, p. 76)

Quanto à etapa prática da coleta de dados, esta pesquisa é de caráter documental, tendo o seu corpus categorizado como documentação indireta, de fontes primárias. O entendimento sobre o uso de documentos para a posterior análise de dados pode ser alcançado com a explicação apresentada por Marconi e Lakatos (2017):

A característica da pesquisa documental é tomar como fonte de coleta de dados apenas documentos, escritos ou não, que constituem o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ter sido feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. (MARCONI e LAKATOS, 2017, p.118)

Para este estudo, será utilizada uma coletânea de cartas datada de 1973, há 50 anos antes da construção desta análise. Para além dos objetivos do presente estudo, o material se apresenta como um recurso de muitas possibilidades exploratórias para futuras pesquisas relativas à identidade, linguagem, letramento, entre outros.

Com essas noções de classificação de pesquisa, métodos de abordagem e fonte de dados, o presente estudo está assim composto:

Quadro 6 - Classificação metodológica desta dissertação

Método de estudo	Método de procedimento	Técnica de pesquisa
Descritivo e interpretativo	Qualitativa	Documentação indireta Pesquisa Documental (fontes primárias)

Fonte: a autora

A coletânea de cartas disponível para análise se fundamenta como documento de pesquisas por também ser considerada por André e Lüdke (1986) como um dos materiais que podem ser utilizados como fonte de estudo científico. Para os autores, os documentos que fazem parte deste conjunto:

[...] incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares (ANDRÉ e LÜDKE, 1986, p.38)

Esses exemplos corroboram com o que afirma Phillips (1974), para quem os documentos seriam "quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano" (PHILLIPS, 1974, p. 187). Nesse sentido, cada uma das cartas que compõem a coletânea é também uma referência histórica e documental que retrata as relações da época, pois, para além do conteúdo exposto em cada pedaço de papel, há um contexto de produção que também contribui para os estudos do campo das ciências sociais.

4.1 Procedimentos de seleção do corpus

O corpus foi produzido em 1973, entre os meses de julho a setembro, predominantemente. Trata-se de um conjunto de cartas que foram escritas por leitores da revista *Capricho* e que, na edição número 330, leram o anúncio de Karl Sommer, pseudônimo de Jürgen Robert Heinrich Springer Lindemeyer. Springer, como os amigos o chamavam, faleceu em 14 de março de 2020, aos 76 anos de idade, solteiro e sem filhos.

Nascido na Colômbia e crescido na Alemanha, Springer veio para o Brasil em data incerta e foi morar em Campinas. Foi de lá que ele escreveu para a seção *Cantinho da Amizade*, da revista *Capricho*, com a intenção de se corresponder com mulheres. Recebeu 324 cartas e diversas fotografias e catalogou todo esse material em um fichário, que foi entregue aos seus amigos com os demais pertences pessoais após sua morte.

Embora isso possa ter sido eventualmente um capítulo importante e marcante na trajetória de vida de Springer, considerando que ele não se casou e não constituiu família, essa publicação na revista, bem como as cartas e fotografias, não era do conhecimento dos amigos que receberam o seu espólio. Nunca houve uma conversa sobre esse episódio nem tampouco sobre o interesse de Springer em conhecer uma mulher para fins de amizade ou, até mesmo, de relacionamento amoroso.

Pelo volume de cartas disponíveis para análise, 324 no total, a seleção para o presente estudo se dará conforme o objetivo explícito textualmente no conteúdo de cada carta. Ao fazer a leitura de todas as cartas, confirmou-se que parte delas, 51 correspondências, embora estejam inseridas num contexto de argumentação, referem-se predominantemente ao discurso, pois, textualmente, o material carece de informações mais densas e aprofundadas para promover a análise argumentativa discursiva e textual. Portanto, do número total de cartas (324), foram excluídas 51 amostras, restando 273, e essas foram separadas em três categorias: 1) amizade, 2) relacionamento amoroso, 3) outros interesses, de acordo com suas visadas argumentativas. Para cada uma dessas categorias, houve uma escolha aleatória de cartas para a análise.

As seis correspondências selecionadas para serem analisadas apresentam uma riqueza de detalhes, exaltando contextos de produção, passagens históricas, crenças e, principalmente, sentimentos e argumentos geradores de emoção, tanto do

ponto de vista discursivo quanto textual. Assim, elas contêm: a) recorrência à argumentação emocionada; b) aplicação da ideologia (ou de valores ideológicos) como técnica da linguagem utilizada na materialização do discurso, ou seja, nas suas marcas textuais, para obter o acordo com o interlocutor.

Devido ao vasto número de cartas disponíveis para análise, este recorte se torna necessário para que seja possível empregar os conceitos teóricos apresentados sem que haja uma perda no aprofundamento analítico pelas muitas outras influências que possam vir a atravessar a leitura discursiva e textual de cada manuscrito, como: o envio ou não de fotografias, data da emissão da carta em relação à data de publicação da revista, entre outras situações que pudessem sugerir outros campos de análise. As três categorias foram selecionadas por serem as três apresentadas em todo o conjunto de 324 cartas: amizade, relacionamento amoroso, outros interesses.

A coletânea foi gentilmente cedida a esta pesquisadora por um amigo de longa data de Karl Sommer, aliás, de Springer. Ao visitar o apartamento do já falecido Springer, esse amigo foi autorizado pelo único familiar próximo do finado, um sobrinho residente nos Estados Unidos da América, a retirar tudo o que desejasse, de objetos de valor monetário a objetos de valor emocional. Assim, as cartas mantidas em segredo, ou em omissão até aquele momento, passaram a ser uma valiosa herança aos amigos próximos. Não tive a oportunidade de conhecer Springer em vida, mas me sinto honrada em conhecer uma parte tão particular de sua vida, ainda que estejamos num contexto de tempo e espaço distintos. Tudo isso só se tornou possível por mérito da escrita e de seu detalhado registro da história.

O quadro a seguir exibe cada uma das cartas enviadas, ordenadas pelas respectivas datas de emissão. As colunas exibem as seguintes informações: 1) codificação das cartas (T1, T2, T3 e assim por diante); 2) cidade de onde a carta foi emitida; 3) data de emissão da carta; 4) idade; 5) ocupação da emissora da carta. O traço (-) presente em alguns campos indica que a informação não estava disponível na carta. As cartas T254 e T300 foram remetidas por homens.

Quadro 7 - Coletânea de cartas enviadas em resposta ao anúncio

Ordem	Cidade	Data	Idade	Ocupação
T1	Maringá	julho 1973	18	Estudante da 4ª série ginásial
T2	Lima Duarte	julho 1973	30	Funcionária (não especifica o local)

T3	São Paulo	5/7/1973	23	-
T4	São Paulo	5/7/1973	-	Secretária
T5	Rio de Janeiro	5/7/1973	32	Professora de português do ensino médio
T6	Campinas	5/7/1973	23	Estudante da 1ª série de ciências econômicas e administrativas
T7	Alcântara	5/7/1973	19	Estudante
T8	São Paulo	6/7/1973	-	Trabalha no comércio
T9	São Paulo	6/7/1973	24	Professora
T10	Presidente Getúlio	6/7/1973	25	Professora normalista (segunda carta - em resposta ao cartão recebido pelo Karl)
T11	Casa Branca	9/7/1973	24	Professora
T12	São Roque	9/7/1973	21	Trabalha com o pai
T13	Rio de Janeiro	9/7/1973	26	Trabalha em uma distribuidora de filmes para cinema e televisão
T14	Uberlândia	10/7/1973	26	Cabeleireira
T15	Tapejara	10/7/1973	22	Professora e estudante universitária
T16	São Sebastião	10/7/1973	21	Escriturária
T17	Palmas (Paraná)	10/7/1973	28	Professora e estudante universitária
T18	Osasco	10/7/1973	-	Estudante universitária
T19	Rio de Janeiro	10/7/1973	24	Professora do Estado
T20	Limeira	10/7/1973	-	Trabalha como recepcionista e estuda à noite
T21	Nova Londrina	10/7/1973	20	Estudante do 2º ano do colegial
T22	Arraial do Cabo	10/7/1973	27	Enfermeira
T23	Fortaleza	11/7/1973	-	-
T24	Varginha	11/7/1973	21	Estudante
T25	Presidente Prudente	11/7/1973	-	Professora, jornalista e estudante
T26	Santo André	11/7/1973	26	Professora secundária
T27	Curitiba	11/7/1973	27	Atendente de cobalto e estudante de contabilidade
T28	Teófilo Otoni	12/7/1973	25	Trabalha em obstetrícia e puericultura
T29	Piracicaba	12/7/1973	26	Professora

T30	Três Lagoas	12/7/1973	20	Professora primária
T31	Jataí	12/7/1973	28	-
T32	Guanabara	12/7/1973	24	Formada professora, mas não atua
T33	Rio de Janeiro	13/7/1973	-	Engenheira Civil
T34	Vila Velha	13/7/1973	18	Estudante do 3º ano pedagógico
T35	Natal	13/7/1973	19	Estudante do 3º ano do 2º ciclo
T36	Está ilegível	13/7/1973	25	-
T37	Fortaleza	13/7/1973	22	Professora primária
T38	Brasília	13/7/1973	18	Interrompeu os estudos por perder o prazo de matrícula
T39	Antonina	13/7/1973	31	Educadora social
T40	Vitória	14/7/1973	-	Estudante do 3º ano de secretariado
T41	Recife	14/7/1973	19	Estudante do pedagógico
T42	São Bernardo do Campo	14/7/1973	16	Trabalha em uma lanchonete
T43	Marialva	14/7/1973	14	Estudante 4ª série ginásial
T44	Belo Horizonte	14/7/1973	26	Trabalha (não especifica a ocupação)
T45	Salvador	15/7/1973	27	Estuda para o vestibular de medicina
T46	São Vicente	15/7/1973	19	Estudante da 4ª série ginásial
T47	Está ilegível	15/7/1973	20	-
T48	Cerro Largo	15/7/1973	24	Trabalha com o pai no escritório da fábrica dele
T49	São Paulo	15/7/1973	19	Estudante do 1º ano de tradutores e intérpretes
T50	São Paulo	15/7/1973	27	Arrumadeira
T51	Presidente Getúlio	15/7/1973	-	-
T52	Fortaleza	15/7/1973	20	Estudante pré-universitária
T53	Corumbá	15/7/1973	-	-
T54	Curitiba	15/7/1973	28	Trabalha na contabilidade de uma empresa de engenharia
T55	Sorocaba	16/7/1973	20	Estudante universitária
T56	Salvador	16/7/1973	-	Professora
T57	Serra Talhada	16/7/1973	18	Estudante

T58	Recife	16/7/1973	25	Secretária
T59	Recife	16/7/1973	29	Telefonista
T60	Estado da Guanabara	16/7/1973	-	-
T61	Mondaí	16/7/1973	27	Balconista e estudante de contabilidade
T62	Cianorte	16/7/1973	23	Enfermeira
T63	São José do Rio Preto	16/7/1973	-	Estudante 8ª série e chefe de fábrica de confecção
T64	Campos do Jordão	16/7/1973	-	-
T65	Belo Horizonte	16/7/1973	27	Estudante universitária
T66	Belo Horizonte	16/7/1973	18	Estudante do 2º ano científico
T67	Guanabara	16/7/1973	24	Trabalha em uma boutique
T68	Fortaleza	16/7/1973	21	Estudante
T69	Campo Grande	16/7/1973	20	-
T70	Rio Grande	16/7/1973	29	Advogada
T71	Rio de Janeiro	16/7/1973	21	Estudante pré-universitária
T72	Goiânia	16/7/1973	20	Estudante do curso normal
T73	Goiandira	16/7/1973	30	Estudante da 5ª série do 1º grau e leciona na zona rural
T74	Brasília	16/7/1973	17	Estudante do científico
T75	Campina Grande	16/7/1973	-	Estudante universitária
T76	Arcoverde	16/7/1973	23	Estudante do curso pedagógico
T77	Maracá	16/7/1973	19	Estudante do 4º colegial
T78	Está ilegível	17/7/1973	-	Estudante
T79	Sorocaba	17/7/1973	30	Trabalha como atendente em hospital
T80	Vitória	17/7/1973	-	Estudante do 2º normal
T81	Teresina	17/7/1973	23	Estudante universitária
T82	João Pessoa	17/7/1973	23	Estudante universitária
T83	Itajuípe	17/7/1973	31	Ginásio completo
T84	Presidente Venceslau	17/7/1973	25	Professora e estudante universitária

T85	Itabuna	17/7/1973	24	Estudante de contabilidade
T86	Santiago	17/7/1973	19	Estudante
T87	Salvador	17/7/1973	18	Estudando o 3º ano do pedagógico
T88	São Paulo	17/7/1973	22	Secretária
T89	São Paulo	17/7/1973	31	-
T90	São Paulo	17/7/1973	21	Estudante universitária
T91	Recife	17/7/1973	19	Estudante - curso pré-vestibular
T92	Natal	17/7/1973	16	Concluinte do 1º ciclo (antigo ginásial)
T93	Belo Horizonte	17/7/1973	21	Trabalha em uma loja de departamento e estuda inglês (escreveu a carta em inglês)
T94	Imbituba	17/7/1973	23	Balconista de farmácia
T95	Juiz de Fora	17/7/1973	15	Completo a 4ª série do ginásial
T96	Itaúna	17/7/1973	21	-
T97	Belo Horizonte	17/7/1973	21	Estudante curso pré-vestibular
T98	Belo Horizonte	17/7/1973	26	Trabalha como recepcionista e professora
T99	Fortaleza	17/7/1973	23	Estudante do 1º ano de administração (correspondente ao científico)
T100	Fortaleza	17/7/1973	22	Dentista
T101	Porto Alegre	17/7/1973	17	Estudante do curso normal
T102	Olinda	17/7/1973	22	Estudante do curso pedagógico e professora de ginástica
T103	Curitiba	17/7/1973	27	Professora normalista e contabilista, mas não exerce as profissões
T104	Salvador	17/7/1973	30	-
T105	Taubaté	18/7/1973	27	Professora e estudante universitária
T106	Está ilegível	18/7/1973	19	-
T107	Ouro Preto	18/7/1973	28	-
T108	Guanabara	18/7/1973	-	-
T109	Belo Horizonte	18/7/1973	18	-
T110	Fortaleza	18/7/1973	20	Vestibulanda
T111	Goiânia	18/7/1973	18	Estudante da 2ª série ginásial. É "paralítica"
T112	Divinópolis	18/7/1973	16	Estudante da 6ª série do ginásio

T113	Porto Alegre	18/7/1973	24	Estudante do 3º ano de direito
T114	Andradina	18/7/1973	37	Cabeleireira e estudante da 7ª série ginásial
T115	Angra dos Reis	18/7/1973	19	Trabalha em um escritório de contabilidade
T116	Teresópolis	19/7/1973	27	Estudante
T117	Volta Redonda	19/7/1973	23	Professora primária
T118	Sorocaba	19/7/1973	19	-
T119	Governador Valadares	19/7/1973	25	Trabalha na Touring Club (Rio de Janeiro)
T120	São Paulo	19/7/1973	19	Estudante do 3º colegial
T121	São José dos Pinhais	19/7/1973	23	Estudante universitária
T122	Rio Grande	19/7/1973	-	Estudante faculdade de direito
T123	Itaú de Minas	19/7/1973	27	Comerciante
T124	Fortaleza	19/7/1973	24	Estudante do 5º ano da faculdade de medicina
T125	Corinto	19/7/1973	-	Professora e estudante do 1º ano de letras
T126	Porto Alegre	19/7/1973	19	Estudante do 3º ano do normal
T127	Anápolis	19/7/1973	29	-
T128	Caruaru	19/7/1973	30	Professora formada
T129	Vitória	20/7/1973	25	Estudante universitária
T130	Ituberá	20/7/1973	-	-
T131	Vitória de Santo Antão	20/7/1973	24	Estudando do científico
T132	São Paulo	20/7/1973	21	Estudante do 3º ano do colegial
T133	Paranaguá	20/7/1973	23	Formada em Letras
T134	Olinda	20/7/1973	20	Contadora e professora do ensino médio
T135	Maceió	20/7/1973	25	Cirurgiã dentista
T136	Maceió	20/7/1973	-	Estudante
T137	Belo Horizonte	20/7/1973	25	Estudante de medicina
T138	Rio de Janeiro	20/7/1973	19	Estudante pré-vestibular
T139	Fortaleza	20/7/1973	26	Estudante de contabilidade
T140	Campo Grande	20/7/1973	20	Estudante da 3ª série ginásial
T141	Aracaju	20/7/1973	26	Professora

T142	Aracaju	20/7/1973	19	Estudante
T143	Registro	21/7/1973	-	Professora primária
T144	Salvador	21/7/1973	19	-
T145	Santa Maria	21/7/1973	18	-
T146	Afogados do Ingazeira	21/7/1973	-	-
T147	Salto	22/7/1973	Carta de retorno por não ter recebido resposta	
T148	Itajubá	22/7/1973	16	-
T149	Rio de Janeiro	22/7/1973	28	Professora de história e geografia
T150	Guararapes	22/7/1973	-	Universitária do curso de ciências
T151	Brasília	22/7/1973	18	-
T152	Fortaleza	22/7/1973	20	Estudante do 3º normal
T153	Uruguaiana	23/7/1973	-	-
T154	Salvador	23/7/1973	27	-
T155	Paranaguá	23/7/1973	25	-
T156	Piguête	23/7/1973	23	-
T157	Volta Redonda	23/7/1973	29	Contabilista
T158	Natal	23/7/1973	16	Estudante do ginásio
T159	Maceió	23/7/1973	18	Estudante do 1º ano de medicina
T160	Manaus	23/7/1973	27	Trabalha no INPS
T161	Maceió	23/7/1973	23	Estudante do 2º ano do colegial
T162	Maceió	23/7/1973	22	-
T163	Garanhus	23/7/1973	-	Professora estadual e estudante de letras
T164	Fortaleza	23/7/1973	17	Estudante 3ª série ginásial
T165	Brasília	23/7/1973	25	Professora primária e estudante pré-vestibular
T166	Porto Alegre	23/7/1973	20	Bancária
T167	Bagé	23/7/1973	23	Estudante do ginásio e do curso de datilografia
T168	Lages	24/7/1973	25	Professora secundária
T169	Serra Talhada	24/7/1973	-	Estudante do pré-vestibular
T170	Teresópolis	24/7/1973	21	Estudante do 1º ano do científico
T171	Maracanaú	24/7/1973	27	Estuda e trabalha como auxiliar de serviços médicos

T172	São Luiz da Caratinga	24/7/1973	-	Massagista de estética
T173	Belo Horizonte	24/7/1973	24	Advogada
T174	Areia Branca	24/7/1973	23	Estudante
T175	Porto Alegre	24/7/1973	18	Estudante do 2º ano do científico
T176	Alegrete	24/7/1973	20	Auxiliar de laboratório
T177	Santa Maria	25/7/1973	19	Estudante de comunicação social
T178	Três de Maio	25/7/1973	23	Estudante
T179	São Luís	25/7/1973	25	Formada em biblioteconomia
T180	Fortaleza	25/7/1973	27	Licenciada em letras-línguas estrangeiras e trabalha como intérprete
T181	José Bonifácio	25/7/1973	-	-
T182	Porto Alegre	25/7/1973	-	Estudante
T183	São Gabriel	25/7/1973	23	Estudante universitária
T184	Curitiba	25/7/1973	22	Estudante da 3ª série do ginásial
T185	Santarém	26/7/1973	20	-
T186	Salvador	26/7/1973	27	Secretária
T187	Natal	26/7/1973	-	Estudante 4ª série do ginásio
T188	Rio de Janeiro	26/7/1973	19	Estudante
T189	Martinópolis	26/7/1973	18	-
T190	Joinville	26/7/1973	-	Mora no Rio e estagiava em SC, numa indústria
T191	Barbosa Ferraz	26/7/1973	17	Professora primária e estudante do 2º ano da escola normal
T192	Curvelo	26/7/1973	22	-
T193	Belém	26/7/1973	26	Trabalha na universidade e é estudante do núcleo de letras (japonês e inglês)
T194	Arcoverde	27/7/1973	-	Estudante do científico
T195	Itapipoca	27/7/1973	17	Estudante
T196	Juazeiro	27/7/1973	28	Leciona e é estudante do 2º ano de letras
T197	Belém	27/7/1973	25	-
T198	Araguari	27/7/1973	23	Viúva, mãe de um menino de 3 anos
T199	Curitiba	27/7/1973	30	-

T200	Está ilegível	28/7/1973	-	-
T201	São José de Piranhas	28/7/1973	21	Estudante do 2º ano normal
T202	Porto Alegre	28/7/1973	19	Trabalha em um laboratório de análises clínicas com o pai
T203	Tuparendi	29/7/1973	28	-
T204	São Borja	29/7/1973	28	Estudante do último ano ginasial
T205	Teresina	29/7/1973	23	Estudante do curso pedagógico
T206	Criciúma	29/7/1973	34	Professora primária
T207	Santarém	30/7/1973	-	Estudante
T208	Timbaúba	30/7/1973	21	Estudante 2º ano de pedagógico
T209	São Paulo	30/7/1973	25	Secretária
T210	Pedreiras	30/7/1973	22	-
T211	Natal	30/7/1973	20	-
T212	Londrina	30/7/1973	18	Estudante do 3º ano do colegial
T213	Belo Horizonte	30/7/1973	-	-
T214	Vera Cruz	30/7/1973	16	-
T215	Casa Branca	30/7/1973	29	Professora de desenho geométrico, formada em matemática
T216	Belém	30/7/1973	31	Assistente social, mas não exerce a profissão
T217	São Paulo	31/7/1973	-	Estudante da 8ª série do ginasial
T218	Londrina	31/7/1973	-	Estudante do 2º ano do curso de decoração
T219	Flores da Cunha	31/7/1973	17	Estudante do 2º ano do científico
T220	Porto Alegre	31/7/1973	18	Trabalha (não especifica a ocupação)
T221	Nova Lima	1/8/1973	26	Professora primária e estudante de direito
T222	Goiânia	1/8/1973	-	-
T223	Fortaleza	1/8/1973	16	-
T224	Belém	1/8/1973	23	Parou o 1º ano do pedagógico no ano anterior
T225	Blumenau	1/8/1973	28	Trabalha como escriturária
T226	Tacima	2/8/1973	23	Estudante do 2º ciclo
T227	Teresina	2/8/1973	-	Professora primária
T228	Recife	2/8/1973	23	-

T229	Recife	2/8/1973	21	Estudante universitária
T230	Caldas Novas	2/8/1973	28	Professora primária e estudante
T231	Manaus	2/8/1973	20	Estudante curso pré-vestibular
T232	São Caetano do Sul	2/8/1973	17	Estudante do 1º colegial
T233	Teresina	3/8/1973	20	Estudante curso técnico em contabilidade
T234	Salvador	3/8/1973	18	Estudante 3ª série ginásial
T235	Curitiba	3/8/1973	27	Executiva de escritório
T236	Fortaleza	4/8/1973	22	Universitária do curso de fisioterapia
T237	Belém	4/8/1973	19	Estudante do ensino clássico
T238	Floresta	5/8/1973	25	Professora
T239	São José dos Campos	5/8/1973	19	Operária de fábrica
T240	Guarapuava	6/8/1973	-	-
T241	Cametá	6/8/1973	18	Estudante de contabilidade
T242	Tombos	7/8/1973	20	Estudante do ensino normal
T243	Salvador	7/8/1973	22	Estudante universitária
T244	Curitiba	7/8/1973	24	-
T245	Teresina	8/8/1973	-	Estudante
T246	São Paulo	8/8/1973	25	Diploma de corte e costura
T247	São Luís	8/8/1973	29	Formada em farmácia-bioquímica
T248	Bacabal	8/8/1973	18	Estudante da 8ª série
T249	São Paulo	9/8/1973	-	-
T250	Cêrro Largo	9/8/1973	-	Carta em resposta à resposta dele
T251	Muriaé	9/8/1973	-	-
T252	Belo Horizonte	10/8/1973	15	Estudante da 8ª série
T253	Afogados da Ingazeira	10/8/1973	-	Professora do curso primário e estudante de letras
T254	Salvador	10/8/1973	-	Remetida por um homem
T255	Recife	11/8/1973	30	Trabalha na Souza Cruz. Estudante
T256	Canela	12/8/1973	25	Professora e universitária do 4º ano de letras
T257	Julio de Castilhos	12/8/1973	27	Trabalha no Banco do Brasil

T258	Timbiras	12/8/1973	25	Professora e escrivão do registro civil
T259	Olinda	12/8/1973	31	-
T260	Belém	13/8/1973	22	Comerciária
T261	Marília	13/8/1973	16	Estudante de colégio interno
T262	João Pessoa	15/8/1973	24	Estudante universitária
T263	Resende	15/8/1973	26	Funcionária
T264	Teresina	16/8/1973	20	-
T265	Brasília	16/8/1973	19	Trabalha e estuda inglês
T266	Caracaráí	17/8/1973	21	Professora
T267	Belo Horizonte	17/8/1973	27	Professora de educação física
T268	Salvador	18/8/1973	28	Estudante universitária
T269	Maringá	19/8/1973	27	Estudante de letras
T270	São João da Boa Vista	19/8/1973	18	-
T271	Porto Alegre	19/8/1973	23	Trabalha e é estudante de curso pré-vestibular
T272	Estrela	20/8/1973	-	-
T273	Abreu e Lima	20/8/1973	17	Estudante do 4º ginásial, cabeleireira, datilógrafa, fotógrafa, motorista
T274	Santo Ângelo	21/8/1973	-	Estudante pré-vestibular
T275	Goiânia	22/8/1973	24	Estudante e trabalhadora (não específica)
T276	Presidente Getúlio	22/8/1973	-	Professora normalista (terceira carta - por não ter mais recebido notícias de Karl)
T277	Rio de Janeiro	23/8/1973	17	-
T278	Alegrete	24/8/1973	21	Auxiliar de escritório e estudante do científico
T279	Concórdia	26/8/1973	-	-
T280	São Paulo	29/8/1973	19	Estudante do 2º ano do colegial
T281	Itabirito	2/9/1973	25	Contabilista da loja da mãe
T282	Juiz de Fora	2/9/1973	19	Vestibulanda
T283	Olinda	3/9/1973	20	Estudante e secretária
T284	Vitória	4/9/1973	-	-
T285	Pará de Minas	10/9/1973	21	-
T286	Ponta Porã	10/9/1973	27	-

T287	Manaus	10/9/1973	28	-
T288	Araújos	10/9/1973	23	Estudante do 2º ano de pedagogia
T289	Araçatuba	17/9/1973	22	Professora de piano. Formada em filosofia
T290	Fortaleza	18/9/1973	30	Bancária
T291	São Caetano do Sul	19/9/1973	27	-
T292	Balneário Camboriú	20/9/1973	16	Estudante do técnico de contabilidade
T293	Piedade	25/9/1973	27	Estudante
T294	Itabaiana	29/9/1973	-	-
T295	Moscavide – Portugal	30/9/1973	16	Estudante
T296	Fortaleza	1/10/1973	-	-
T297	São Paulo	4/10/1973	20	Estudante colegial
T298	Lorena	8/10/1973	19	Universitária
T299	Candeias	12/10/1973	21	Secretária
T300	Ibirá	13/10/1973	20	Remetida por homem
T301	Campinas	13/10/1973	-	-
T302	Toronto – Canadá	15/10/1973	22	Estudante e trabalha em uma clínica
T303	Fortaleza	17/10/1973	-	-
T304	São Caetano do Sul	19/10/1973	19	Estudante do 2º ano do colegial
T305	Porto Velho	20/10/1973	15	Estudante 8ª série do primeiro grau
T306	Castelo Branco	23/10/1973	19	Estudante 7º ano do ensino liceal
T307	Boa Vista	29/10/1973	21	Trabalha (especificação ilegível)
T308	Jaú	30/10/1973	18	Trabalha na Santa Casa
T309	Valença	1/11/1973	23	Professora (não exerce a função)
T310	Cambará	2/11/1973	-	-
T311	Erechim	10/11/1973	19	Estudante de secretariado
T312	Reginópolis	11/11/1973	13	Estudante da 6ª série
T313	Palmas (Paraná)	12/11/1973	20	Estudante
T314	Lisboa – Portugal	20/11/1973	20	Secretária

T315	Curitiba	26/11/1973	29	Técnica em prótese
T316	Teresina	29/11/1973	-	Empregada doméstica
T317	Floresta	1/12/1973	17	Estudante da 4ª série ginásial
T318	São Paulo	-	22	Estudante do curso de enfermagem
T319	João Monlevade	-	-	Professora de comunicação
T320	Gravataí	-	-	Escreveu a carta para apresentar a tia
T321	Formiga	-	-	Professora de educação física
T322	Porto Alegre	-	22	-
T323	Caratinga	Inverno 73	23	Estudante universitária
T324	Cabo	Está ilegível	-	-

Fonte: a autora

A partir dessa catalogação resumida das cartas, podemos fazer uma observação a respeito da recorrência, ou não, de informações. Embora a grande maioria das correspondências exiba as informações básicas do gênero carta (local, data, assinatura, entre outros) e da autoapresentação (histórico, gostos, aparência, entre outros), elas trazem conteúdos diversos, o que aponta a necessidade de uma escolha aleatória de exemplares para análise, visto que elas não podem ser comparadas entre si (pelo menos entre as que apresentam um escopo abundante de dados). Assim, apenas para registro, optamos por expor nesse quadro as informações mais recorrentes nas correspondências, embora nem todas exibam: idade e ocupação.

4.2 Procedimentos de análise das cartas

A pesquisa aplicada nas cartas de autoapresentação, que são as amostras do gênero epistolar listadas no Quadro 7, mostra-se oportuna e relevante porque, embora cada carta tenha sido produzida há exatos 50 anos, sua sequência composicional atravessa os tempos, mantendo a sua característica de diálogo. Ou seja, podemos compreender, no tempo presente, parte da construção da nossa história e, inclusive, das mudanças ocorridas ao longo das últimas cinco décadas e, se desejado for, compará-las ao contexto contemporâneo. Ainda que estejamos

aplicando os conceitos teóricos em um material constituído há meio século, é fundamental ressaltar que a atual visão sobre a argumentação, no discurso, extrapola todo e qualquer dispositivo em que sua materialidade venha a estar constituída.

Em observação ao objetivo geral desta pesquisa, a análise do corpus obedecerá os seguintes tópicos, não necessariamente nesta mesma ordenação: 1) os sujeitos, que são as autoras das cartas de resposta (ethos discursivo, ethos prévio, estereotipagem e doxa); 2) a carta (marcas textuais da modalidade patêmica - o acordo via emoção - com recorrência a crenças e valores, enunciados da emoção); 3) a interação (o objetivo da emissão da carta, a apresentação da visada argumentativa, signos ideológicos e pontos de vista valorativos).

Ao analisar as cartas à luz de cada um desses itens, a presente pesquisa atingirá o seu objetivo de identificar o emprego da emoção como recurso argumentativo, considerando todas as influências que atravessam e complementam essa temática com vistas a responder às seguintes questões-problema, norteadoras deste estudo: quando dizemos algo sobre nós, quando nos autoapresentamos a alguém com a intenção de conquistar a simpatia e a admiração dessa pessoa, recorremos a aspectos valorativos para empregar a emoção em nosso discurso? O que se entende por valor na esfera argumentativa é uma técnica utilizada para esse fim (argumentar)?

4.3 Descrição do corpus

Para a aplicação das teorias estudadas no corpus em questão, foram selecionadas três cartas para análise integral e outras três para análise de trechos específicos, de acordo com suas visadas argumentativas, relativa a: 1) amizade, 2) relacionamento amoroso e 3) outros interesses. Essas cartas foram produzidas por mulheres e emitidas entre os meses de julho e agosto de 1973, em resposta ao anúncio de Karl Sommer, publicado na edição 33 da revista *Capricho*. A primeira carta a ser analisada (**T261**), que explicita o objetivo de amizade, foi escrita em 13 de agosto de 1973, por uma aluna interna de 16 anos do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Marília, município de São Paulo. A segunda carta (**T146**), categorizada como de intenção de relacionamento amoroso, foi produzida em 21 de julho de 1973, por uma mulher de idade desconhecida, residente da cidade de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco. Os trechos utilizados como análises complementares à carta T146 são

os das cartas **T259**, escrita por uma mulher residente em Olinda, em 2 de agosto de 1973, e **T128**, remetida por uma mulher residente em Caruaru, em 19 de julho de 1973. Por fim, a carta categorizada na visada argumentativa de outros interesses, uma vez que não está explícita a intenção de amizade ou de relacionamento amoroso, é a **T167**, que foi escrita em 23 de julho de 1973, por uma mulher de 23 anos, domiciliada, à época, em Bagé, Rio Grande Sul. Como análise complementar, o trecho da carta **T64**, enviada por uma mulher em 16 de julho de 1973, também será analisada.

A escolha desses seis exemplares se deu pelo objetivo explicitado na carta: amizade, relacionamento amoroso ou outros interesses. Embora o anúncio do solicitante das cartas tivesse o nome de Cantinho da Amizade, parte das cartas emitidas em resposta e enviadas diretamente ao anunciante apresentaram uma visada argumentativa diferente, com a intenção de estabelecer um acordo distinto do proposto inicialmente: uma amizade. Outra informação relevante para esta escolha foi a condição de não selecionar cartas relativas ao mesmo município, favorecendo uma amostra menos viciada, ou tendenciosa.

4.4 Descrição do contexto de produção do corpus

Como já apresentamos, o corpus da pesquisa tem uma relação intrínseca com o universo feminino, não só pelo fato de as cartas terem sido predominantemente produzidas por mulheres, mas, também, por se tratar de um veículo (revista Capricho) voltado à mulher, seus hábitos, interesses e obrigações sociais presentes na época. Por esse motivo, retomaremos alguns dos principais conceitos relativos ao contexto feminino nesse período.

Na revista Capricho, desde o seu surgimento até meados dos anos 2010, segundo Luca (2012), a conquista de um par romântico sempre foi o cerne do conteúdo, apresentando às leitoras o que os homens gostavam e ensinando-as a suprir e superar tais expectativas. Segundo o autor, havia uma preocupação em ditar um arranjo de regras que precisariam ser seguidas para conquistar o tão cobiçado sucesso em relação ao gênero oposto, o que incluía normas sobre corpo, vestimentas, preferências, atitudes e comportamentos.

Ao retomarmos o contexto da década de 1970, percebemos que havia um estigma negativo em relação às mulheres solteiras, que carregaram, por décadas, a denominação de solteironas. A elas, o receio de ir para o barricão, outro termo

instituído ainda por volta de 1950, era também mais uma das forças motrizes para procurar um bom pretendente.

Barricão seria o 'depósito' social, simbólico, das mulheres que, até perto dos trinta anos, não haviam casado. Sem par e supostamente sem atrativos, não recebiam convites sociais. Ajudavam a criar os sobrinhos, e com isso adquiriam utilidade social, que ocupava seu tempo. (MOTTA, 2012, p.92)

Esse contexto sugere que estereótipos como “ficar pra titia” foi até recentemente uma posição social muito evitada pelas mulheres, que o temiam justamente pelo peso social e histórico ao qual ele remetia. Mesmo que ao longo dos anos 1970 os movimentos feministas, em sua segunda onda, tenham dado início a uma mudança comportamental em relação à figura feminina, na prática, a cultura em relação ao estereótipo de solteirona demorou muito mais para se desprender de entendimentos antigos e conservadores.

Ao analisar a abordagem de Pinsky (2012) sobre o que significava - para a sociedade da primeira metade do século XX - a expressão solteirona, observamos que estas seriam as mulheres que teriam fracassado em suas vocações femininas, pois, ao não casarem e, por consequência, constituírem família, ficaram incompletas, sendo até dignas de pena. A historiadora também destaca que, a essas mulheres, continuar no celibato e permanecer na abstinência sexual era algo esperado por aqueles que controlavam os seus passos, assim como apresentar um comportamento discreto, sério, sob pena de não conseguir evitar as eventuais más línguas.

Essa postura também era esperada pelas mulheres que eram casadas e que eram zelosas pelos seus esposos. Muito embora a autora (Pinsky, 2012) faça referência aos primeiros 50 anos do século XX, a cultura apresenta suas raízes bastante fortalecidas ao longo de gerações. Por isso, mesmo ainda na década de 1970, e até mesmo após, podemos observar alguns resquícios desse estereótipo. A edição 330 da revista Capricho, por exemplo, ainda exhibe anúncios que reforçam a necessidade de aceitar e de se moldar a decisões tomadas pelo público masculino. A marca L'Oreal, ao fazer uma propaganda de tonalizante de cabelos, destaca que “A maioria dos homens concorda que a mulher é mais perfeita depois dos 30”, e “Préférence (nome da tintura) tem 18 tonalidades. São 18 maneiras de você se manter jovem. Junte isso à sua experiência e você atingirá aquela perfeição com que os homens sonham”. (CAPRICHOS, 1973, p. 55). Ou seja, ainda apresenta fórmulas e

orientações para que as mulheres continuem vivendo as suas vidas em prol do interesse dos homens.

Além da questão do casamento e das regras que precisavam ser cumpridas em relação ao comportamento e à aparência para garantir um matrimônio, outro tema que merece destaque é a castidade. A castidade da mulher antes do casamento, bem como sua boa reputação conquistada ao ser alheia à vida amorosa enquanto solteira, eram valores que extrapolaram a esfera da crença e dos valores e culminaram na esfera jurídica. O Código Civil de 1916, vigente por 86 anos, ainda que tenha recebido diversas mudanças ao longo do tempo, foi sancionado com uma série de diretrizes relativas ao matrimônio e à figura da mulher. De acordo com o que explica Cortês (2012), uma dessas regras tratava, por exemplo, da anulação do casamento:

O casamento pode ser anulado caso haja 'erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge' - entre esses 'erros' está o 'defloramento da mulher, anterior ao casamento e ignorado pelo marido', ou seja, o fato de a mulher não ter chegado virgem ao matrimônio. (CORTÊS, 2012, p.265)

Foi somente em junho de 1975 que o Congresso Nacional iniciou a discussão que viria a construir um novo código civil, que depois de 26 anos e 300 emendas, foi sancionado em 2002.

Ainda no contexto da castidade feminina, Segundo Pisky (2012), no final da segunda metade dos anos 1960, a pílula anticoncepcional e as discussões que começaram a surgir nesse período em prol dos direitos das mulheres foi um marco decisivo para as evoluções conquistadas neste âmbito nas décadas seguintes. No entanto, é plausível inferir que toda essa nova abordagem em relação à castidade feminina caminhou a passos lentos no que diz respeito às famílias mais conservadoras e tradicionais, praticantes de valores arraigados há gerações.

A partir dessa resumida apresentação da figura feminina à época de 1973, compreendemos a importância que o matrimônio tinha na vida da mulher jovem adulta. E é a partir disso que podemos tornar a nossa visão mais clara sobre cada uma das cartas que serão exibidas na sequência, tendo em mente que, independentemente do objetivo, cada autora se mostra em situação de vulnerabilidade emocional e dependente de uma figura externa para suprir uma falta que foi imposta à sua figura de mulher.

Por fim, é relevante ressaltar que as cartas foram emitidas em resposta a um anúncio publicado na edição 330 da revista Capricho. O texto deste anúncio foi enviado para a revista também em formato de carta, conforme as orientações da publicação:

Se você quiser publicar um anúncio, escreva carta com seus dados pessoais, nome, endereço completo e bem legíveis, autorizando a publicação dos mesmos, e manda para CAPRICHÔ. Importante: os leitores que não autorizarem a publicação do nome e endereço terão suas cartas inutilizadas. (CAPRICHÔ, 1973, p. 12)

Na edição em que o anúncio foi publicado, a seção contou com a divulgação de 17 perfis, sendo nove de mulheres e oito de homens. Dentre os objetivos informados, os recorrentes foram: futuro compromisso ou futuro matrimônio (quatro citações, sendo duas femininas e duas masculinas); amizade ou troca de ideias (12 citações, sendo sete de mulheres e cinco de homens - uma das mulheres indicou tanto amizade quanto matrimônio); sem indicação do motivo (duas citações, sendo uma de mulher e uma de homem). Para completar, este foi o anúncio de Karl: “Engenheiro alemão, solteiro, 31 anos, 1,81 m, deseja corresponder-se com jovens para fins de amizade e pede foto na primeira carta”.

5 ANÁLISE DAS CARTAS DE AUTOAPRESENTAÇÃO

Para a análise, selecionamos um total de seis cartas, sendo três para análise na íntegra e três como complemento, em forma de trechos. A composição está assim dividida: visada argumentativa relativa à amizade (carta na íntegra); relativa à relacionamento amoroso (carta na íntegra mais dois trechos complementares); e relativa a outros interesses (carta na íntegra mais um trecho complementar). A categoria da visada argumentativa amizade conta exclusivamente com uma carta na análise, por ser esta a classificação que mais apresenta exemplares relativos a textos de caráter meramente descritivo, sem predominância argumentativa patêmica textual. A categoria da visada argumentativa de outros interesses é formada pelos dois exemplares analisados.

As cartas foram arquivadas originalmente pelo destinatário (Springer) obedecendo a uma ordem particular, que remete a duas formas de catalogação: A1, A2, A3... B1, B2, B3..., e assim sucessivamente. Como essa organização parece não ter relação à data de emissão ou de recebimento da carta, ou à ordem alfabética, uma possibilidade seria a organização com base no interesse dele para com a autora ou no atendimento ao envio de uma fotografia logo na primeira correspondência.

Por esse motivo incompreensível da categorização original, feita pelo proprietário das cartas, para esta pesquisa elas foram ordenadas por data de emissão, conforme indicação no Quadro 7. As cartas analisadas integralmente serão as descritas a seguir, tendo como complemento trechos de outras correspondências que exibem a mesma visada argumentativa: amizade (T261), relacionamento amoroso (T146, com complemento das cartas T128 e T259) e outros interesses (T167, com complemento da carta T64).

5.1 Carta 1 - Proposta de adesão à tese de amizade

Como apresentamos anteriormente, a modalidade patêmica (AMOSSY, 2008) advém da comoção que se busca fomentar no auditório, via sentimentos, para torná-lo mais suscetível à adesão à tese. Em uma carta, esse recurso argumentativo é fundamental porque o gênero epistolar ao qual esta pesquisa se dedica (carta de autoapresentação) apresenta uma visada argumentativa que busca sensibilizar o interlocutor, direcionando-o para uma determinada ação: a de responder ao pedido de

amizade, de relacionamento amoroso ou a de outros interesses. Por isso, o conceito de Amossy (2018) será retomado na análise das cartas, justamente porque, independentemente do objetivo explicitado na carta, ainda assim há uma natureza argumentativa em cada uma delas - com recorrência à emoção - para tentar obter aprovação do interlocutor (Karl Sommer) à tese de responder a carta, aceitando o que está sendo proposto.

5.1.1 O ethos discursivo

Assim, iniciamos a apresentação da análise com a carta T261, remetida por uma jovem de 16 anos, em 4 de julho de 1973. Esse material corresponde à primeira categoria proposta nesta pesquisa: a busca pela amizade. Como suporte, a carta foi escrita no que parece ser folhas de fichário, constando dois furos em cada folha e apenas um dos lados pautados.³

Plano da carta	Texto
Abertura - indicação de tempo e lugar	<i>Marília, 13 de agosto de 1973.</i>
Abertura – vocativo	<i>Oi, Karl...</i>
Exórdio	<i>“Sabe”, hoje estou super triste pois a coisa que eu mais detesto é fazer um negócio e não da certo.</i>
Corpo da carta	<i>Eu estudo interna, tenho 16 anos, 1,70 mt, olhos e cabelos castanhos, e a coisa que neste momento, estou com uma grande vontade é de fazer novas amizades, sair um pouco dessa vida, eu aqui no colégio vivo como se fosse um pássaro prêso numa gaiola mas a gente tem que que passar por tudo nessa vida. Nunca o mundo é como a gente quer. Karl, eu achei o seu nome muito bonito, espero que eu e você sejamos bons amigos, pois no mundo que vivemos se não houver amizade não existirá a paz. Eu quando estava dando aula de Catecismo me deu uma vontade de fazer novas amizades com outras pessoas que também deseja o mesmo que eu, que sem perceber, estava folheando a Revista capricho e a irmã chega por traz de mim e da aquele cermão, mas um dia eu sairei daqui e irei viver a vida com mais sentido, pois eu odeio tudo isso daqui, pois tem hora que nem pareço uma pessoa, e sim uma estátua rodeada por todos os lados de bíblias. Eu moro em São Paulo só que estudo interna aqui em Marília, porque meus pais querem.</i>

³ Marcuschi (2008, p.174): "entendemos aqui como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto."

Peroração	<p>Bom, espero que sejamos bons amigos. E que você me responda a carta sinceramente, e em breve. E se possível gostaria de ganhar uma foto sua, e serei muito grata.</p>
Fechamento - despedida	<p>Se feliz É o que deseja sua nova amiga. Xxx XXXXXXX XXXXXXX, mas prefiro que me chame "XXXXXX XXXXX XXXX". Gostou? Mando-lhe minha foto! Um pensamento à você</p> <p>"Sentirás que ama alguém quando sentires que não é mais amado" Meu endereço XXXXXX XXXXXX XXXXX Marília-SP Código= XXXXX</p>
Fechamento - assinatura	até, Karl

Marília, 13 de agosto 1973. (1)

Olá! Karl...

“Sabe”, hoje estou super triste pois a coisa que eu mais gosto é fazer um negócio e não dá certo, eu estudo inglês, tenho 16 anos, 1,70 mt, olhos e cabelos castanhos, e a coisa que neste momento, estou com uma grande vontade é de fazer novas amizades, sair um pouco dessa vida, eu aqui no colégio vivo como se fosse um passarinho preso numa gaiola mas a gente tem que passar por tudo nessa vida.

Nunca o mundo é como a gente quer. Karl, eu achei o seu nome muito bonito, espero que eu e você sejamos bons amigos, pois no mundo que vivemos se não houver amizade não existirá a paz.

Eu quando estava dando aula de Catecismo me deu uma vontade de fazer novas amizades com outras pessoas que também deseja o mesmo.

Figura 3 - Página 1 da carta T261

Esta primeira carta nos permite fazer uma análise e investigação correspondente aos três principais eixos selecionados: a locutora/enunciadora, a carta e a interação. A começar pela locutora/enunciadora, a autora da carta, que do ponto de vista retórico tem o posto de orador, constrói uma imagem discursiva de si que sugere solidão e intenção de estabelecer uma nova amizade para, assim, sentir-se menos triste e só. Por isso, antes mesmo de se aprofundar sobre qualquer outro assunto, ela inicia a sua escrita explicitando que está triste: “*Sabe’, hoje estou super triste pois a coisa que eu mais detesto é fazer um negócio e não da certo*”. Essa inscrição, logo no início da carta, pode ser uma tentativa de aproximar o interlocutor despertando seu interesse e curiosidade para a explicação do fato que a deixou triste. Além disso, a confissão de que se está triste é algo que remete a um implícito pedido de ajuda e de acolhimento, diminuindo o espaço para a indiferença.

As informações apresentadas por ela em relação à idade, altura, cor dos olhos e cabelos são muito objetivas e pontuais, enquanto que, tanto antes e após compartilhá-las, a autora cita informações voltadas aos seus sentimentos com uma riqueza de detalhes: de estar triste, de detestar fazer alguma coisa e não obter êxito e de estar com muita vontade de fazer novas amizades: “[...] *pois a coisa que eu mais detesto é fazer um negócio e não da certo.*” e “[...] *e a coisa que neste momento estou com uma grande vontade é de fazer novas amizades [...]*”. O sentido dessa opção (priorizar a descrição dos sentimentos ao detalhamento das atribuições físicas) remete ao olhar que ela demonstra ter em relação à pouca importância das características físicas para uma amizade, enquanto que os sentimentos e a segurança em compartilhá-los são frequentes entre os amigos, vínculo que ela está buscando estabelecer.

Ao mobilizar todas essas características, somadas à realidade do seu dia a dia que ela explicará na sequência, podemos inferir que o seu ethos discursivo é de uma jovem que sonha em poder viver a vida com mais liberdade e sentido, mas que precisa se submeter à vontade dos pais e permanecer isolada, longe da família “[...] *eu moro em S. Paulo só que estudo interna aqui em Marília [...]*” e em constante vigilância das responsáveis pelo colégio-internato onde estuda “[...] *estava folheando a Revista capricho e a Irmã chega por traz de mim e da aquele cermão [...]*”.

Com esses detalhamentos, há uma apresentação de como ela percebe o local onde reside, assim como o que vem sentindo: “[...] *tem hora que nem pareço uma pessoa e sim uma estátua rodeada por todos os lados de bíblias*”. Essa informação

revela-se como uma possibilidade de ela se reconhecer, ou se comparar, às naturais imagens religiosas que fazem parte da doutrina católica, do qual o seu colégio-internato se constitui, o Colégio Sagrado Coração de Jesus. No sentido comparativo, essas estátuas, habitualmente acompanhadas por bíblias próximas, favorecem o imaginário de que, tal qual como as imagens religiosas, ela está parada, sem poder fazer nada, nem ao menos ler o que deseja.

Embora a fé e a religião sejam valores comumente compartilhados pelas pessoas de uma determinada comunidade, a locutora/enunciadora demonstra uma certa insatisfação com tais preceitos, seja nos comentários menos explícitos, em que cita que teve vontade de fazer novas amizades no momento em que estava dando aula de catecismo, seja nos mais explícitos, quando afirma: “[...] *mas um dia eu sairei daqui e irei viver a vida com mais sentido, pois eu odeio tudo isso daqui [...]*”. Ou seja, ainda que talvez de maneira não intencional, ela se mostra como uma adolescente, que já tem uma certa vivência na religião - pois dá aulas - mas que não deseja seguir a vida religiosa, e sim conhecer outras pessoas, fazer amizade, sair do internato religiosos e encontrar um sentido para a sua vida.

Ainda nesta vertente de sentido, o desejo da oradora para com o seu auditório é “Se feliz”, uma indicação bíblica, retirada do livro de Eclesiastes, no qual há uma profunda reflexão sobre o sentido da vida. Essa maneira de encerrar a conversa, somada à forma de como ela valora a amizade e a paz - “[...] *pois no mundo que vivemos se não houver amizade não existirá a paz*” [...] - sugere que ela é uma pessoa que compactua com crenças já muito solidificadas e de alto grau valorativo. Ao recorrer à doxa de que todos vivemos no mesmo mundo e também de que todos desejamos e precisamos de paz, ela se aproxima do destinatário da carta e cria junto dele uma relação de compatibilidade. Trata-se aqui de uma jovem que, embora queira distância do ambiente e da prática religiosa, carrega um padrão moral de bondade e de amor ao próximo.

Embora não haja indicações de interesse amoroso, a autora termina o seu escrito com uma citação, indicada ao interlocutor, que faz referência à percepção dela sobre o amor: “*Sentirás que ama alguém quando sentires que não és mais amado*”. Essa passagem indica que a percepção de que se ama alguém só ocorrerá quando o amor desse alguém já não existir mais. A seleção desse pensamento para a finalização da carta pode ser um recurso empregado para explicar ao interlocutor sobre a relevância de estar atento aos sentimentos que as pessoas ofertam, sob o

risco de percebê-los somente quando estes já não estiverem disponíveis. Seria uma forma de dizer: não desperdice o meu desejo de ser sua amiga.

O fato de que ela está nesse ambiente contra a própria vontade e que não vê sentido ou valor no que vive ali, além de explicitado em outras passagens, é endossado pelas palavras finais da locutora/enunciadora: “[...] *moro em São Paulo só que estudo interna aqui em Marília, porque meus pais querem*”.

Por fim, embora desconhecesse que o seu interlocutor (leitor da carta) fizesse uso de um pseudônimo, a oradora cita o seu nome completo e, na sequência, informa que prefere ser chamada por outro nome, que apresenta as mesmas iniciais do original. Coincidentemente, parte do nome pelo qual ela prefere ser chamada se assemelha ao pseudônimo de Karl Sommer. E a admiração dela pelo nome dele é o único comentário que ela faz a respeito do seu desejado futuro amigo: “*Karl, eu achei o seu nome muito bonito*”. Por ser o nome uma parte importante constitutiva da identidade de um indivíduo, a troca, ou a preferência por uma indicação identitária verbal diferente, enseja no desejo de também experimentar um alguém que ainda não se é, uma vida que ainda não se tem.

Em resumo, o ethos discursivo da autora é uma pessoa que tem valores e ideais cristãos, é solitária, revoltada e sente-se presa. A imagem que ela constrói de seu correspondente é constituída de: ethos prévio (acredita que ele queira o mesmo que ela, a amizade); estereotipagem (alemão, loiro, olhos azuis e alto); doxa/opiniões (todos querem amizade e paz, viver a vida com mais sentido).

5.1.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada

Com o entendimento acerca dos pontos que fazem relação direta com a imagem que a locutora/enunciadora tem sobre si e compartilha, podemos passar para o próximo tópico de análise desta carta: a identificação das marcas textuais geradoras de emoção. Assim, nesta seção, os conceitos de Plantin (2010) sobre a estrutura dos enunciados de emoção serão utilizados como referência para a identificação de termos e construção empregados para gerar uma emoção junto ao interlocutor.

Ao aprofundar a análise e caminhar para a identificação de marcas textuais geradoras de emoção é interessante destacar que a autora inicia a sua fala, logo após a saudação, fazendo uma marcação entre parênteses da palavra “*Sabe*”. Como há apenas outras duas ocorrências na carta com esta distinção, sendo uma citação e

uma referência ao seu nome predileto, o emprego das aspas duplas logo no início da conversa indica que a afirmação dela tem um caráter conotativo. Ou seja, ela sabe que o leitor da carta não sabe o que ela está passando, ou está sentindo, mas, com esse destaque, ela pode iniciar a sua fala de modo quase em tom de desabafo e de aproximação, mas mantendo seu entendimento sobre esse diálogo monogerido.

De acordo com Plantin (2010), quem experiencia o sentimento no discurso argumentativo emocionado é quem está ocupando o lugar psicológico. Esse lugar psicológico pode ser tanto em posição de sujeito (alguém sente alguma coisa em relação a um objeto) quanto em posição de objeto (algum objeto faz alguém sentir alguma coisa). Na carta em análise, é possível identificar a predominância do sujeito falante, da voz da locutora/enunciadora da carta ocupando o lugar psicológico, como em: “[...] *hoje estou super triste [...]*” e em “[...] *pois eu odeio tudo isso daqui [...]*”. Esse traço, de se colocar na posição do sujeito que ocupa o lugar psicológico - quem experiencia o sentimento - é também utilizado pela autora para se aproximar do leitor da carta e convidá-lo a compartilhar das suas visões de mundo, como em “[...] *mas a gente tem que passar por tudo nessa vida.*” e em “*Nunca o mundo é como a gente quer.*”.

Também segundo Plantin (2010), podemos recapitular que o arranjo composto de argumentação e emoção se constitui em dois polos: Determinação dos Lugares Psicológicos e Determinação das Emoções Ditas. A esfera da Determinação das Emoções Ditas abriga quatro grupos de um inventário sistemático que visa à classificação dos conteúdos emocionais explícitos. São eles: i) Designação Direta da Emoção; ii) Determinação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Índices Linguísticos; iii) Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Lugares Comuns Situacionais e Atitudinais; iv) Enunciados Psicológicos e Enunciados de Emoção.

No contexto da Determinação das Emoções Ditas, a classificação Designação Direta da Emoção pode ser facilmente identificada no texto pelo fato de a autora utilizar substantivos e verbos que fazem referência direta aos sentimentos e emoções. O conjunto de substantivos, mais discreto quando comparado ao de verbos, é composto por, principalmente, os termos “*triste*” e “*feliz*”: “*hoje estou super triste*” e “*Sê feliz*”. Já o conjunto de verbos se apresenta mais explicitamente, sendo composto por exemplos como: “*detesto*”, “*odeio*”, “*sentirás*”, “*ama*”: “*a coisa que eu mais detesto é fazer um negócio e não da certo*”, “*pois eu odeio tudo isso daqui*”, “*Sentirás que ama alguém quando sentires que não é mais amado*”.

Como Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Lugares Comuns Situacionais e Atitudinais temos “*eu aqui no colégio vivo como se fosse um pássaro preso numa gaiola*”, momento em que a locutora/enunciadora faz uso de figuras de linguagem que se aproximam dos lugares comuns da argumentação. Segundo Plantin (2010), os lugares comuns estão ligados a algumas emoções por intermédio do discurso cultural. E no contexto sócio cultural da produção da carta, assim como ainda no atual, um pássaro preso numa gaiola equivale à falta de liberdade para viver e à ausência de alternativas para a mudança da situação.

A argumentação via modalidade patêmica, que constrói o seu alicerce tendo como base as crenças e valores presentes em seu auditório (Amossy, 2018), mostra-se evidente nesta carta por mobilizar todos os exemplos citados até o aqui, apresentando ao leitor da carta um legítimo apelo de amizade, explicado e argumentado pela autora. Da apresentação do seu ethos discursivo solitário à recorrência aos desejos universais a aos lugares comuns, esta carta se mostra um modelo de aplicação do discurso emocionado na materialidade textual.

5.1.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa

Após a análise dos pontos relativos ao discurso e ao texto argumentativo no que concerne a locutora/enunciadora e sua carta, partimos para a última etapa da análise, que é a identificação dos valores ideais como técnica para construção da visada argumentativa.

Esta carta apresenta uma relação de argumentos com vistas a obter a concordância e aceitação do destinatário ao pedido de amizade. Para reforçar os motivos pelos quais a autora se mostra merecer ter um amigo, ela recorre a ideologias para representar seus sentimentos e convicções. Em “[...] *mas a gente tem que passar por tudo nessa vida.*” e em “*Nunca o mundo é como a gente quer*”, a locutora/enunciadora sintetiza parte dos valores ideais cristãos, pelos quais os adeptos da religião acreditam que passar pelas provações durante sua experiência terrena faz parte da vida, e que o mundo não é como querem porque ele não é morada final, é tão somente uma passagem. No entanto, ao retomar esses valores, a locutora/enunciadora também evidencia o contraponto que existe entre essas convicções e a opinião comum a respeito da vida, que tem o ideal de felicidade.

É válido ressaltar que esse compartilhamento de visão de mundo é resultado de outras vozes além da dela, como das professoras (irmãs) e da família, e que essa postura mais resignada diante da vida, demonstrada no início da carta, logo dá lugar a um posicionamento mais rebelde, que deseja sair dali, do colégio, e viver com mais liberdade, ter mais amigos, encontrar um sentido para a vida. Nessa mobilização, ela se aproxima do interlocutor, pois além de textualmente fazer a marcação de uma situação coletiva (“a agente tem” / “a gente que”), discursivamente as pessoas se resignam nos momentos de tristeza e se rebelam nos momentos de lutar por ideais, o que constrói a experiência emocional no interlocutor de que eles são muito parecidos.

Embora ela tenha uma consistente relação com a religião, um fenômeno da realidade objetiva que faz parte do que o Círculo de Bakhtin entendia como ideologia superestrutural, a oradora emprega argumentos emocionados para justificar o seu desejo de afastamento da vivência religiosa, a qual foi condicionada contra a sua vontade. Nesse sentido, ainda que ela esteja se colocando numa posição contrária no que se refere a uma ideologia culturalmente aceita e seguida, ela o faz de modo argumentativo, recorrendo a emoções e a outros elementos ideológicos (como a gaiola ou a estátua) para obter adesão à sua tese, de liberdade e de amizades com pessoas diferentes das que já estão no seu convívio.

De provável histórico de educação religiosa, ela não mobiliza em seu texto ideologias relacionadas aos comuns da época de 1973, como casamento, filhos, ou a vivência de um grande amor romântico. O ideal de liberdade é o que norteia suas ações e argumentos.

5.2 Carta 2 - Proposta de adesão à tese de relacionamento amoroso

A segunda carta é a T146, que traz um objetivo bastante explícito em relação ao desejo da autora de obter um vínculo afetivo. Ao apresentar apenas uma informação concreta sobre si (formada em corte e costura) e sem fazer perguntas diretas a respeito do interlocutor, sobre sua vida, interesses e outros, a locutora/enunciadora constrói uma argumentação textual e discursiva que se aproxima da abordagem romântica, retratando o que ainda era concebido como valor na época: um amor romântico. A autora escreve em apenas uma das faces da folha de papel pautada. A carta é remetida de uma cidade do Estado de Pernambuco chamada Afogados da Ingazeira, em 21 de julho de 1973.

Plano da carta	Texto
Abertura - indicação de tempo e lugar	<i>Afogados da Ingazeira, 21.7.1973.</i>
Abertura – vocativo	<i>Inesquecível desconhecido</i>
Exórdio	<i>A primeira vez que os meus olhos tiveram a “vendura” de ler o Cantinho da Amizade senti um sobressalto encantador, me revelou, que alguém como você havia de decidir da minha sorte.</i>
Corpo da carta	<p><i>O meu coração disse-me eu amo. E todos esforços que fiz para esquecê-lo foram [ilegível] nos cantos melodiosos das avezinhas, no suave perfume das flores e em tudo enfim vejo o seu suave perfio. Toda via, nada há mais natural e mais digno du que amor.</i></p> <p><i>E por este amor que apenas vou lhi dedicar. Mi senti como estivesse ao seu lado. Você foi a única pessoa que não saiu do meu pençamento. Acredite que sinto por você uma dessas paixões que jamais pode se afastar do coração que [ilegível] destino da vida.</i></p> <p><i>Você foi o primeiro homem da minha vida. terá você coragem para mi desprezar não creio Confio na sua sincibilidade e atrevo-me a conseber a esperança de que você me fará feliz. [ilegível] posso eu receber uma resposta e você não destruir os meus sonhos de felicidades.</i></p>
Peroração	<i>Peço encarecidamente, me seja sincero na resposta.</i>
Fechamento - despedida	--
Fechamento - assinatura	<p><i>Sua Admiradôra</i> <i>Xxxxxxxx</i></p> <p><i>Desculpe eu lhi mandar está fotografia que foi no dia da minha formatura de Corte e Costura.</i></p>

Afogados da Ingazeira, 21. 7. 1973.

Inesquecível desconhecido

*A primeira vez que os meus olhos
tiveram a vendura de ler o Cantinho da
Amizade senti um sobressalto encantador,
me revelou que alguém como você havia
de decidir da minha sorte. O meu coração
disse-me eu amo. E todos esforços que fiz para
esquecê-lo foram inúteis nos cantos
melodiosos das avezinhas, no suave perfume
das flores e em tudo enfim vejo o seu suave
perfio. Toda via nada há mais natural e
mais digno du que amor.*

Figura 4 - Trecho da carta T146

5.2.1 O ethos discursivo

A segunda carta desta análise traz em seus trechos poucas informações a respeito da autora do texto. Embora ela opte por não apresentar indicações sobre sua aparência, passatempos, ocupação, entre outras, a locutora/enunciadora se vale de outras informações para argumentar junto ao seu alocutário/enunciatário que ela é a melhor opção de todas as mulheres com as quais ele irá corresponder-se. Ao optar por não apresentar informações condizentes aos valores femininos da época, conforme elencados no Quadro 1 (boa aparência = baixo peso, pele clara; jovialidade = idade inferior a 30 anos; autocuidado = cabelos hidratados e com cortes modernos, maquiagem, vestimentas atuais, pele sem manchas; educação = ser prendada: saber cozinhar, cuidar da casa, costurar, ter/aspirar uma profissão; bom comportamento = ter bom humor, estar bem informada, mostrar-se interessada na vida do cônjuge) a autora da carta recorre a outras técnicas para construir uma experiência emocional ao seu interlocutor, empregando a linguagem romântica, uma vez que viver um amor, um relacionamento romântico, era uma ideologia presente na época de 1973.

A narrativa de um ideal de amor e de casamento, com traços textuais que podem ser identificados em “*O meu coração disse-me eu amo*” e “*atrevo-me a conseber a esperança de que você me fará feliz*”, pode ser reflexo das construções discursivas da época sobre o amor. Os roteiros das fotonovelas, por exemplo, publicados na própria revista Capricho e em outras similares, eram repletos de amores impossíveis que se tornaram possíveis, paixões intensas mesmo à distância, pedidos de casamento logo no início do relacionamento e amor à primeira vista. A própria edição 330 da revista Capricho traz uma fotonovela intitulada Um Amor em Paris, que contempla todos os exemplos citados. O estilo romântico, tanto o presente na carta quanto o presente na narrativa da fotonovela em questão, apontam para um ideal de amor e de felicidade (OGLIARI, 2013).

Os erros de grafia presentes na carta apontam na direção de carência de estudo ou na falta de familiaridade com o texto escrito. Nesse contexto de instrução, embora aqui mais direcionada aos afazeres domésticos (ser prendada), ela destaca que tem formação em corte e costura: “*Desculpe eu lhi mandar está fotografia que foi no dia da minha formatura de Corte e Costura*”. Ser prendada e ter boas noções sobre cuidados com a família e a casa, o que incluía saber costurar, pode ser uma forma de ela indicar que tem as características ideais para ser uma boa esposa.

Embora a autora tenha o desejo de receber uma resposta positiva do seu correspondente, colocando-se na posição de admiradora de alguém que ainda não conhece, ela demonstra muitas inseguranças, representadas por dúvidas que são expressadas de modo a não deixar alternativas ao interlocutor (*“terá você coragem para mi desprezar não creio”, “posso eu receber uma resposta e você não destruir os meus sonhos de felicidades”*), criando nele a necessidade de respondê-la, pois, do contrário, saberá que desprezou alguém e que destruiu os sonhos de felicidade de uma pessoa. É assim que as proposições escolhidas pela locutora/enunciadora atribuem ao interlocutor a responsabilidade de fazê-la feliz: *“atrevo-me a conseber a esperança de que você me fará feliz”*.

O apelo às ideologias da época, como o casamento, e a crença de que o sucesso da atuação feminina na sociedade estava diretamente atrelado à figura de um homem, um marido, são outras marcas que também ficam evidentes ao considerar o contexto de recepção do interlocutor e a relação com os objetivos na produção do gênero, assemelhando-se a uma carta de amor. O trecho *“alguém como você havia de decidir da minha sorte”* nos remete ao lugar comum de casamento, um dos valores que as mulheres nos anos 1970 ainda tinham como projeto e objetivo de vida (o matrimônio e a constituição de uma família), conforme bem retratava a mídia da época, ainda mais se considerarmos o local de produção da carta, uma pequena cidade do interior de Pernambuco, na qual, muito provavelmente, as opções de conhecer novas pessoas era menor, se comparadas a possibilidade que a troca de cartas favorecia.

Já a passagem *“Você foi o primeiro homem da minha vida”* sugere, num primeiro momento, que a locutora/enunciadora e seu interlocutor já se conheciam, pois ela faz uma afirmação de que ele foi o primeiro homem da sua vida. No entanto, como o vocativo que ela usa para se referir a ele é *“Inesquecível desconhecido”* e há uma explicação de que ela sentiu algo especial no momento em que viu o anúncio na revista (*“A primeira vez que os meus olhos tiveram a “vendura” de ler o Cantinho da Amizade senti um sobressalto encantador, me revelou, que alguém como você havia de decidir da minha sorte.”*), o argumento de que ele foi o primeiro homem da sua vida aponta na direção de uma linguagem figurativa, correspondente à primeira paixão, ou ao primeiro interesse amoroso. Pode ser também que, pela primeira vez, ela tenha desejado ter relações íntimas, e com ele em seu imaginário. Isso poderia representar, para a autora do texto, o equivalente ao *“primeiro homem da minha vida”*. De qualquer

modo, ao mobilizar que ele é o primeiro em algum aspecto, ainda que apenas em pensamento, indiretamente ela também afirma que não houveram outros antes dele. Isso evoca um dos valores femininos da época, a castidade. É válido ressaltar que a castidade se refere ao pensamento, às palavras e aos atos, não se restringindo somente à inexistência de relações íntimas.

Nesse sentido, ela constrói seu ethos discursivo pelo qual representa uma mulher que tem atributos para ser tomada em matrimônio, pois é casta. Assim, consegue argumentar para o seu amigo desconhecido de 1970, por meios de valores presentes até então, que é uma mulher íntegra e digna de um matrimônio com ele.

Para resumir, o ethos discursivo da autora é uma pessoa romântica, costureira (o que leva a um ethos prévio de prendada), casta (de não ter outros antes dele). É a mulher certa para ser escolhida pelo destinatário da carta. A autora também cria uma imagem de seu correspondente, colocando-o no lugar de cavalheiro, sensível, do homem que a fará feliz, que já a escolheu como futura mulher. Ela recorre à doxa de amor e felicidade.

5.2.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada

Esta segunda carta demonstra uma dimensão argumentativa bastante diferente da primeira: em vez de um pedido de amizade, há uma proposta de relacionamento amoroso. E como a intenção original de Karl, pelo menos a declarada, era relativa a uma amizade, entendemos que a presente carta, além de uma dimensão argumentativa, traz também uma visada argumentativa, aquela que tem o objetivo de mudar a visão do auditório (Amossy, 2018).

Para o sucesso da visada argumentativa, a autora da carta recorre à modalidade patêmica para mobilizar junto ao seu pretendente suas emoções e anseios. As proposições utilizadas revelam traços da linguagem empregada no romantismo, se considerarmos os conceitos apresentados por Ogliari (2013), que analisa a estética romântica como sendo aquela que “buscava representar os sentimentos e as perspectivas daquela sociedade”. (OGLIARI, 2013, p. 103). O autor também apresenta as três características da ideologia romântica: o individualismo, “em que o ser humano se volta mais egoisticamente para si próprio” (OGLIARI, 2013, p. 104), a subjetividade, “o homem passa a interagir intensamente com a sua interioridade” (OGLIARI, 2013, p. 104) e o sentimentalismo, “a valorização das

emoções, dos sonhos, dos desejos inalcançáveis, dos amores distantes [...]” (OGLIARI, 2013, p. 104-105)

Os três aspectos são facilmente identificados na carta. O primeiro deles, individualismo, pode ser materializado pela seguinte passagem: “*atrevo-me a conserber a esperança de que você me fará feliz*”, evidenciando uma preocupação individual que se sobrepõe a uma decisão constituída de modo coletivo e mútuo, uma vez que a autora (oradora) não demonstra disposição em afirmar ao destinatário (auditório) que ela também deseja fazê-lo feliz.

O segundo aspecto, a subjetividade, também aparece como marca textual na produção. O trecho “*nada há mais natural e mais digno du que amor*” demonstra o entendimento subjetivo da autora em relação ao sentimento amoroso, algo já naturalmente subjetivo e variável conforme o ponto de vista do observador.

Por fim, o aspecto do sentimentalismo é o que prevalece nessa construção textual. A valorização e exaltação das emoções são marcas presentes na carta, como nesta passagem: “*O meu coração disse-me eu amo*”. As expressões escolhidas para representar o modo de sentir da oradora em relação ao seu futuro admirado desconhecido mostram-se fiéis ao que Ogliari (2013) entende por sentimentalismo: há um enaltecimento dos contextos emocionais, com o emprego de hipérboles e analogias para criar um contexto que melhor reproduza a sensação experimentada pela autora do texto. Essa inscrição (“*O meu coração disse-me eu amo*”), fazendo referência ao anúncio que ela havia acabado de ler, é ainda uma metáfora emocional (Plantin, 2010), pela qual há uma representação de algo realmente sentido, algo que foi perceptível ao coração, com a intenção de sensibilizar o interlocutor para que ele creia que ela se apaixonou verdadeiramente, ainda não tenha o conhecido ainda.

A argumentação emocionada, conforme observamos em Plantin (2010), é aquela que fundamenta, via “sentimentos, experiências, afetos, atitudes psicológicas” (PLANTIN, 2010, p. 57) a sua visada argumentativa, ou seja, o seu objetivo. Ainda segundo Plantin (2010), e da mesma forma como procedemos na análise da primeira carta, podemos encontrar aqui elementos que representam os dois eixos para construir o que o autor chama de “inventário das emoções: Determinação dos Lugares Psicológicos e Determinação das Emoções Ditas.

No contexto da Determinação dos Lugares Psicológicos, podemos identificar que a ocupa o lugar psicológico em posição de sujeito ao longo de quase toda a carta: “[...] *senti um sobressalto encantador [...]*” e “[...] *atrevo-me a conserber a esperança*

de que você me fará feliz [...]” são duas passagens que representam a posição de sujeito no lugar psicológico.

Ainda sobre a Determinação dos Lugares Psicológicos, que faz a identificação de quem experiencia o que (Plantin, 2010), no trecho *“Acredite que sinto por você uma dessas paixões que jamais pode se afastar do coração”*, há um pedido explícito e imperativo (acredite) para que o interlocutor creia nos sentimentos que ela a locutora/enunciadora está demonstrando, como se ela mesma soubesse da dificuldade em acreditar em sentimento dessa intensidade por uma pessoa desconhecida.

Ao retomar as classificações da determinação das Emoções Ditas, observamos que alguns trechos podem ser considerados como Designação Direta da Emoção, isso porque exibem termos diretamente relacionados ao campo semântico emocional, tanto em substantivos, quanto em verbos e vocabulário: paixão, esperança, coração, perfume, amor, destino, escolhas que remetem às estratégias do estilo romântico - empregando a linguagem poética e metafórica - para expressão do seu discurso: *“sobressalto encantador”*, *“o meu coração disse-me eu amo”*, *“cantos melodiosos das avezinhas”*, *“suave perfume das flores”*, *“nada há mais natural e mais digno do que amor”*, *“sinto por você uma dessas paixões que jamais pode se afastar do coração”*, *“destino da vida”*, *“você foi o primeiro homem da minha vida”*, *“confio na sua sincibilidade”*, *“atrevo-me a conseber a esperança de que você me fará feliz”*, *“sonhos de felicidades”*.

A Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Índices Linguísticos, ou seja, a identificação da emoção que é feita tendo como base alguns termos que, indiretamente, remetem a uma argumentação emocionada, também se mostra inserida na carta ao apontar uma possibilidade de verbos que selecionam uma emoção. Por exemplo: ao analisar o emprego do verbo “dedicar”, a oradora abre espaço para uma sequência de termos que, assim como detalha a determinada categoria, convoca possíveis substantivos de sentimento. Plantin (2010) cita alguns substantivos que são suscitados, por exemplo, por meio do verbo “consumir”: “pesar, curiosidade, paixão, ódio, ciúme, raiva, remorso, tristeza”. (PLANTIN, 2010, p. 63). Ainda que ela não explicita o que pretende dedicar, é possível reconhecer, indiretamente, que pode haver atribuição de um sentimento como complemento do verbo: *“E por este amor que apenas vou lhi dedicar”*. A dedicação, nesse contexto,

pode ser compreendida como um índice linguístico de sentimento por ter validade semântica de devoção ou de zelo.

O texto da carta selecionada ainda demonstra uma construção compatível com a classificação de discurso cultural, derivada da Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Lugares Comuns Situacionais e Atitudinais. Ao retomar o que Plantin (1998) explica, essa designação toma como base o contexto de determinada cultura em relação às suas situações e costumes. A passagem “*nos cantos melódiosos das avezinhas, no suave perfume das flores*” remete, pelo menos na cultura ocidental, a indícios de emoção relativa ao encantamento, à alegria, à leveza, à beleza natural (aves e flores), palavras que se encontram no mesmo campo semântico e que são frequentemente empregadas para representar sentimentos de afeto e bem-estar ao aguçar positivamente dois sentidos: audição e olfato.

5.2.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa

Amossy (2018) defende a tese de que todo discurso é argumentativo, apresentando, pelo menos, a dimensão argumentativa. A partir desse pressuposto, podemos considerar que esta segunda carta tem também características compatíveis a uma visada argumentativa, pois posiciona-se na tentativa de fazer o interlocutor (leitor da carta) aceitar a tese de um relacionamento amoroso. Essa tentativa se alicerça tanto no ethos discursivo da autora quanto na mobilização de situações e sentimentos que suscitam os valores relacionados ao estereótipo feminino da época, apresentando motivos de cunho emocional para conquistar o aceite do leitor ao seu convite de resposta da carta e posterior relacionamento.

No que se refere à recorrência a um signo ou a um valor ideológico, a autora da carta aplica essas técnicas tanto na construção do seu ethos discursivo, conforme detalhado na seção específica (5.3.1), como nas suas descrições sobre o amor: “*Toda via nada há mais natural e mais digno du que amor*”, do relacionamento amoroso: “*Confio na sua sincibilidade e atrevo-me a conseber a esperança de que você me fará feliz*”. Essa última citação em especial retrata a ideologia de ter um companheiro para, somente após isso, conseguir ser feliz, algo que era comum no contexto sócio cultural da época em relação ao estereótipo feminino de casar e, a partir disso, ser digna para ser feliz.

Por fim, há outros dois trechos em que essa ideologia, de encontrar um homem para tornar-se completa e feliz, mostra-se presente: “*me revelou que alguém como você havia de decidir da minha sorte*” e “*posso eu receber uma resposta e você não destruir os meus sonhos de felicidades*”. Ou seja, aqui, a locutora enunciadora revela que a sua felicidade ainda é um sonho, e que, ao respondê-la e aderir à sua tese, ele a fará feliz. Essa compreensão parte da explicação de Perelman (2005) sobre a argumentação que se constrói sobre valores, na qual dizer que “não percebo isso” equivale a dizer “percebo outra coisa” (p. 85).

5.2.4 Análise dos trechos complementares

Outras cartas que compõem a coletânea e mostram a mesma visada argumentativa de relacionamento amoroso trazem marcas discursivas e textuais com arranjos muito semelhantes a essa (T146). Os trechos abaixo são componentes de carta T259, escrita em 2 de agosto de 1973, por uma mulher residente em Olinda.

"Tenho também 31 anos, sendo que já vou passar para os 32, no próximo 17 de setembro. Espero não ficar mais velha que você. Sempre idealizei um homem mais velho do que eu."

"Desejo imensamente encontrar um bom esposo, ter nosso lar e filhos. O que mais pode desejar uma mulher que há 31 anos atrás nunca conseguiu realizar-se."

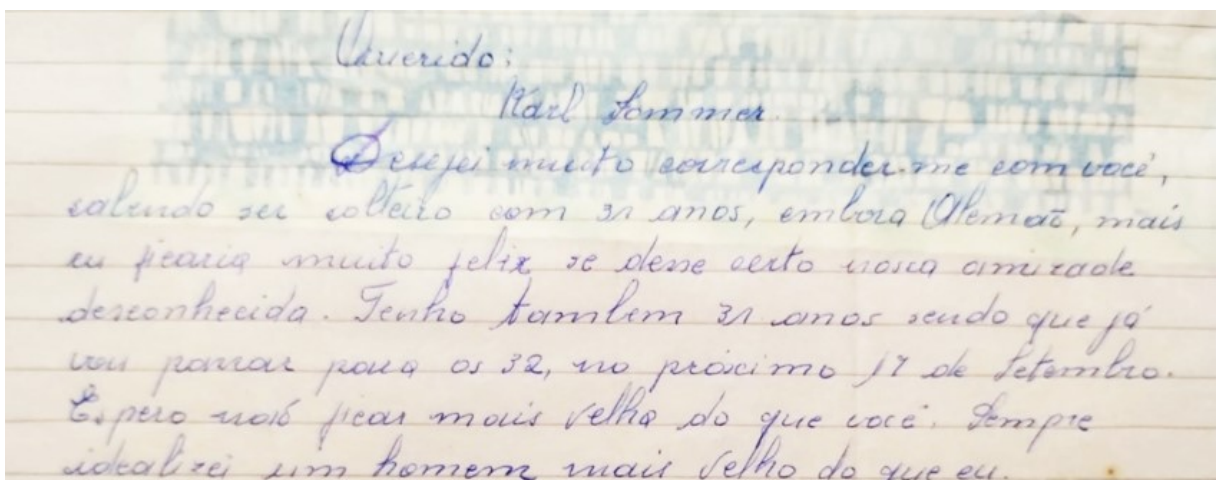


Figura 5 - Um dos trechos da carta T259

O trecho selecionado para complemento da análise da carta principal revela uma abordagem argumentativa semelhante se considerarmos a recorrência aos valores vigentes na década de 1970 para a construção do ethos discursivo da locutora/enunciadora (idade), além da mobilização de um dos valores mais explícitos nas cartas desta categoria, de relacionamento amoroso (casamento). No entanto, neste caso, a locutora/enunciadora demonstra preocupação com a idade porque teme ser mais velha do que o seu interlocutor, que é o seu pretendente à relacionamento amoroso. Aqui, o ethos prévio sobre esse interlocutor (o conhecimento que ela tem sobre a idade dele) revela o ideal da época: ser mais jovem do que o companheiro. “*Sempre idealizei um homem mais velho do que eu*”.

O ideal explicitado pela autora da carta pode ser compreendido sob a luz do que era retratado pela própria revista *Capricho* (1973) em relação ao estereótipo de casais da época, formado entre uma mulher jovem e um homem um pouco mais velho, com profissão e bom poder aquisitivo. O conteúdo editorial e comercial da revista evidenciava em regras, fórmulas e imagens a necessidade de ser e encontrar esses atributos, como na fotonovela da edição nº 330 *Um amor em Paris*, que tem como protagonista uma modelo jovem, em início de carreira, loira, e encanta os homens à sua volta.

O desejo imenso de encontrar um bom esposo e constituir família evidencia outro valor presente no contexto de produção da carta, década em que o casamento tradicional e monogâmico, conforme explicado por Pinsky (2012), ainda era o objetivo de vida de muitas mulheres pelo fato de tal direcionamento ter sido presente ao longo de gerações ao criar no público feminino um total desconforto e sentimento de fracasso quando na não ocorrência de matrimônio, atribuindo a essas mulheres o estereótipo de solteirona, uma opinião comum (doxa) e compartilhada sobre as mulheres que teriam falhado em suas vocações de casar e constituir família.

A ideologia do casamento mobilizada pela autora como uma técnica para a construção da adesão à sua tese (“*O que mais pode desejar uma mulher que há 31 anos atrás nunca conseguiu realizar-se*”) mais uma vez corrobora à falta de perspectiva da locutora/enunciadora em relação à vida sem matrimônio e à sua latente preocupação com a idade, novamente citando-a e explicando que, até o presente momento, não se sente realizada. Com essa afirmação, a autora da carta apresenta a visada argumentativa de convencer o seu interlocutor a ser esse homem (bom

esposo) que ela idealiza em encontrar, para que ela possa se realizar, mesmo aos 31 anos.

O resumo do ethos discursivo desta carta é o de uma mulher solteira, que busca casar-se (não busca amor, nem felicidade). O ethos prévio para ela é o de solteirona, enquanto ele é o bom esposo. Os valores mobilizados por ela são os de casar com um homem mais velho e formar família com ele.

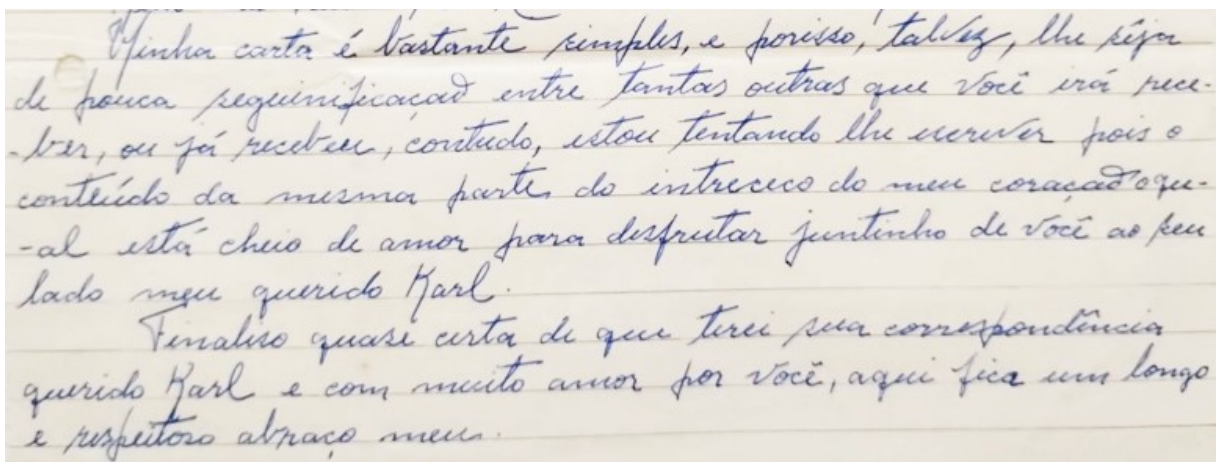
Abaixo, para concluir a análise desta categoria (relacionamento amoroso), os trechos da carta T128 escritos por uma mulher, residente em Caruaru, em 19 de julho de 1973 corroboram com os valores ideológicos discutidos até aqui.

“Querido Karl

Um beijo cheio de amor para você.

Sim! um beijo cheio de amor porque desde que li seu anúncio que é como se já existisse um “elo” entre nós pelo que sinto de profundo por você, através dessa revista que talvez nos una para sempre.”

“Minha carta é bastante simples, e porisso, talvez, lhe seja de pouca seguiniificação entre tantas outras que você irá receber, ou já recebeu, contudo, estou tentando lhe escrever pois o conteúdo da mesma parte do intriceso do meu coração o qual está cheio de amor para desfrutar juntinho de você ao seu lado meu querido Karl.”



Minha carta é bastante simples, e porisso, talvez, lhe seja de pouca seguiniificação entre tantas outras que você irá receber, ou já recebeu, contudo, estou tentando lhe escrever pois o conteúdo da mesma parte do intriceso do meu coração o qual está cheio de amor para desfrutar juntinho de você ao seu lado meu querido Karl.

Finalizo quase certa de que terei sua correspondência querido Karl e com muito amor por você, aqui fica um longo e respeitoso abraço meu.

Figura 6 - Trecho da carta T128

Os trechos desta carta selecionados para complementar a análise da carta principal desta categorização (visada argumentativa para relacionamento amoroso), apresenta características para a construção do ethos discursivo da autora: uma

peessoa, romântica, verdadeira, apaixonada (vem do coração o que ela escreve). O ethos prévio, a imagem que ela faz de seu interlocutor, é a de que ele seria o amor da vida dela. A autora ainda recorre a um dos valores da época, que era também praticamente um lugar comum, uma doxa: união eterna (casar, ser feliz para sempre).

O conteúdo da carta apresenta indicações do discurso romântico e sentimental, conforme já explicados de acordo com os estudos de Ogliari (2013), em que o sentimentalismo está presente ao haver uma valorização de emoções, desejos e amores. Nesse sentido, o apelo ao discurso e à estrutura romântica, como cumprimentar o interlocutor com “*um beijo cheio de amor para você*”, chamá-lo de “*querido*” e fazer referência de que sente um “*elo*” que pode uni-los pelo restante da vida, são argumentos de natureza patêmica que têm a intenção de fazer o interlocutor experimentar o que a locutora/enunciada está sentindo no momento de produção da correspondência, conforme Plantin (2010) detalha a argumentação emocionada.

Ainda nesse âmbito, a locutora/enunciadora faz recorrências ao que Plantin (2010) denomina como Designação Direta da Emoção, em que há a utilização de verbos, substantivos e vocabulário que remete a emoções (“*amor*”), e como Designação Indireta, Reconstrução Sobre a Base de Índices Linguísticos, na qual estão inseridas as metáforas emocionais, como em “*beijo cheio de amor*”, “*coração cheio de amor*”, “*pois o conteúdo da mesma parte do intrínseco do meu coração*”, “*através dessa revista que talvez nos una para sempre*”.

Em termos ideológicos, podemos identificar que a locutora/enunciadora evoca o desejo de vivência de um amor apaixonado, romântico e duradouro, uma vez que há a inscrição do “*para sempre*”. O “*happy end*”, conforme detalha Morin (1997) a respeito da cultura de massas e da promoção dos valores femininos, está ligado ao tema felicidade e “é uma eternização de um momento de ventura em que se encontram enaltecidos um amplexo, um casamento, uma vitória, uma libertação”. (MORIN, 1997, p.126). É nesse sentido que a inscrição inserida na carta pela locutora/enunciadora revela essa intenção de eternizar a união com o seu interlocutor, de modo apaixonado, novamente com a intenção de fazê-lo experimentar tal desejo.

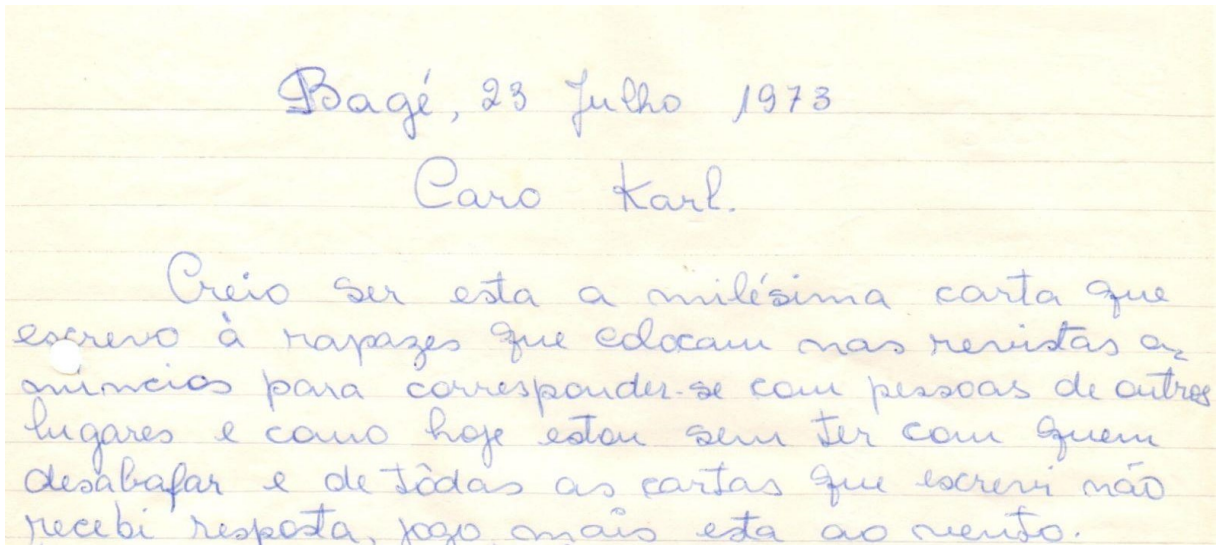
5.3 Carta 3 - Proposta de adesão à tese de outros interesses

Esta terceira e última carta, comparada às outras duas, traz um objetivo mais implícito. Ora, a autora parece estar interessada apenas num vínculo de amizade. Ora,

ela apresenta uma série de situações que parecem caminhar rumo a uma possibilidade de ajuda para mudar de vida.

Plano da carta	Texto
Abertura - indicação de tempo e lugar	<i>Bagé, 23 julho 1973.</i>
Abertura – vocativo	<i>Caro Karl.</i>
Exórdio	<p><i>Creio ser esta a milésima carta que escrevo à rapazes que colocam nas revistas anúncios para corresponder-se com pessoas de outros lugares e como hoje estou sem ter com quem desabafar e de tôdas as cartas que escrevi não recebi resposta, jogo mais esta ao vento.</i></p> <p><i>Digo isto porque tenho certeza de que não receberei resposta da sua parte também mas...</i></p>
Corpo da carta	<p><i>Bem, sei que já comecei complicando acho que é por isto que nenhum se cansou em pensar em responder minhas cartas, pois me julgo a pessoa mais complicada e insegura da face da terra.</i></p> <p><i>Karl, em primeiro lugar eu fiquei encucada é de você já estar com 30 anos e se dizer solteiro, é verdade??</i></p> <p><i>Bem mas no final desta você já vai estar entendendo o porque desta pergunta assim tão direta e um tanto indiscreta, mas pelo amor de deus! não me venha com o “papo” de que não encontrou a “mulher ideal”. Eu não creio que você: Engenheiro, de nacionalidade alemã e com esta idade, já não tenha sido caçado por (PG 2) uma brasileira, ainda mais que as paulistas , dizem os daqui do Sul que, “elas são fogo”!</i></p> <p><i>Tá, vou te soltar um pouco e falar de mim Sou brasileira, gaúcha, branca, super-franca e tenho 23 anos, solteira, nasci em 24 de outubro de 1949, portanto ainda este ano entrarei para os 24 justamente dia 24-10-73. Certo? Como na revista pedes amizade, eu também lhe peço que como amigo me respondas com sinceridade à todas as minhas perguntas. Primeira: você casaria com uma moça que já tivesse se entregado à outro homem? Considera que uma moça assim não possa ser uma boa esposa? Gostas da boemia? O que é para ti uma pessoa que gosta de viver na tal orgia? olhe, pergunto esta última, porque não entendo o significado e nem sei se escrevi corretamente a palavra.</i></p> <p><i>Karl, eu não sei se estou sendo clara, só lhe peço que não confunda minha pessoa com minhas perguntas tá?</i></p> <p><i>Que diria você se eu lhe contasse que já há 5 anos vivo independente dos meus pais, digo independente, na parte financeira pois moralmente eu só dependo em parte deles. Saíde de casa com 18 anos, vivi 1 ano sem rumo (PG 3) certo, depois resolvi parar, pensar e mudar. Parei, pensei, mas não consegui até agora mudar de vida totalmente.</i></p> <p><i>Aluguei uma casa e montei-a, enchi de móveis, mas sinto-a gelada, fria como o Sul é gelado, falta-me uma coisa eu não consigo encontrar esta coisa que dizem Felicidade! Sou estudante agora, estou terminando o ginásio e cursando dactilografia, mas não sei porque sinto um peso quando tenho que vir para casa uma vontade louca de fugir e ir para o fim do mundo, onde não haja desconfiança, rancores, brigas nem nada de mau.</i></p> <p><i>Creio que você esteja se perguntando: “Como ela arranja dinheiro para se manter”: Eis a resposta, tenho um “amigo” da sua idade, porém casado e pai de 2 crianças, sei que é errado mas como eu não tinha outro meio nem estudo nem profissão alguma além de inexperiência, achei este o mais fácil,</i></p>

	<p>e só agora é que vejo que facilidade é que não há! Ele bebe, e complica tudo, tudo, tudo, só nunca me bateu pois o resto nem te conto! Não pense que eu sou louca, mas podes crer, que se eu não conseguir sair desta, juro que ficarei muito lelé da cuca! (PG 4) Mesmo sendo o que sou, que aqui no sul consideram uma pessoa corrupta, eu tenho tropeçado em muitos rapazes, mas o que mais me encuca é que se eu sigo namoro por algum tempo sem nem ao menos deixar que me beijem eles somem, depois vem outro e carícias vão carícias vem, depois como já te disse sou super franca eu conto que tenho um galho logo “puft” somem, ou se conto no primeiro encontro tentam aproveitar-se e se somem também, porque eu não acho certo enfeitar cabeças entende? Faz 3 anos que dependo deste cidadão e até hoje só o traí uma vêz, da qual me arrependi e ele me perdoou pois o outro como muitos têm vontade só queria tirar casquinha e dar o fora, agora me diga se eu sou ou não sou complicada? Karl, sei que não vais me escrever pois você não é psiquiatra nem padre para manter correspondência com gente confusa, mas creia, eu gostaria muito mesmo de ter um amigo bem longe que me entendesse e ao menos não me reprovasse nem dissesse como todo munda faz, “deixa deste e pega outro”, não eu já passei da idade de andar de mão em mão, já sofro bastante em não ter coragem de voltar para a casa de meus pais, pois tenho duas irmãs moças e acho que uma ovelha negra na família deve viver longe das outras para não por o rebanho a perder, não ria por favor, é que aqui no Rio Grande do Sul, o povo têm esse modo de encarar as pessoas (PG 5) que fazem o que fiz como os animais, o que me deixa ainda mais sem esperanças. Viajar para uma cidade como a sua, só, nem pensso, pois seria um desastre para mim pois sou super provinciana e jamais saberia comportar-me como minhas amigas, algumas pois quase não tenho amigas. e nem procuro porque não sei me comunicar com gente que erra, erra, e acha que errando é que a gente acerta. Pretendo continuar estudando, mas não sei se conseguirei por o homem que...além de eu não o amar, só o respeitar, não me dá paz, acha que o que lhe fiz uma vez, faço todos os dias com a desculpa de ir para a aula, é um inferno! Você crê que exista amor? e o que é amor de homem? responda por favor! Karl, de uma coisa esteja certo, se você resolver me escrever suas cartas serão uma gôta de água num deserto e eu às responderei tôdas. Quero uma foto sua, e a minha já vai nesta, não vá cair de susto, pois sei que sou feia e além disto super ansiosa para saber que alguém de longe como estás, mesmo sabendo de tudo sôbre mim, resolveu ser meu amigo e confidente. (PG 6) Olhe, se você quiser me responder, saiba desde já, que gosto de cartas longas, que contem-me tudo, seja isto certo ou errado, bonito ou feio, mas que em tudo haja sinceridade! Gosto de poesias, e se você quiser envie-me uma por pequena que seja, eu adorarei.</p>
Peroração	<p>Bem, creio que já estejas cheio desta e espero que não o tenha apavorado muito e se achares que deves responder, responda o mais rápido possível pois estou para mudar de endereço e isto talvez seja dentro de um mês pois o contrato desta casa já está no fim e eu não quero que sua carta caia em mãos da “coroa” que virá morar aqui pois ela tem uma língua maior que o corpo, e que corpo! pois pesa 110 quilos.</p>
Fechamento - despedida	<p>Tchau e escreva logo, logo. tá? Até 30 de agosto será êste Vou colocar o endereço novamente aqui para não esqueceres que se demorar mais de um mês talvez não me encontres mais. Rua Xxxxxxx, Bagé, Rio Grande do Sul</p>
Fechamento - assinatura	<p>Xxxxx Xxxxxx Xxxxxx Xxxxxxx</p>



Bagé, 23 Julho 1973

Caro Karl.

Creio ser esta a milésima carta que escrevo à rapazes que edocam nas revistas e qñincios para corresponder-se com pessoas de outros lugares e como hoje estou sem ter com quem desabafar e de tôdas as cartas que escrevi não recebi resposta, poro mais esta ao vento.

Figura 7 - Início da carta T167

5.3.1 O ethos discursivo

Temos aqui um texto que apresenta a predominância da modalidade patêmica para tentar obter a adesão do interlocutor utilizando a comoção (Amossy, 2018). A começar pela descrição/imagem de si, o ethos discursivo da locutora/enunciadora apresenta características que remetem a uma mulher que deseja ser percebida de maneira diferente pela qual ela realmente é na comunidade na qual está inserida. Isso fica evidente, por exemplo, na passagem “*só lhe peço que não confunda minha pessoa com minhas perguntas, tá?*”, após apresentar questionamentos sobre virgindade, atributos da boa esposa e orgias.

A locutora/enunciadora, antes mesmo de dar início ao compartilhamento da sua história, apresenta inscrições para argumentar que ela é digna de piedade. Ela tenta convencer o seu interlocutor de que ela é uma vítima, e, com isso, fazer com que ele se compadeça: “*Creio ser esta a milésima carta que escrevo à rapazes...*”, “*tôdas as cartas que escrevi não recebi resposta*”, “*Digo isto porque tenho certeza de que não receberei resposta da sua parte também...*”. Desse modo, ela começa a apresentar alguns motivos para guiar o interlocutor a responder a sua carta, ainda que seja por compaixão, uma vez que até aquele momento ela não havia recebido sequer uma resposta.

Ainda sobre si, a locutora/enunciadora afirma: “*sei que já comecei complicando*”, como se fosse uma resposta, uma concordância, ao que ela supõe que o interlocutor esteja concluindo mediante a leitura de suas frases iniciais. Ela traz a

voz do interlocutor e uma resposta a ela, em tom de conversa. A sequência, *“pois me julgo a pessoa mais complicada e insegura da face da terra”*, dá início a uma carta de seis páginas, descrevendo as passagens mais marcantes de sua vida (do ponto de vista dela), em que a autora do texto demonstra uma necessidade de trazer às claras os detalhes da sua atual condição civil, o que, no contexto de produção em questão, carregava índices de valoração negativa, como em *“Mesmo sendo o que sou, que aqui no sul consideram uma pessoa corrupta”*, *“nem dissesse como todo mundo faz, “deixa deste e pega outro”*, *“já passei da idade de andar de mão em mão”*, *“tenho duas irmãs moças e acho que uma ovelha negra na família deve viver longe das outras para não por o rebanho a perder”*. Essas inscrições demonstram outras vozes trazidas pela locutora/enunciadora, talvez da família, dos vizinhos e da cultura local.

O fato de ser uma jovem de 23 anos, que mora sozinha desde os 18, que se diz independente dos pais (*“já há 5 anos vivo independente dos meus pais, digo independente, na parte financeira ...”*) e que atualmente mantém um relacionamento com um homem já casado e com filhos para ter quem a sustente é algo que, para a autora do texto, tem sido motivo de muita infelicidade, devido à falta de amor e ao excesso de julgamentos e desconfianças.

Ao compararmos sua condição de vida aos valores e ideologias ainda presentes na época de 1973 - casamento, família, amor - somando às outras vozes que ela traz para o texto, podemos compreender que não só ela já apresenta dificuldades em atender às exigências masculinas para ser escolhida como esposa (*“você casaria com uma moça que já tivesse se entregado à outro homem? Considera que uma moça assim não possa ser uma boa esposa?”*) como também está sem esperanças de encontrar um amor e casar-se, que ainda era o ideal de felicidade para mulheres se considerarmos os estudos de Pinsky (2012) a respeito desse objetivo, que foi perpetuado por gerações. Essa dificuldade de encontrar a felicidade (*“falta-me uma coisa eu não consigo encontrar esta coisa que dizem Felicidade!”*) refere-se à falta de possibilidade de experimentar a vivência do casamento, a figura do marido presente em casa, pois embora ela tenha um relacionamento, vive sozinha, uma vez que seu companheiro tem a própria casa e família.

As tentativas de encontrar essa felicidade (*“de tôdas as cartas que escrevi não recebi resposta, joga mais esta ao vento”*, *“tenho certeza de que não receberei resposta da sua parte também”*, *“se eu sigo namoro por algum tempo sem nem ao menos deixar que me beijem eles somem”*, *“ou se conto no primeiro encontro tentam*

aproveitar-se e se somem também”) conseqüentemente também trazem características sobre o ethos discursivo da autora da carta, pois as informações indicam que ela é uma mulher que tem se envolvido com diferentes homens, mesmo já estando sob dependência financeira de um: *“tenho tropeçado em muitos rapazes”, “Faz 3 anos que dependo deste cidadão e até hoje só o traí uma vêz, da qual me arrependi e ele me perdoou pois o outro como muitos têm vontade só queria tirar casquinha e dar o fora”*. Com essas passagens, o valor de fidelidade e monogamia não se mostra presente no seu comportamento.

Ainda sobre outros valores condicionados à figura feminina, os quais ela parece fazer referência de que não os tem, como e *“quero uma foto sua, e a minha já vai nesta, não vá cair de susto, pois sei que sou feia”*, algumas características masculinas também eram valoradas no contexto sócio histórico da época, como a profissão resultante do ensino superior. Para os homens, os estudos sempre foram estimulados, e formar laços de matrimônio com um companheiro bem-sucedido profissionalmente fez parte do imaginário das mulheres justamente por essa característica ser também retratada nos meios de comunicação de massa da época (Morin, 1997), tal como a revista *Capricho*. Assim, o ethos prévio de interlocutor, do ponto de vista da locutora/enunciadora, parece despertar incredulidade: *“Karl, em primeiro lugar eu fiquei encucada é de você já estar com 30 anos e se dizer solteiro, é verdade??”, “pelo amor de deus! não me venha com o ‘papo’ de que não encontrou a ‘mulher ideal’”, “Eu não creio que você: Engenheiro, de nacionalidade alemã e com esta idade, já não tenha sido caçado por uma brasileira, ainda mais que as paulistas, dizem os daqui do Sul que, ‘elas são fogo’”*. Nestas duas últimas citações, a locutora/enunciadora mobiliza novamente outras vozes para argumentar a sua opinião sobre o fato de um homem bem-sucedido de 30 anos ainda não ter se casado.

A autora ainda traz um momento de autorreflexão após apresentar tantos detalhes da sua vida, pois ela sugere perceber que é uma mulher que apresenta muitos problemas para ser considerada digna de receber uma carta resposta: *“Karl, sei que não vais me escrever pois você não é psiquiatra nem padre para manter correspondência com gente confusa”*. Aqui, a locutora/enunciadora faz referência ao que parece ser um lugar comum de entendimento à atuação de um padre ou de um psiquiatra, que seria a de ajudar pessoas que estão passando por problemas, geralmente de ordem emocional.

Devido aos muitos atributos que ela exhibe sobre si, tanto os de valor positivo quanto negativo se observarmos o contexto sócio histórico da época, o quadro abaixo traz uma síntese do que foi mencionado pela locutora/enunciadora sobre si, a fim de melhor compreendermos como ela se mostra ao interlocutor.

Quadro 8 - Características positivas e negativas

Positivas	Negativas	Neutras
Branca	Pessoa mais complicada e insegura da face da terra	Brasileira
Super branca	Viveu 1 ano sem rumo	Gaúcha
23 anos	Tem relacionamento com um homem casado, pai de dois filhos, que a sustenta	Saiu de casa aos 18 anos
Alugou uma casa e mobiliou	Não tem outros meios de se sustentar, nem estudo e experiência	Gosta de cartas longas
Estudante (terminando o ginásio e cursando datilografia)	Uma pessoa corrupta	Gosta de poesias
Se arrependeu da traição	Tem se encontrado e se relacionado com outros rapazes	
Sofre por não ter coragem de voltar para casa (quer preservar as irmãs)	Traiu o atual companheiro	
Pretende continuar estudando	Confusa	
Respeita o companheiro	É provinciana e não saberia se comportar em uma cidade maior	
	Não ama o companheiro	
	Se considera feia (fisicamente)	

Fonte: a autora

A partir dessa síntese, o ethos discursivo da locutora/enunciadora é uma mulher que desejou ser independente e sair de casa aos 18 anos, mas que por não ter outras formas de sustento, optou pelo o que parecia mais fácil: aceitar um relacionamento com um homem casado e pai de família para, em troca ser sustentada. Por não o amar e por talvez desejar conquistar um homem solteiro para ter possibilidades de se casar, houve uma traição, da qual ela se arrepende mas carrega

as consequências da desconfiança por parte do companheiro. Com brigas frequentes, falta de amor e julgamentos externos, ela tem vontade de ir embora, morar em outro local, que ninguém a conheça e possa julgá-la. Como não tem recursos para tal, continua com o atual companheiro e também continua buscando encontrar novos parceiros. Envia muitas cartas, mas até o momento não recebeu respostas. Seu objetivo atual é receber uma resposta de Karl. Em resumo, é uma mulher que tomou uma séria de decisões reprováveis do ponto de vista valorativo para uma figura feminina da época de 1973. No entanto, apresenta argumentos como forma de justificar suas ações e se colocar na posição de vítima. Ela se apresenta como uma vítima que precisa de ajuda.

Para resumir o amplo cenário do ethos discursivo dessa autora, entendemos que ela se apresenta como: complicada, insegura, branca, super-franca, solteira, gaúcha, amante, estudante de datilografia, provinciana, se acha feia. A imagem que ela cria de seu interlocutor é a de um homem que não a responderá, pois sabe que ela não é mais casta, é corrupta. A autora manifesta os valores presentes na época em forma de perguntas: “*Você se casaria com uma moça que já tivesse se entregado a outro homem?*”, “*Considera que uma moça assim não possa ser uma boa esposa?*”, “*Gostas da boemia?*”, “*O que é para ti uma pessoa que gosta de viver na tal orgia?*”.

5.3.2 Modalidade patêmica e argumentação emocionada

Esta carta, além de fazer recorrência à emoção ao mobilizar valores relativos à mulher, conforme visto na seção anterior, também apresenta o que Plantin (2010) denomina como Determinações da Emoção, sendo as metáforas emocionais parte constituinte desta categorização. Logo no início do texto, a locutora/enunciador emprega a expressão “*jogo mais esta ao vento*” para explicar e argumentar ao seu interlocutor que, assim como não recebeu respostas das demais cartas que enviou, sabe que não receberá também uma resposta desta vez. No entanto, ainda que ela retome essa opinião ao final da carta, o início traz essa expressão de lugar comum, que geralmente é compreendida como algo que não irá retornar, tal qual o que acontece com algo lançado ao vento.

Outra metáfora emocional utilizada pela autora é a comparação que ela faz entre o frio que sente em sua casa e o frio climático do sul do país: “*Aluguei uma casa e montei-a, enchi de móveis, mas sinto-a gelada, fria como o Sul é gelado*”. Para

representar a frieza que sente em seu lar, por ele não trazer felicidade e amor (algo que ela detalha no decorrer do texto), ela aplica uma metáfora para que o seu interlocutor possa melhor compreender o que ela sente, experienciando o que viria a ser a sensação de frio e de gelo, ainda que por motivos diferentes (sentimental x climático).

Em continuidade ao uso de metáforas emocionais, a locutora/enunciadora também emprega essa estrutura da argumentação emocionada na passagem *“vontade louca de fugir e ir para o fim do mundo”*, para se referir à aflição que tem sido sua vida com a presença de *“desconfiança, rancores e brigas”*. Assim como em *“se eu não conseguir sair desta, juro que ficarei muito lelé da cuca!”*, trecho pelo qual a autora argumenta que ainda não está louca (*“Não pense que eu sou louca”*), mas que poderá sim adquirir essa condição caso não consiga sair da atual situação de vida em que se encontra.

Há também outra metáfora emocional que merece destaque, e que também é um lugar comum em relação ao membro da família que não segue o que esta valora: o argumento emocionado *“acho que uma ovelha negra na família deve viver longe das outras para não por o rebanho a perder”* é uma forma que a locutora/enunciadora encontra para justificar sua permanência na atual condição de vida (sendo sustentada por um homem casado) e não ter coragem (palavras dela) de voltar para a casa dos pais, local onde as irmãs moram. Com esse argumento, aliado aos demais fatores que ela apresenta relativa aos julgamentos (*“é que aqui no Rio grande do Sul, o povo têm esse modo de encarar as pessoas que fazem o que fiz como animais”*) a visada argumentativa de que ela é uma vítima e que precisa de ajuda de alguém de fora daquela região se mostra como a mais viável.

Dentro dessa linha de pensamento, que parece ser o argumentado pela locutora/enunciadora, a metáfora emocional *“se você resolver me escrever suas cartas serão uma gota de água num deserto”* expõe ao interlocutor que ela está sedenta, já sem esperanças, e que receber uma carta-resposta traria o alívio de que ela tanto necessita.

5.3.3 A utilização de valores ideais em discursos de visada argumentativa

As ideologias e os valores estão presentes num determinado grupo de pessoas com possibilidade de interações sociais (Ponzio, 2008). E ao analisarmos

esta carta, é possível identificar que as ideologias da época (casamento, família, amor romântico) não estão inscritos como ideais da autora da carta, inclusive porque ela sabe que o seu mantenedor é casado e tem filhos e, mesmo assim, não parece sentir arrependimento pela família dele, O arrependimento e frustração detalhados por ela parte do que ela mesma sente, da vida que ela leva, das situações e julgamentos que ela precisa suportar. Não há traços de interesse sobre como ele, ou sua família, reagem a isso.

E é por seu histórico e sua atual condição civil, de envolvimento com um homem casado, da mesma idade do interlocutor, que ela busca construir uma experiência emocional (ainda que seja de enfrentamento) para a sua visada argumentativa de acordo com as ideologias da época (casamento antes dos 30 anos), duvidando da afirmação de que seu correspondente seja solteiro (ethos prévio). Ao perguntar: *“Karl, em primeiro lugar eu fiquei encucada é de você já estar com 30 anos e se dizer solteiro, é verdade??”* e complementar com justificativas para a pergunta: *“não me venha com o ‘papo’ de que não encontrou a ‘mulher ideal’. Eu não creio que você: Engenheiro, de nacionalidade alemã e com esta idade, já não tenha sido caçado por uma brasileira, ainda mais que as paulistas, dizem os daqui do Sul que, “elas são fogo”!*, a locutora/enunciadora implicitamente afirma: 1) que supõe que ele seja casado; 2) que tem receio de se envolver novamente com outro homem casado (*“Bem mas no final desta você já vai estar entendendo o porque desta pergunta assim tão direta e um tanto indiscreta”*).

Por não dispor de possibilidades verossímeis de mobilizar os valores ideais comuns à época, como virgindade/castidade para ser escolhida como esposa (*“você casaria com uma moça que já tivesse se entregado à outro homem? Considera que uma moça assim não possa ser uma boa esposa?”*), visto que ela já não é mais virgem, mas, mesmo assim, deseja ser uma boa esposa, a locutora/enunciadora recorre a metáforas para demonstrar parte de seu sofrimento e destaca valores universais, como franqueza, e também valores femininos, de jovialidade e raça: *“sou brasileira, gaúcha, branca, super-franca e tenho 23 anos, solteira”*. É por se apoiar nessa franqueza valorada que ela busca apresentar toda a sua trajetória pessoal e afetiva, a procura de um amigo confidente que more distante: *“eu gostaria muito mesmo de ter um amigo bem longe, que me entendesse e ao menos não me reprovasse”*.

Outro valor ideal mobilizado pela locutora/enunciadora vem na forma de pergunta *“Gostas da boemia?”*. Ao longo da carta, a autora cita que seu atual

companheiro faz uso de bebidas alcóolicas, e que isso tem dificultado a relação deles, pois há muitas desconfianças e brigas. Indiretamente, ela retoma essa pergunta, e também as do parágrafo anterior, de modo a comparar o interlocutor com o seu atual companheiro de mesma idade, pois essa é a sua principal referência de comportamento masculino. Talvez, ela tenha o primordial desejo de se certificar que o interlocutor não é como o atual companheiro: casado, que gosta da boemia, e que não a quer para casamento, pois ela não seria uma boa esposa por já ter se entregado a outros homens.

Por fim, é válido destacar que ela já está de mudança para um novo endereço, mas não informa onde passará a residir. Diz apenas que, caso a resposta da carta ocorra depois de tempo, ela não será mais encontrada. “*Vou colocar o endereço novamente aqui para não esqueceres que se demorar mais de um mês talvez não me encontres mais*”. Essa inscrição, por não haver o complemento do futuro endereço, é um argumento para que ele se apresse em respondê-la. É como se ela estipulasse um prazo para receber esta resposta

Além desse argumento (“*talvez não me encontres mais*”), há outro: “*pois o contrato desta casa já está no fim e eu não quero que sua carta caia em mãos da ‘coroa’ que virá morar aqui pois ela tem uma língua maior que o corpo, e que corpo! pois pesa 110*”. Nesta última inscrição a ser analisada, além de recorrer a mais uma metáfora para explicar o tamanho da língua da nova moradora (maior que um corpo de 110 quilos), o que por si só (tamanho da língua) já é uma metáfora direcionada a quem fala muito, principalmente da vida alheia, a locutora/enunciadora argumenta que, caso ele escreva a carta após a data estipulada por ela, ele estará aumentando ainda mais toda a situação de julgamentos que ela já explicou, pois a nova moradora, que gosta de falar da vida alheia, falará da troca de correspondências. Em resumo, seria o equivalente a dizer: caso você me responda após 30 de agosto, você: 1) não me encontrará mais - e isso será ruim para você; 2) outra pessoa terá acesso à sua carta - e isso será ruim para mim.

5.3.4 Análise do trecho complementar

Outra carta que compõe a coletânea e também mostra uma visada argumentativa um pouco menos explícita é a T64, emitida por uma mulher, em Campos do Jordão. De todas as correspondências, essa é uma das poucas

datilografadas e a única que traz traços ideológicos e valorativos muito diferentes, na contramão do que vinha sendo vivido e perpetuado há gerações e ainda presente na primeira metade da década de 1970.

“Vi seu anúncio na revista “Capricho” e como sou vidrada em alemães, principalmente se são loiros, altos e de olhos verdes, estou te escrevendo.

E como você pede foto na primeira carta, aqui vai uma, só que não repare de lhe mandar assim na primeira um “topless”, mas é que meu estoque de fotos está no fim, e como não quero lhe mandar uma outra em que apareço com cara de santinha e flores na mão, de short, resolvi mandar-lhe esta mesmo.”

“Só sei que é frio paca, inda mais agora no inverno, e eu que adoro o calor para poder andar do meu jeito, isto é, quase peladona, com shorts, micros, frente-únicas, transparências, etc.”

“Você já deve ter percebido que sou uma garota prafrentex”

“Se puder, mande-me uma foto sua, sabe, eu não faço questão de beleza, mas sim que meus correspondentes sejam homens, mesmo.”

“Gostaria de viver na Scandinavia, qualquer dos três países, talvez melhor na Dinamarca, pois aprovo a filosofia deles. Acho o nosso código moral muito careta, fábrica de neuróticos, e sou por uma liberdade sexual mais ampla para todo mundo.”

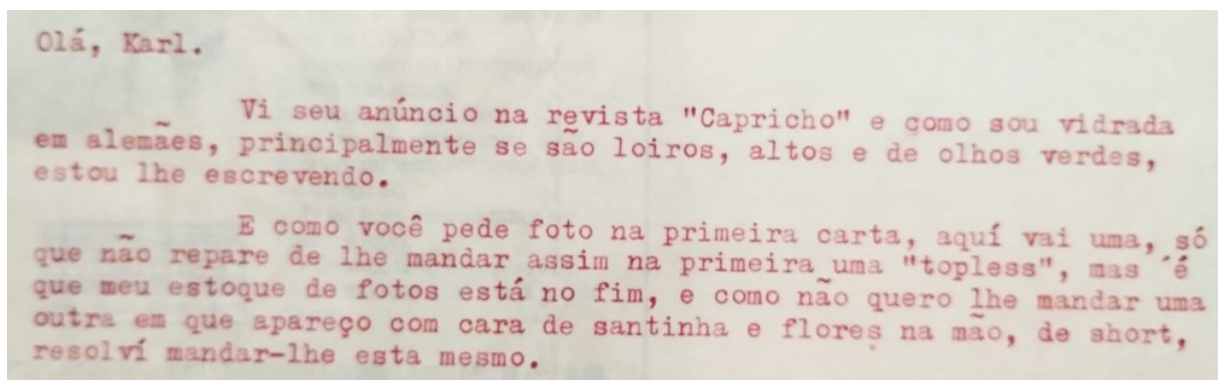


Figura 8 - Trecho da carta T64

Os trechos desta carta revelam que o ethos discursivo construído pela locutora/enunciadora trata-se de uma mulher que já não concorda com os valores e ideologias que ainda estavam tão presentes em algumas culturas, incluindo a

brasileira (castidade/virgindade, casamento, família). Para ela, mostrar-se de maneira condizente ao que faz (como topless) não é motivo de vergonha ou de julgamentos. No entanto, ainda assim, por saber que as discussões a respeito dos papéis femininos na sociedade ainda estavam muito principiantes no Brasil em 1973, ela demonstra uma certa preocupação sobre o que o interlocutor poderá ou não interpretar com essa atitude (prática do topless, registro e envio da fotografia): *“só que não repare de lhe mandar assim na primeira um ‘topless’”*.

A maior liberdade em expor o corpo e afirmar que tem essa conduta no seu dia a dia, ainda com as limitações climáticas de Campos do Jordão (*“Só sei que é frio paca, inda mais agora no inverno, e eu que adoro o calor para poder andar do meu jeito, isto é, quase peladona”*) evidenciam que a locutora/enunciadora rompe com o estereótipo da mulher discreta, com *“cara de santinha e flores na mão”* para mobilizar outros valores, talvez ainda não presentes no ano de 1973 no Brasil, mas já normalizados em outros países, como nos da Escandinávia (pelo o que ela cita na carta). Dentre os valores mobilizados, ela recorre ao termo *“prafrentex”*, um lugar comum para designar pensamentos modernos, progressistas, para frente, e também afirma que *“não faz questão de beleza”*, outro lugar comum que é atribuído a formas de pensar não superficiais ou fúteis. Esta última descrição sobre si, embora seja complementada pela informação *“mas sim que meus correspondentes sejam homens, mesmo”* indica que a locutora/enunciadora tem diferentes correspondentes masculinos, algo que, não só ela não omite, como também justifica o fato de ela dizer: *“meu estoque de fotos está no fim”*.

Pelo o que parece ser uma genuína vontade de manter a prática de troca de correspondências com homens para o intercâmbio de ideias, somado ao fato de que ela se diz *“vidrada em alemães”*, é que a visada argumentativa da carta aponta em diferentes direções, ora por refletir que ela deseja apenas uma amizade, para ter com que se corresponder e aumentar seu círculo de correspondentes, ora indica que ela quer se corresponder apenas com homens, ainda que eles não sejam bonitos. Aqui, o ethos prévio que a locutora/enunciadora tem do interlocutor por ele se apresentar como alemão pode ter sido fator decisivo para o envio da correspondência, pois além de ela se dizer *“vidrada em alemães”*, comumente as pessoas de nacionalidade alemã apresentam os atributos físicos que ela gosta: *“loiros, altos e de olhos verdes”*. Dessas características, apenas a altura já estava descrita no anúncio: 1,81m.

Ao mobilizar argumentos que justificam sua forma de pensar, ela demonstra que tem conhecimento sobre a cultura de outros países e concorda mais com elas do que com as brasileiras: *“Gostaria de viver na Scandinavia, qualquer dos três países, talvez melhor na Dinamarca, pois aprovo a filosofia deles. Acho o nosso código moral muito careta, fábrica de neuróticos, e sou por uma liberdade sexual mais ampla para todo mundo”*. Pelo fato de a Dinamarca ser uma região da Europa, assim como a Alemanha, a locutora/enunciadora sente-se à vontade para abordar essas questões por inferir que seu interlocutor alemão possa eventualmente já estar mais adepto a essa forma de pensar. Além de selecionar o valor de *“liberdade sexual mais ampla para todo mundo”*, ela recorre a uma metáfora para simbolizar como ela vê o código moral brasileiro: *“fábrica de neuróticos”*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emoção e argumentação podem estar relacionadas ainda mais fortemente do que podemos conceber. Isso porque, todo discurso construído com uma visada ou uma dimensão argumentativa parece carregar, em maior ou menor grau, uma premissa emocional. O que o presente estudo mostrou é que a argumentação emocionada, constituinte do discurso (Amossy, 2018) e materializada também no texto (Plantin, 2010), merece e precisa de uma análise aprofundada para a melhor compreensão das suas formas de manifestação, seja ela explícita ou não.

E é nesse sentido que a emoção parece ser o cerne das estruturas argumentativas quando o seu resultado objetiva um acordo entre as partes, entre o orador e o seu auditório, ou entre seu locutor e seu interlocutor. Trata-se de olhar para dentro e para fora para buscar os elementos que possam favorecer uma real conexão entre os envolvidos no processo argumentativo, mobilizando crenças, valores e ideologias, criando laços e experiências que não serão quebradas ou refutadas facilmente.

As teorias delineadoras da argumentação, tanto no discurso quanto no texto, somadas aos estudos da modalidade patêmica e da emoção, construíram para este estudo uma base sólida para a aplicação de tais conceitos num corpus composto por valores e ideologias em relação, principalmente, ao público feminino na primeira metade da década de 1970. São 50 anos de muitas movimentações e mudanças que passam a ser melhor entendidas ao observarmos o passado e identificarmos o que foi gentilmente compartilhado pelas mulheres em termos de sentimentos e perspectivas de vida.

Após o percurso teórico e analítico do corpus, a conclusão desta pesquisa apresenta possibilidades em resposta à questão problema, para a qual propusemos analisar o emprego da emoção como recurso argumentativo no gênero carta de autoapresentação para novas amizades, categorizadas conforme a ação visada do discurso presente na correspondência: amizade, relacionamento amoroso e outros interesses, em que a recorrência à emoção, via diferentes elementos geradores de comoção (textuais ou discursivos) foram empregados pelas autoras, que, à priori, tinham apenas um contato e uma promessa de trocar de cartas para formação de uma nova amizade.

Tanto na construção da imagem de si (ethos discursivo), como na concepção da imagem do interlocutor (ethos prévio), o emprego de estereótipos, valores, crenças e lugares comuns da década de 1970, no Brasil, mostraram-se técnicas recorrentes para apresentar interesses e justificar escolhas, tendo em vista as visadas argumentativas de cada carta. Embora o cenário temporal fosse o mesmo, e tenha havido uma convergência da intenção principal (corresponder-se por cartas), cada autora direcionou a sua escrita conforme seu próprio repertório de vida, de sentimentos e de argumentos.

Ao considerar que a questão problema era analisar se há aspectos valorativos ideais para empregar a emoção em nosso discurso quando dizemos algo sobre nós, quando nos autoapresentamos, com a intenção de conquistar a simpatia e a amizade de uma pessoa, concluímos que a presente pesquisa evidenciou que o emprego da argumentação emocionada está presente nos discursos e textos autoapresentativos para novas amizades, ainda que haja a exibição de características não valoradas ou, até mesmo, reprováveis. Mesmo assim, há recorrência a valores ideológicos para justificar determinados comportamentos, comprovando que a aplicação de ideologias e crenças (acordo com o preferível) estão presentes nesse contexto interacional: conversa medida por carta para início de uma amizade.

Os objetivos específicos também foram cumpridos: i) as cartas da coletânea foram identificadas e categorizadas com base na característica predominante do seu conteúdo (visada argumentativa para amizade, ou relacionamento amoroso, ou outros interesses). Para este objetivo específico, todas as cartas foram lidas, fisicamente separadas primeiramente pela sua característica discursiva (visada argumentativa) e, na sequência, pela sua materialidade discursiva (detalhamento do texto, quantidade de informação compartilhada com vistas a possibilitar a análise). Para o segundo objetivo específico, ii) descrever o papel do texto escrito enquanto modelo de tecnologia disponível à sociedade, foi demonstrado o seu alcance de interação ao evidenciar a possibilidade de fazer um estudo no tempo presente tendo como corpus um conjunto de cartas produzidas há 50 anos, por pessoas que residiam em locais geograficamente distantes. A tecnologia da escrita permitiu uma interação social na época e volta a fazer isso atualmente, comprovando a possibilidade de quebrar as barreiras do tempo e do espaço.

O terceiro objetivo específico, iii) categorizar formas de argumentação emocionada no gênero em questão e tendo em vista a noção de modalidade

argumentativa patêmica; e o quarto, iv) analisar a construção do *ethos* discursivo em relação ao discurso emocionado, foram cumpridos em consequência da identificação do emprego da emoção como recurso e estratégica para o estabelecimento do acordo, bem como a evidência da criação do *ethos* discursivo das autoras das cartas para obter adesão às teses propostas por elas.

Saber suscitar uma emoção no interlocutor é uma maneira de argumentar o ponto de vista que está sendo apresentado. Mais do que buscar a mera aceitação, ou o transitório convencimento, o orador que souber fazer da argumentação emocionada o alicerce do seu discurso oferecerá ao seu auditório não só o conhecimento para saber ou para fazer, mas também para sentir. E será apoiada nesse sentimento que todas as demais informações do discurso, falado ou materializado em texto, serão lembradas.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.M. **A linguística Textual**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ADAM, J.M. **Textos** - Tipos e protótipos. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, R. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução: Eduardo Lopes Piris, Moisés Olímpio-Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, jun./nov. 2011.
- AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo. Contexto. 2017.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (orgs) **Análises do Discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.
- AMOSSY, R. Contribuição da nova retórica para a AD: o estatuto do logos nas ciências da linguagem. In: EMEDIATO, W.; LARA, G. **Análises do Discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. v.4, p.11-28
- AMOSSY, R. **Imagem de si no discurso: a construção do ethos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ANDRE, M; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais** - Tipificação e Interação. In: DIONÍSIO, A.P; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.). **Gêneros textuais** - Tipificação e Interação. Recife: Pipa Comunicação, 2020.
- BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CAGLIARI, L. C. **A história do alfabeto**. 1ª ed. São Paulo: Paulistana, 2009.
- CAMINHA, P. V. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Ed. Bolso. São Paulo: Editora Vozes, 2019.
- CATELÃO, E. M. Quando se perde o sentido da vida: valores em textos suicidas. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 19, p. 47-67, ago.2019.
- CATELÃO, E. M. **Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob a perspectiva textual/discursiva e retórica**. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- CATELÃO, E. M.; CORTEZ, S. L. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **Entre Palavras - Revista de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas da UFC**, Fortaleza, v.12, n. esp., p. 116-134, out.2022.

- CAVALCANTE, M. M.; *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019.
- CAVALCANTE, M. M.; *et al.* O apelo ao pathos em textos e a modalidade argumentativa patêmica. **Revista Investigações**, Recife (PE), v. 33, n. esp., p. 7-26, 2020.
- CAVALCANTE, M. M.; *et al.* **Linguística textual: conceitos e aplicações**. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. (orgs.) **As Emoções no Discurso**. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- CORTÊS, I. R. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 260-285
- CORREIO IMS - INSTITUTO MOREIRA SALES. Acervo de cartas. Disponível em: <https://correio.ims.com.br>. Acesso em: 12 out. 2022
- COULMAS, F. **Escrita e sociedade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016.
- FARACO, C. A. **Linguagem escrita e alfabetização**. 1ª ed. São Paulo. Contexto, 2012.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- GNANADESIKAN, Amalia E. **The writing revolution: cuneiform to the Internet**. 1 st edition. Chichester: Willy-Blackwell, 2009.
- GUERRA, E. L. A. **Manual: pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.
- LUCA, T. R. Mulher em revista. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MIGUEL, R.B.P. **A revista Capricho como um “lugar de memória”** (décadas de 1950 e 1960). 2009. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

- MIGUEL, R.B.P. De “**moça prendada**” à “**menina superpoderosa**”: um estudo sobre as concepções de adolescência, sexualidade e gênero na revista *Capricho* (1952 – 2003). 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- MOTA, A. B. Elas começam a aparecer. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 84-104
- MORIN, E. **Cultura de Massas no Século XX** (O Espírito do Tempo -1 Neurose). 9. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.
- OGLIARI, I. N. Romantismo: contexto sociopolítico e cultural. In: PEREIRA, M. E. M. *et al.* **Literatura brasileira: do quinientismo ao romantismo**. Curitiba: Intersaberes, 2013. p. 100-111
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- PERELMAN, C. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PHILLIPS, B. S. **Pesquisa social: estratégias e práticas**. Tradução de V. Paiva. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- PINSKY, C. B. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469-512
- PINSKY, C. B. A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, C.B.; PEDRO, J.M. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 513-544
- PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I. (orgs.) **As Emoções no Discurso**. v. 2. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 57-80
- PLANTIN, C. **A argumentação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.
- POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- REVISTA *Capricho*. n. 330. São Paulo: Editora Abril, 1973.
- VARGAS, M. Prefácio. In: GRINSPUN, M. P. S. Z. (Org.) **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VIOLI, P. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. In: BEZERRA, B.G; RODRIGUES, B.B; CAVALCANTE, M.M. (orgs) **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Universidade de Pernambuco, 2009. p. 45-61
- VOLOCHÍNOV, V.; BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

ANEXO A - Carta de Carlos Drummond de Andrade

Rio, 8 de dezembro, 1925.

Querida Rachel:

há um pouco terminado o ano sem lembrança de um pecado de omissão cometido contra O folio de casa. O volume ficou perdido numa pilha de livros que se acumulava a um canto de escritório - esse escritório mal organizado de uma sujeito que se afirma de organizado - e só há pouco o recuperei. Óra, não adianta: lá e permanece como de primeira vez, nos primeiros do langue, encantado e perdido mais. Que retrato vivo do Rio de época recente, sobretudo simpático pela falta de chameado progresso! Vou salvar a Ilha, na memória literária do espírito dos novos tempos. E faz um livro para sempre.

Obrigado, um carinho a bordo
do seu velho e fiel amigo
Castro

ANEXO B - Carta T261 (amizade)

Guarulha, 13 de agosto 1973. (1)

Oi! Karl...

^Sabe? hoje estou super triste pois a coisa que eu mais detesto é fazer um negócio e não dá certo, eu estudo italiana, tenho 16 anos, 1,70 mt, alho e eu bebo bastante e a coisa que neste momento, estou com uma grande vontade é de fazer novas amizades, sair um pouco dessa vida, eu aqui no colégio vivo como se fosse um pássaro preso numa gaiola mas a gente tem que passar por tudo nessa vida.

Nunca o mundo é como a gente quer. Karl, eu achei o seu nome muito bonito, espero que eu e você sejamos bons amigos, pois no mundo que vivemos se não houver amizade não existiria paz.

Eu quando estava dando aula de catecismo me deu uma vontade de fazer novas amizades com outras pessoas que também deseja o mesmo.

(2)
 que eu, que sou percursor, estava
 folheando a revista Capicão e a
 irmã chega por trás de mim
 e dá aquele sermão, mas um
 dia eu saíi daqui e viver a
 vida com mais sentido, pois eu
 odio tudo isso daqui, pois tem
 hora que num parece uma pessoa,
 e sim uma estátua rodeada por
 todos os lados de sílias.




Eu moro em S. Paulo só que estudo
 interna aqui em Marília, porque
 meus pais querem.

Tom, espero que sejam bons ami-
 gos.

E que você me responda a carta
 sinceramente, e em breve.

E se possível gostaria de ganhar
 uma foto sua, seerei muito grato.

Se feliz
 é o que deseja sua nova amiga:

  
 mais prefiro que me chame -12

Mando-lhe minha foto! (3)

"[redacted] [redacted] [redacted]"
Gostou? ..

Um pensamento à você?

"Sentirás que ama alguém
quando sentiras que não
és mais amado?"

Meu endereço

[redacted] [redacted] [redacted]

Colégio Sagrado C. de Jesus
av. Nelson Spilmann nº 746
Marília. S.P.

Código = ~~15~~ 17.500

até, Karl...

ANEXO C - Carta T146 (relacionamento amoroso)

Afogados da Sangueira. 21. 7. 1973.

Inesquecível desconhecido

A primeira vez que os meus olhos
tiveram a ventura de ler o fantasma da
amizade. Senti um sobressalto encantador,
me revelou que alguém como você havia
de deliciar da minha sorte. O meu coração
desse-me eu amo. E todos esforços que fiz para
esquecê-lo foram inúteis. Nos cantos
melodiosos das ardezenhas, no suave perfume
das flores e em tudo enfim vejo o seu suave
perfume. Toda via nada há mais natural e
mais digno do que amor.

E por este amor que apenas deu-lhe dedicar.
Me senti como estivesse ao seu lado.
Você foi a única pessoa que não saiu do
meu pensamento.

Acredite que sinto por você uma dessas paixões
que jamais pode se afastar do coração que
predomina o destino da vida.

Você foi o primeiro homem da minha vida.
Tua coragem para mim desparar não
meo confio. Mas sua simpatia e atrevo-
me a conservar a esperança de que você me
faria feliz. No posso eu receber uma resposta
e você não destruir os meus, sonhos
de felicidade.

Seja em laudavelmente, me seja sincero
na resposta. Sua.

Admiradora

descebe eu lhe mandar esta fotografia
que foi no dia da minha formatura de
Coste e Costura.

ANEXO D - Carta T167 (outros interesses)

Bagé, 23 Julho 1973

Caro Karl.

Creio ser esta a milésima carta que escrevo à rapazes que edocam nas revistas e anúncios para corresponder-se com pessoas de outros lugares e como hoje estou sem ter com quem desabafar e de todas as cartas que escrevi não recebi resposta, logo mais esta ao vento.

Digo isto porque tenho certeza de que não recebi resposta da sua parte Também mas... Bem, sei que já comecei complicando acho que é por isto que nenhum se cansou em pensar em responder minhas cartas, pois me julgo a pessoa mais complicada e insegura da face da terra.

Karl, em primeiro lugar eu fiquei encucada é de voce já estar com 30 anos e se dizer solteiro, é verdade??

Bem mas no final desta voce já vai estar entendendo o porque desta pergunta assim tão direta e um tanto indiscreta, mas pelo amor de Deus! não me venha com o "papo" de que não encontrou a "mulher ideal". Eu não creio que voce - Engenheiro, de nacionalidade alemã e com esta idade, já não tenha sido caçado por

uma brasileira, ainda mais que as Paulistas dizem os daqui do sul que, "elas são fogo".!

Já, vou te saltar um pouco e falar de mim sou brasileira, gaúcha, branca, super-franca e tenho 23 anos, solteira, nasci em 24 de Outubro de 1949, portanto ainda este ano entra, nã para os 24 justamente dia 24-10-73. certo?

Como na revista pedes amizade, eu também lhe peço que como amigo me responda com sinceridade à todas as minhas perguntas. Primeira: Você casaria com uma moça que já tivesse se entregado à outro homem? Considera que uma moça assim não possa ser uma boa esposa? Gostas da boemia? O que é para ti uma pessoa que gosta de viver na tal de orgia? Olhe, pergunto esta última, porque não entendo o significado e nem sei se escrevi corretamente a palavra.

Karl, eu não sei se estou sendo clara, só lhe peço que não confunda minha pessoa com minhas perguntas tá?

Que diria você se eu lhe contasse que já há 5 anos vivo independente dos meus pais, digo independente, na parte financeira pois moralmente eu só dependo em parte deles. Saí de casa com 18 anos, vivi 1 ano sem rumo

certo, depois resolvi parar, pensar e mudar.

Pariei, pensei, mas não consegui até agora mudar de vida totalmente.

Aluguei uma casa e mantive-a, enchi de móveis, mas sinto-a gelada, fria como o Sul é gelado, falta-me uma coisa e não consigo encontrar esta coisa que dizem Felicidade!

Sou estudante agora, estou terminando o ginásio e cursando dactilografia, mas não sei porque sinto um peso quando tenho que ir para casa uma vontade louca de fugir e ir para o fim do mundo, onde não haja desconfiança, rancores, brigas nem nada de mais.

Criio que você esteja se perguntando: "Como ela arranja dinheiro para se manter": Eis a resposta, tenho um "amigo" da sua idade, porém casado e pai de 2 crianças, sei que é errado mas como eu não tinha outro meio nem estudo nem profissão alguma além de inexperiência, achei este o mais fácil, e só agora é que vejo que facilidade é que não há! Ele bebe, e complica tudo, tudo, tudo, só nunca me bateu pois o resto nem te conto!

Não pense que eu sou louca, mas pode crer, que se eu não conseguir sair desta, juro que ficarei muito dele da cuca!

Mesmo sendo o que sou, que aqui no sul con-
 sideram uma pessoa corrupta, eu tenho tropicados em
 muitos rapazes, mas o que mais me encaixa é que
 se eu saio na mão por algum tempo sem nem do menos
 deixar que me beijem eles sempre, depois vem outro e carícias
 não faltam, quem depois como já te disse são super fran-
 ca e conto que tenho um galho logo "puff" sempre da se-
 conto no primeiro encontro. Já tem a prole e se
 sempre também, porque eu não acho certo enfiar ca-
 beças entende? Faz 3 anos que dependo deste cidadão
 e até hoje só o abraçei uma vez, da qual me arrepen-
 di e ele me perdoou pois o outro como muitos têm a
 vida só queria tirar a minha e dar o fora, agora me
 diga se eu sou de mãos-por complicada? só em
 part, sei que não mais me escrever pois a mãe
 é psiquiatra nem padre para manter correspondência
 com gente confusa, mas creia, eu gostaria muito
 mesmo de ter um amigo bem longe que me enten-
 desse e ao menos não me reprovasse nem dissesse
 coisa toda mundo faz, "deixa deste e pega outro", mas
 eu já perdi a idade de andar de mãos em mãos,
 já sou bastante e não tem coragem de voltar pa-
 ra a casa dos meus pais, pois tenho duas irmãs
 moças, acho que vou a olho negro a família
 de quem viver longe das outras para não por o rebanho
 a perder, não ria por favor e que aqui no Rio gran-
 de do sul, o povo tem esse modo de encarar as coisas

que fazem o que fiz como os outros mais, o
 que me deixa ainda mais sem esperanças
 viajar para uma cidade como a sua, só,
 nem penso, pois seria um desastre para mim
 pois sou super provinciana e jamais saberia
 comportar-me como minhas amigas, algumas
 pois quase não tenho amigas. E nem procuro
 porque não sei me comunicar com gente que
 erra, erra, e acha que errando, é que a gente
 acerta. Estou obrigada sup como é por favor
 Pretendo tentar continuar estudando, mas
 não sei se conseguirei pois o homem que
 além de eu não o achar, só o respeitar, não
 me dá paz, acha que o que lhe fiz alguma vez,
 faço todos os dias com a desculpa de ir para
 a aula, que é um inferno, mas não sei se
 Você cre que exista amor? É o que é o
 amor de homem? A resposta por favor, mas
 Karl, de uma coisa está certo, se você
 Schert me escrever suas cartas serão um a gota
 de água num deserto e eu as responderei todas.
 Tenho uma foto sua, e a minha já está
 nesta, não vá cair de gosto, pois sei que
 sou feia e, além disto super ansiosa para sa-
 ber que alguém de longe como está, mesmo sa-
 bendo de tudo sobre mim, resolveu ser meu
 amigo e confidante. sou met avo, ludo et

Alhe, se você quiser me responder, saiba desde já, que gosto de cartas longas, que contem-me tudo, seja isto certo ou errado, bonito ou feio. mas que em tudo haja sinceridade!

Gosto de poesias, e se você quiser envie-me uma por pequena que seja, eu adorarei.

sem, creio que já estijas cheio desta e espero que não o tenha apavorado muito e se achares que deves responder, responde o mais rápido possível pois estou para mudar de endereço e isto talvez seja dentro de um mês pois o contrato desta casa já está no fim e eu não quero que sua carta caia em mãos da "coroa" que virá morar aqui pois ela tem uma língua maior que o corpo, e que corpo! pois pesa 110 quilos.

Te han e escreva logo, logo. Já?

Fiz 30 de agosto será este.

Vou colocar o endereço novamente aqui para não esqueceres que se demorar mais de um mês talvez não me encontres mais.

Bagé
Rio Grande do Sul